· PPG.AV · ECA · USP ·

travessias regenerativas, alquimia poética e o feitio de mundos possíveis

Carolina Teixeira Pires

São Paulo
2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Carolina Teixeira Pires

TRAVESSIAS REGENERATIVAS, ALQUIMIA POÉTICA E O FEITIO DE MUNDOS POSSÍVEIS

São Paulo
2021

CAROLINA TEIXEIRA PIRES

TRAVESSIAS REGENERATIVAS, ALQUIMIA POÉTICA E O FEITIO DE MUNDOS POSSÍVEIS

Versão Corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de doutora em Artes Visuais.

Área de Concentração: Teoria, Ensino e Aprendizagem da Arte.

Linha de Pesquisa: Fundamentos do Ensino e da Aprendizagem da Arte

Orientadora: Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Pires, Carolina Teixeira
Travessias regenerativas, alquimia poética e o feitio de mundos possíveis / Carolina Teixeira Pires; orientadora, Maria Christina de Souza Lima Rizzi. - São Paulo, 2021.
374 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. Arte/Educação. 2. Abordagem Triangular . 3. Investigação Poética. 4. Alquimia Poética. 5. Amazônia. I. Rizzi, Maria Christina de Souza Lima. II. Título.

CDD 21.ed. - 7

PIRES, Carolina Teixeira. **Travessias regenerativas, alquimia poética e o feitio de mundos possíveis**. 2021. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2021.

Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Artes.

Aprovada em: 18 de outubro de 2021

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi (orientadora)
Instituição: PPGAV • ECA • USP
Julgamento: Aprovada
Assinatura:

Profa. Dra. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa
Instituição: PPGAV • ECA • USP
Julgamento: Aprovada
Assinatura:

Profa. Dra. Roberta Marques do Nascimento (Roberta Estrela DÁlva)
Instituição: Pesquisadora independente
Julgamento: Aprovada
Assinatura:

Profa. Dra. Tarcila Lima da Costa
Instituição: UNESP / Bauru
Julgamento: Aprovada
Assinatura:

Profa. Dra. Margarete Barbosa Nicolosi Soares
Instituição: UNIMES
Julgamento: Aprovada
Assinatura:

São Paulo
2021

dedico este trabalho
à chama essencial
viva
em cada ser

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço pela concessão da bolsa que viabilizou a elaboração dessa Tese.

Agradeço à minha orientadora, a Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi pela orientação tão respeitosa e conectada com o Todo. Pela escuta sensível e profunda, pelos apontamentos precisos, pela coerência manifesta entre o que ensina e o que toma forma através de sua maneira de ser e de atuar. Agradeço pela boa amizade e maravilhosa parceria que estes 15 anos de "fazer junto" na Universidade de São Paulo (e além dela) nos possibilitaram. Que venham muitos outros ciclos. Agradeço pois seu exemplo e o trabalho que você realiza em diversos planos tem colossal influência no ser, na artista, na arte/educadora e na pesquisadora que sou; co-laborando para que eu seja um ser melhor e para que eu consiga contribuir com mais qualidade com a Vida em todas as suas dimensões.

Agradeço a todos que atuam no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e a todos os professores com os quais tive oportunidade de conviver e cursar disciplinas, que tanto enriqueceram minha pesquisa.

Agradeço em especial aos professores Marcos Ferreira-Santos (FEUSP) e Evandro Carlos Jardim (CAP•ECA•USP) pelas contribuições em minha banca de Qualificação que foram não apenas cruciais para os rumos que a pesquisa tomou na academia, mas para o desenvolvimento e evolução de minhas investigações poéticas como um todo e de minha relação com a Arte.

Agradeço infinitamente ao meu Juramidã e a toda a egrégora do Santo Daime, por ancorarmos na Terra essa escola espiritual que permite que cada um de nós possa ser quem É, possa trabalhar em prol de sua evolução e da evolução do Todo. Mestre Raimundo Irineu Serra, Padrinho Sebastião Mota de Melo, D. Cecília Gomes de Nazaré e toda a Corrente Universal, que esta tese, como oferenda, possa expandir a luz que acessamos dentro e fora de nossas reuniões e contribuir com o processo de regeneração planetária do qual participamos ativamente.

Agradeço ao meu amado companheiro Valmir Alves Serra, meu complemento divino. Cada pedacinho deste trabalho está repleto da tua presença, da tua participação. Esta pesquisa é nossa. Que possa ser mais uma semente boa no jardim de nossa vida.

Agradeço a minha família, que tanto me ensina dia a dia sobre a beleza, a potência, os desafios e os benefícios de se viver em meio à diversidade. Minha vida é mais colorida, graças à vocês. Meus avôs e avós, 'in memoriam'. À Iara Teixeira Pires, minha mãe, e Flavio de Almeida Pires, meu pai, por absolutamente tudo! Por terem me dado a vida e permitido que eu fosse quem sou. À Anna Chien de Almeida Pires, minha mãe-drasta, Messias Roberto Chacur, meu pai-drasto. Meus sogros amados, D. Altina Alves Serra e Sr. Paulo de Assunção Serra. Meus irmãos Renata Teixeira Pires, Humberto Chacur, Isabel Chacur e Pedro Chien de Almeida Pires. A todos os meus cunhados e cunhadas e, em especial, à Recislene Nascimento, sempre parceira, e à Ana Gregória Alves Serra e Valerio Alves Serra que estiveram conosco na Aldeia Nova e estão presentes nas imagens compartilhadas neste trabalho. A todos os meus sobrinhos, em especial Érica, Miguel, Germano Guilherme e Tarumin Serra Mondin, que compartilharam conosco tantas aventuras nesta imersão na floresta, e à Clara Caldas Serra, sempre perto da gente, que agora está trazendo à terra nossa sobrinha neta, Soloína. Agradeço também aos meus enteados, nossos filhos - meus de coração, Junaída Mendes Serra e João Noé Mendes Serra, e aos seus familiares, nossos parentes. Somos uma só família.

Agradeço às minhas amigas, amigos e colegas de nosso círculo de orientação no PPGAV, por navegarmos juntos nessa "barca", querendo bem e fortalecendo uns aos outros.

Agradeço à Larissa Néri de Oliveira Campos, irmã amada, pela parceria incondicional e pela revisão cuidadosa desta tese. À ela, ao Cristiano Ribeiro Vianna e à Kelen Costa de Freitas, da Associação Sabiá, agradeço muito pelo trabalho que desenvolvemos juntos e por todo apoio dado para eu conseguir realizar com qualidade esta pesquisa.

Agradeço à Claudia Schapira, minha amiga-irmã de alma pela conversa mágica que mobilizou-me a voltar a pintar. Por nossa boa amizade, por essa conexão impar para além do espaço-tempo e por tudo o que o seu ser me inspira a ser.

Agradeço às manas amadas Roberta Estrela D'Alva e Tatiana Lohmann, por tudo o que compartilhamos e pela colaboração por meio da oficina de Criação, Direção e Produções de Narrativas Documentais, realizada no Museu da Imagem e do Som (MIS) em 2018, que muito inspirou este trabalho.

Agradeço a todes artistas que, pela força de sua poesia, de sua expressão, de sua arte, co-laboram para a expansão e libertação das consciências e para o semear mundos possíveis; uma vez que a realidade em que vivemos reflete o alcance de nossa compreensão sobre o Todo.

A todas as minhas comadres, compadres, afilhadas e afilhados. Às minhas amigas, amigos, irmãs e irmãos do Santo Daime e de grupos ayauaskeiros parceiros. Aos buscadores da vida e da espiritualidade de diversas linhas e tradições. O Todo nos une.

Agradeço ao Todo, por tudo.

"Fazer a sementeira
E ver o tempo passando
Só vamos colher
Aquilo que plantamos"

Valmir Alves Serra

RESUMO

PIRES, Carolina Teixeira. **Travessias regenerativas, alquimia poética e o feitio de mundos possíveis**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2021.

Este trabalho compartilha as colheitas de uma investigação poética realizada em uma imersão na floresta amazônica ao longo do primeiro ano da pandemia da Covid-19; em terras de fronteira das quais eu e meus parentes somos guardiões. Mobilizado pela necessidade de segurança e de isolamento social e pela condição de encontrar refugio na natureza, este mergulho desencadeou um profundo processo reflexivo sobre os fundamentos da vida, sobre o que move e alimenta as ações formais e informais vinculadas à formação humana atualmente e sobre as heranças deixadas por nossos ancestrais. Constelou a oportunidade de uma ecologia de saberes alimentada pela convivência, "fazer junto" e interações entre representantes de experiências forjadas em contextos ecológicos contemporâneos e descendentes dos povos da floresta; familiares de Raimundo Irineu Serra, fundador do Santo Daime. Estruturou-se, interagindo com a Abordagem Triangular para o Ensino das Artes e Culturas Visuais como dinâmica epistemológica e com fundamentos da Antropologia Visual e da História Oral para a composição dos depoimentos, tanto visuais como orais, que dão forma às metáforas, inspirações e sementes que compõe esta oferenda em forma de tese. Que possa nutrir o feitio de mundos possíveis nos quais "uma condição de Bem Viver para todos e cada um dos seres viventes" seja não apenas o paradigma, mas a realidade comum.

Palavras-chave: Arte/Educação; investigação poética; Abordagem Triangular; Ecologia de Saberes; regeneração planetária; alquimia poética; Santo Daime; Amazônia.

ABSTRACT

PIRES, Carolina Teixeira. **Regenerative crossings, poetic alchemy and the shaping of possible worlds**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2021.

This work shares the harvests of a poetic investigation carried out in an immersion in the Amazon rainforest over the first year of the Covid-19 pandemic; in frontier lands of which my relatives and I are guardians. Mobilized by the need for safety and social isolation and by the condition of finding refuge in nature, this dive triggered a deep reflective process on the fundamentals of life, on what moves and feeds the formal and informal actions linked to human education today and about the inheritances left by our ancestors. It constellated the opportunity for an ecology of knowledge fueled by coexistence, "doing together" and interactions between representatives of experiences forged in contemporary ecological contexts and descendants of the forest people; family members of Raimundo Irineu Serra, founder of Santo Daime. It was structured, interacting with the Triangular Approach for the Teaching of Visual Arts and Cultures as an epistemological dynamic and with foundations of Visual Anthropology and Oral History for the composition of the testimonies, both visual and oral, that shape metaphors, inspirations and seeds that materialize this offering in the form of a thesis. May it nurture the shape of possible worlds in which "a condition of Good Living for each and every living being one" is not only the paradigm, but the common reality.

Keywords: Art/Education; poetic investigation; Triangular Approach; Ecology of Knowledges; planetary regeneration; poetic alchemy; Santo Daime; amazon.

LISTA DE FOTOGRAFIAS - ENSAIOS

Ensaio 1 · Lua um: Movimento

Foto 1.1. ····· 106
Legenda Foto 1.1. ····· 246
Foto 1.2. ····· 107
Legenda Foto 1.2. ····· 246
Foto 1.3. ····· 108
Legenda Foto 1.3. ····· 246
Foto 1.4. ····· 109
Legenda Foto 1.4. ····· 246

Ensaio 2 · Lua dois: travessias

Foto 2.1. ····· 113
Legenda Foto 2.1. ····· 248
Foto 2.2. ····· 114
Legenda Foto 2.2. ····· 248
Foto 2.3. ····· 115
Legenda Foto 2.3. ····· 248
Foto 2.4. ····· 116
Legenda Foto 2.4. ····· 248
Foto 2.5. ····· 117
Legenda Foto 2.5. ····· 249
Foto 2.6. ····· 118
Legenda Foto 2.6. ····· 249
Foto 2.7. ····· 119
Legenda Foto 2.7. ····· 249
Foto 2.8. ····· 120
Legenda Foto 2.8. ····· 249
Foto 2.9. ····· 121
Legenda Foto 2.9. ····· 249

Ensaio 3 · Lua três: água, alimento, abrigo
Foto 3.1. ····· 125
Legenda Foto 3.1.····· 351
Foto 3.2. ····· 126
Legenda Foto 3.2.····· 351
Foto 3.3. ····· 127
Legenda Foto 3.3.····· 351
Foto 3.4. ····· 128
Legenda Foto 3.4.····· 352
Foto 3.5. ····· 129
Legenda Foto 3.5.····· 352
Foto 3.6. ····· 130
Legenda Foto 3.6····· 352
Foto 3.7. ····· 131
Legenda Foto 3.7.····· 353
Foto 3.8. ····· 132
Legenda Foto 3.8.····· 353
Foto 3.9. ····· 133
Legenda Foto 3.9.····· 353

Ensaio 4 - Lua quatro: jejum
Foto 4.1. ····· 137
Legenda Foto 4.1. ····· 355
Foto 4.2. ····· 138
Legenda Foto 4.2.····· 355
Foto 4.3. ····· 139
Legenda Foto 4.3.····· 355

Ensaio 5 - Lua cinco: contextos, bordas e contrastes
Foto 5.1. ····· 143
Legenda Foto 5.1. ····· 257
Foto 5.2. ····· 144
Legenda Foto 5.2.····· 257
Foto 5.3. ····· 145
Legenda Foto 5.3.····· 257
Foto 5.4. ····· 146
Legenda Foto 5.4.····· 257

Ensaio 6 - Lua seis: incêndios
Foto 6.1.; 6.3.; 6.5.; 6.7.; 6.9.; 6.11.; 6.13.; 6.15 ····· 150; 152; 154; 156; 158; 160; 162; 164
Legenda Foto 6.1.; 6.3.; 6.5.; 6.7.; 6.9.; 6.11.; 6.13.; 6.15. ····· 259
Foto 6.2. ····· 151
Legenda Foto 6.2.····· 259
Foto 6.4. ····· 153
Legenda Foto 6.4.····· 259
Foto 6.6. ····· 155
Legenda Foto 6.6.····· 259
Foto 6.8. ····· 157
Legenda Foto 6.8.····· 260
Foto 6.10.····· 159
Legenda Foto 6.10. ····· 260
Foto 6.12.····· 161
Legenda Foto 6.12. ····· 260
Foto 6.14.····· 163
Legenda Foto 6.14. ····· 260

Ensaio 7 - Lua sete: fogueiras, rodas, rituais
Foto 7.1. ····· 168
Legenda Foto 7.1. ····· 262
Foto 7.2. ····· 169
Legenda Foto 7.2.····· 262
Foto 7.3. ····· 170
Legenda Foto 7.3.····· 262
Foto 7.4. ····· 171
Legenda Foto 7.4.····· 262

Ensaio 8 - rezos, transmutações, transformações

Foto 8.1. ····· 175
Legenda Foto 8.1. ····· 264
Foto 8.2. ····· 176
Legenda Foto 8.2. ····· 264
Foto 8.3. ····· 177
Legenda Foto 8.3. ····· 264
Foto 8.4. ····· 178
Legenda Foto 8.4. ····· 264
Foto 8.5. ····· 179
Legenda Foto 8.5. ····· 265
Foto 8.6. ····· 180
Legenda Foto 8.6. ····· 265
Foto 8.7. ····· 181
Legenda Foto 8.7. ····· 265

Ensaio 9 - lua nove: feitio de mundos possíveis

Foto 9.1. ····· 185
Legenda Foto 9.1. ····· 267
Foto 9.2. ····· 186
Legenda Foto 9.2. ····· 267
Foto 9.3. ····· 187
Legenda Foto 9.3. ····· 268
Foto 9.4. ····· 188
Legenda Foto 9.4. ····· 268
Foto 9.5. ····· 189
Legenda Foto 9.5. ····· 268

Ensaio 10 - práxis co·labor·ativa regenerativa

Foto 10.1. ····· 193
Legenda Foto 10.1. ····· 270
Foto 10.2. ····· 194
Legenda Foto 10.2. ····· 270
Foto 10.3. ····· 195
Legenda Foto 10.3. ····· 270
Foto 10.4. ····· 196
Legenda Foto 10.4. ····· 270
Foto 10.5. ····· 197
Legenda Foto 10.5. ····· 271
Foto 10.6. ····· 198
Legenda Foto 10.6. ····· 271
Foto 10.7. ····· 199
Legenda Foto 10.7. ····· 271
Foto 10.8. ····· 200
Legenda Foto 10.8. ····· 271
Foto 10.9. ····· 201
Legenda Foto 10.9. ····· 272
Foto 10.10. ····· 202
Legenda Foto 10.10. ····· 272
Foto 10.11. ····· 203
Legenda Foto 10.11. ····· 272
Foto 10.12. ····· 204
Legenda Foto 10.12. ····· 272
Foto 10.13. ····· 205
Legenda Foto 10.13. ····· 273
Foto 10.14. ····· 206
Legenda Foto 10.14. ····· 273
Foto 10.15. ····· 207
Legenda Foto 10.15. ····· 273
Foto 10.16. ····· 208
Legenda Foto 10.16. ····· 273

Ensaio 11 - lua onze: essenciais

Foto 11.1 ····· 212
Legenda Foto 11.1. ····· 275
Foto 11.2. ····· 213
Legenda Foto 11.2. ····· 275
Foto 11.3. ····· 214

Legenda Foto 11.3. ····· 275
Foto 11.4. ····· 215
Legenda Foto 11.4 . ····· 276
Foto 11.5. ····· 216
Legenda Foto 11.5. ····· 276
Foto 11.6. ····· 217
Legenda Foto 11.6. ····· 276
Foto 11.7. ····· 218
Legenda Foto 11.7. ····· 277
Foto 11.8. ····· 219
Legenda Foto 11.8. ····· 277
Foto 11.9. ····· 220
Legenda Foto 11.9. ····· 277
Foto 11.10. ····· 221
Legenda Foto 11.10. ····· 278
Foto 11.11. ····· 222
Legenda Foto 11.11. ····· 278
Foto 11.12. ····· 223
Legenda Foto 11.12. ····· 278

Ensaio 12 - lua doze: sementeira

Foto 12.1. ····· 227
Legenda Foto 12.1. ····· 280
Foto 12.2. ····· 228
Legenda Foto 12.2. ····· 280
Foto 12.3. ····· 229
Legenda Foto 12.3. ····· 280
Foto 12.4. ····· 230
Legenda Foto 12.4. ····· 281
Foto 12.5. ····· 231
Legenda Foto 12.5. ····· 281
Foto 12.6. ····· 232
Legenda Foto 12.6. ····· 281
Foto 12.7. ····· 233
Legenda Foto 12.7. ····· 281
Foto 12.8. ····· 234
Legenda Foto 12.8. ····· 282
Foto 12.9. ····· 235
Legenda Foto 12.9. ····· 282
Foto 12.10. ····· 236
Legenda Foto 12.10. ····· 282

Ensaio 13 - lua treze: chama

Foto 13.1. ····· 240
Legenda Foto 13.1. ····· 284
Foto 13.2. ····· 241
Legenda Foto 13.2. ····· 284
Foto 13.3. ····· 242
Legenda Foto 13.3. ····· 284

LISTA DE DESENHOS E PINTURAS

CAPA

· Floresta - Pintura. Tinta acrílica aguada sobre tela; 1mx0,8m (2014) ····· capa

Alquimia poética

• alquimia poética 1 ····· 292
•Ficha técnica AP 1 ····· 349
• alquimia poética 2 ····· 294
•Ficha técnica AP 2 ····· 350
• alquimia poética 3 ····· 296
•Ficha técnica AP 3 ····· 350
• alquimia poética 4 ····· 298
•Ficha técnica AP 4 ····· 352
• alquimia poética 5 ····· 300
•Ficha técnica AP 5 ····· 352
• alquimia poética 6 ····· 302
•Ficha técnica AP 6 ····· 352

• alquimia poética 7 ····· 304
•Ficha técnica AP 7 ····· 353
• alquimia poética 8 ····· 306
•Ficha técnica AP 8 ····· 353
• alquimia poética 9 ····· 308
•Ficha técnica AP 9 ····· 353
• alquimia poética 10····· 310
•Ficha técnica AP 10 ····· 354
• alquimia poética 11····· 312
•Ficha técnica AP 11 ····· 354
• alquimia poética 12 ····· 314
•Ficha técnica AP 12 ····· 355
• alquimia poética 13 ····· 316
•Ficha técnica AP 13 ····· 355
• alquimia poética 14····· 318
•Ficha técnica AP 14 ····· 355
• alquimia poética 15····· 320
•Ficha técnica AP 15 ····· 356
alquimia poética 16 ····· 322
•Ficha técnica AP 16····· 356
alquimia poética 17 ····· 324
•Ficha técnica AP 17 ····· 356
alquimia poética 18 ····· 326
•Ficha técnica AP 18 ····· 357
• alquimia poética 19····· 328
•Ficha técnica AP 19 ····· 357

LISTA DE IMAGENS - CORPO DA TESE

• Imagem 1: Ciclo da Lua - imagem digital capturada por meio de 'print' de tela e editada pela pesquisadora com o aplicativo Keynote. Disponível em https://www.iquilibrio.com/blog/2021/calendario-lunar-2021/. Acesso em 08 ago. 2021
····· capas dos capítulos, ensaios fotográficos e ensaio de desenhos e pinturas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 18

1.1. Considerações iniciais 19

1.2. Contextualização da pesquisa 21

1.2.1. Histórico 21

1.2.2. Raízes 25

1.2.3. Movimentos iniciais 28

1.2.4. Pandemia da COVID-19 29

1.2.4.1. Incertezas, buscas e utopias 32

1.2.4.2. Isolamento social e mergulho interno: sincronias e convergências 33

1.2.4.3. Os fios e o tecido vivo 35

2. DIÁLOGOS, REFERÊNCIAS, ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA 37

2.1. Diálogos e referências 38

2.2. Inspirações e aprofundamentos de diálogos 43

2.2.1. Hilma af Klint e a pintura do invisível 43

2.2.2. Claudia Andujar e as fotografias que integram a vida material e espiritual 45

2.2.3. Joseph Beuys e o feitio de mundos possíveis .. 46

2.2.4. Claudia Schapira e a poesia que fala a voz do coração 49

2.3. Metodologias e Estratégias 50

2.3.1. Investigações poéticas 51

2.3.2. Abordagem Triangular para o ensino das Artes e Culturas Visuais como dinâmica epistemológica 53

2.3.3. Antropologia Visual 57
2.3.3.1. 13 ensaios, 13 luas 58
2.3.4. Ubuntu, giras, círculos e diálogos para uma Ecologia de Saberes 60
2.3.5. Narrativas e experiências de vida compartilhadas: a transmissão de saberes por meio de histórias e do fazer junto 62
2.4. Adaptações ao contexto da pandemia 65
2.4.1. Fractais 65
2.4.2. Espirais 66
2.4.3. Instrumentos, materiais e suportes 67
2.4.4. Transformar uma exposição de arte em um PDF 68
2.4.5. Considerações para melhor navegar 69

3. HISTÓRIAS CONTADAS DE VIDAS VIVIDAS E AS REFERÊNCIAS QUE SEMEIAM: 71
3.1. Histórias de vida 72
3.1.1. O silêncio na natureza 73
3.1.2. Movimento 74
3.1.3. Ancestralidade forjada por histórias de resistência 75
3.1.4. Diversidade 77
3.1.5. Arte e espiritualidade nos anos iniciais da vida 78
3.1.6. Sensibilidade 78
3.1.7 Arte para elaborar interações com o mistério 79
3.2. Pontes, portais e estudos finos 79
3.2.1. (Re)encontro 80
3.2.2. Força Viva em ação 81
3.2.3. Conexão com a Floresta Amazônica 83
3.3. Integrando no tempo eterno o ontem, o hoje e o amanhã 84
3.3.1. Mestre Irineu, as origens do Santo Daime e sua chegada às terras do Alto Santo 84
3.3.2. Famílias, diálogos e conexões ancestrais 87
3.3.3. Vovô Irineu 88
3.3.4. Vovó Cecília 90
3.4. Permacultura e organização comunitária nas raízes do Santo Daime: diálogos para fundamentar o feitio de mundos possíveis 93
3.4.1. (Re)viver os passos de nossos antepassados: espirais, sincronias e aprendizados 93
3.4.2. Os saberes da floresta e a Permacultura 95
3.5. Convites e considerações: o "inacabamento" do ser e a possibilidade de “ser mais” 97

4. TRAVESSIAS REGENERATIVAS, ALQUIMIA POÉTICA E O FEITIO DE MUNDOS POSSÍVEIS 100
4.1. VISÍVEISINVISÍVEIS · ensaios fotográficos 102
4.1.1. Lua um: movimento 101
4.1.2. Lua dois: travessias 111
4.1..3. Lua três: água, alimento, abrigo 123
4.1.4. Lua quatro: jejum, sensibilidade, consciência 135
4.1.5. Lua cinco: contextos, bordas, contrastes 141
4.1.6. Lua seis: incêndios 148

4.1.7. Lua sete: fogueiras, rodas, rituais 166
4.1.8. Lua oito: rezos, transmutações, transformações 173
4.1.9. Lua nove: feitio de mundos possíveis 183
4.1.10. Lua dez: práxis co·labor·ativa regenerativa 191
4.1.11. Lua onze: essenciais 210
4.1.12. Lua doze: sementeira 225
4.1.13. Lua treze: chama 238

4.2. Contextualização, reflexões, aprendizados, poesia:
legendas · ensaios 1 - 13 244
4.2.1. Lua um: movimento 245
4.2.2. Lua dois: travessias 247
4.2.3. Lua três: água, alimento, abrigo 250
4.2.4. Lua quatro: jejum, sensibilidade, consciência 254
4.2.5. Lua cinco: contextos, bordas, contrastes 256
4.2.6. Lua seis: incêndios 258
4.2.7. Lua sete: fogueiras, rodas, rituais 261
4.2.8. Lua oito: rezos, transmutações, transformações 263
4.2.9. Lua nove: feitio de mundos possíveis 266
4.2.10. Lua dez: práxis co·labor·ativa regenerativa 269
4.2.11. Lua onze: essenciais 274
4.2.12. Lua doze: sementeira 279
4.2.13. Lua treze: chama 283

4.3. INVISÍVEISVISÍVES · desenhos e pinturas 287
4.3.1. alquimia poética 1 292
4.3.2. alquimia poética 2 294
4.3.3. alquimia poética 3 296
4.3.4. alquimia poética 4 298
4.3.5. alquimia poética 5 300
4.3.6. alquimia poética 6 302
4.3.7. alquimia poética 7 304
4.3.8. alquimia poética 8..... 306
4.3.9. alquimia poética 9 308
4.3.10. alquimia poética 10 310
4.3.11. alquimia poética 11..... 312
4.3.12. alquimia poética 12 314
4.3.13. alquimia poética 13 316
4.3.14. alquimia poética 14..... 318
4.3.15. alquimia poética 15 320
4.3.16. alquimia poética 16..... 322
4.3.17. alquimia poética 17 324
4.3.18. alquimia poética 18 326
4.3.19. alquimia poética 19 328

REFERÊNCIAS 335
APÊNDICE..... 347
1. APÊNDICE A - Fichas técnicas · alquimia (1-19) 348
2. APÊNDICE B - Percursos de criação · alquimia (1-19) 359
3. APÊNDICE C - Artes anteriores 368

1. Introdução

1. INTRODUÇÃO

1.1. Considerações iniciais

> O ato de conhecer e o ato de criar estabelecem relações: ambos suscitam a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar, significar. Na busca do conhecimento reside a profunda motivação humana para criar. O homem cria porque necessita existencialmente. Pensamos que o criar, tal como o viver, é um processo existencial. **Fayga Ostrower**[1]

> Todo o conhecimento é autoconhecimento. Toda formação é auto-formação. **Antônio Novoa**[2]

As questões centrais que mobilizaram esta pesquisa podem ser traduzidas por um entusiasmado interesse sobre **como diálogos com saberes e práticas incorporadas nas raízes de culturas que viveram por milênios em harmonia com a natureza, sua sustentabilidade e seus ciclos[3] podem nos inspirar neste momento de crise sistêmica planetária** que coletivamente estamos a atravessar.

Diante de um cenário de crescente naturalização de uma infinidade de compreensões, práticas e hábitos (conscientes e/ou

[1] (OSTROWER, 1978 apud DERDIK, 2010, p.19)

[2] (NÓVOA, 2010, p.22)

[3] Saberes e práticas que muitas vezes configuram-se como partes silenciadas de nossa própria história e das memórias de nossos ancestrais

inconscientes), de portes e alcances diversos, que já estão comprometendo a continuidade dos sistemas naturais deste globo e desencadeando impactos irreversíveis no tecido vivo da malha terrena,

como podemos regenerar nossa relação com a vida?

Como podemos **acessar e transmutar as raízes dessa relação,** que influencia significativamente em **nossas formas de ser e estar no mundo?** Como podemos **regenerar nosso entendimento sobre a existência na matriz de nossa consciência** a partir de uma perspectiva mais universalista?

Como podemos, com isso, desencadear um processo de **regeneração íntima**, transmutando entendimentos, referências, pensamentos, palavras, atitudes e hábitos; podendo de fato transformar a maneira como manifestamos esta consciência em ação e em **como modelamos nossa realidade;** qualificando e refinando nossos impactos no sistema vivo do qual somos parte; **qualificando o exemplo que imprimimos através de nossas ações manifestas** e que deixamos de herança como referência para as gerações seguintes fundamentarem sua visão de mundo, suas relações com a existência e com o existir?

Como podemos fortalecer a possibilidade de, nos conhecendo e reconhecendo as características desta realidade terrena onde estamos vivendo, **caminhar sobre a terra com respeito e reverência** por cada ser vivo, pela nossa natureza, pelo planeta onde estamos habitando e por todos com quem compartilhamos o caminho?

Como podermos co-laborar na **construção de alternativas** para uma vida na qual o cuidado com a terra (e com os seres vivos), o cuidado com as pessoas e a partilha justa[4] - ou o cuidado com o futuro - sejam balizas norteadoras e o **bem viver** (ACOSTA, 2016; KRENAK, 2020b), uma realidade compartilhada por todos e cada um?

Estas perguntas, que nortearam este trabalho e a busca mais ampla que desencadeou, procuraram ser estudadas ao longo do percurso da pesquisa, alimentando e permeando reflexões e fazeres que tomaram forma por meio de nossas atitudes e do que com elas construímos; tanto considerando a edificação das estruturas e de nossa rotina na imersão que fizemos na floresta quanto nos registros que documentaram as experiências vividas e a construção de conhecimentos que estas promoveram.

---

[4] Os três fundamentos centrais da Permacultura (HOLMGREN, 2002; FERREIRA NETO, 2018).

Os estudos mobilizados por estes questionamentos encontram-se retratados nas narrativas escritas e visuais produzidas; em especial nos ensaios fotográficos e nos relatos que comentam sobre estas imagens.

Dada a natureza, complexidade e profundidade dos temas que abordam, que inviabilizam respostas precisas e únicas para estas questões, elas são aqui apresentadas indicando caminhos reflexivos e práticos, como alimento possível para fomentar indagações, entendimentos e ações. Como inspiração para buscas e realizações que contribuam com a saúde global por meio da regeneração dos sistemas vivos que compõe a dimensão onde habitamos (WAHL, 2019). Como incentivo para iniciarmos este processo regenerativo a partir de nosso centro, de nossa intimidade, de nosso mundo interior.

1.2. Contextualização da pesquisa

1.2.1. Histórico

> Evocando o ontem e projetando-o sobre o amanhã, o homem dispõe em sua memória de um instrumental para, a tempos vários, integrar experiências já feitas com novas experiências que pretende fazer. **Fayga Ostrower**
>
> Formar-se supõe trocas, experiências, interacções sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua historia e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com seus contextos. Um percurso de vida é assim um percurso de formação, no sentido em que é um processo de formação. **Maria da Conceição Moita**[5]

Se uma coisa aprendi com a caminhada, foi o valor do caminho.

E a tese aqui apresentada é fruto de um longo caminho de estudos no Departamento de Artes Plásticas (CAP) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), que iniciou-se durante a graduação[6], com a oportunidade de desenvolver meu trabalho de conclusão de curso (TCC) sob a orientação da Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi; que orientou-me também no mestrado e, agora, no doutorado.

---

[5] (MOITA, 2007, p.115)

[6] Que cursei de 2002 a 2007.

Este primeiro trabalho, o TCC, já foi composto de forma híbrida, com uma parte poética - a instalação **“silencioso infinito interno”**[7], apresentada na exposição ’27 FORMAS’, realizada no Paço das Artes[8] pelos formandos de 2007 - e uma parte teórica, intitulada **“criar e aprender para criar: um percurso ao silencioso infinito”**[9].

Esta parte teórica abordou o processo de formação do artista/educador no CAP, abrindo um diálogo com a **Abordagem Triangular para o Ensino de Artes e Culturas Visuais (BARBOSA; CUNHA, 2010; RIZZI, 2003) como dinâmica epistemológica.**

Oportunizou também o inicio de meus **estudos sobre as relações entre as experiências de vida e a formação humana (JOSSO, 2010; MOITA, 2007; NÓVOA, 2007; NÓVOA, 2010)**. Os diálogos estabelecidos entre os relatos e reflexões compartilhados por discentes e docentes do CAP, em entrevistas realizadas para o trabalho, e minhas próprias narrativas sobre os temas abordados, viabilizaram, nesta ocasião, um profundo entendimento do **valor dos saberes gerados pela elaboração de experiências vividas**; seja através da **organização e partilha de histórias, de reflexões estruturadas em trabalhos acadêmicos ou da composição de obras com as linguagens expressivas da arte**; entre outras possibilidades.

Nos anos seguintes à graduação, atuando com **arte e educação infantil**, aproximei-me do **fascinante campo de interação com a primeira infância, o início da vida**, com o qual convivi intensamente por 10 anos seguidos[10]. Encantei-me com o frescor do olhar das crianças para a existência e com a desenvoltura com que expressam-se fluentemente em mais de 'cem linguagens’ (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999). Entusiasmei-me com a profundidade dos processos vividos nesta etapa da vida e, diante do gradual reconhecimento da complexidade e da responsabilidade do trabalho com esta faixa etária, entendi que eu precisava, e muito, voltar a estudar.

Ao longo do **mestrado**, pude ampliar meus conhecimentos e referências sobre este vasto campo de saberes, **colocando em**

---

[7] Link para descritivo da instalação ‘silencioso infinito interno'. Acesso em 03 ago.2021

[8] Link de acesso ao site do Paço das Artes

[9] Link de acesso ao TCC "criar e aprender para criar, um percurso ao silencioso infinito"

[10] Durante os quais trabalhei ininterruptamente em 3 instituições de ensino formal e em 3 ateliês / escolas de arte como tutora da educação infantil, professora de artes, produtora de ações culturais e educativas e com capacitação de educadores nestes contextos.

diálogo os estudos na universidade e minhas atividades em campo com as crianças. Também pude identificar, a partir da perspectiva de uma arte-educadora, significativas lacunas nos programas de formação inicial para professores disponíveis na época. Muito focados no trabalho a ser desenvolvido no Ensino Fundamental, a maioria dos cursos de Pedagogia averiguados dedicava pouco espaço em seus currículos para contemplar, com qualidade, as especificidades a respeito das características, necessidades, desafios e potencialidades do trabalho com crianças no primeiro setênio[11] de vida. Menos espaço ainda encontrei para referências sobre as **culturas da infância tradicionais do território pluricultural ao qual pertencemos** ou para referendar **exemplos** de **trabalhos de qualidade** que foram e estão sendo desenvolvidos **em nosso país**.

Busquei então reunir e organizar **saberes vivos**, construídos a partir de interações com **educadoras contemporâneas**, brasileiras, atuantes no território nacional, com uma práxis (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.325-327)[12] que considerei contribuir de maneira concreta e significativa para a qualidade das experiências vividas por crianças, educadoras e familiares em ambientes de educação formal ou informal.

Intitulado **"O essencial no ser e a poesia dos sentidos e dos significados: reflexões sobre arte e educação em contextos destinados à primeira infância"**, este trabalho também teve um **caráter híbrido**, mesclando a linguagem acadêmica, a linguagem oral[13] - que compõe cerca de 80% do corpo de texto da dissertação - e uma linguagem visual, a fotografia. Esta última foi trabalhada em um dos capítulos, composto exclusivamente por uma **narrativa**

---

[11] Segundo pesquisa realizada na época, a maioria dos cursos de Pedagogia ofertava de 1 a 2 disciplinas para os estudos relacionados à Educação Infantil; priorizando aspectos históricos e legais, aspectos do desenvolvimento humano na infância e referências em educação para esta faixa etária, em geral estrangeiras e não contemporâneas.

[12] "(STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017)" é citação para o livro **Dicionário de Paulo Freire**, bastante utilizado nesta pesquisa, e citado diversas vezes ao longo do texto para referendar termos e palavras nele utilizados, quando estes compartilham dos significados atribuídos aos mesmos por Freire; a quem os autores descrevem na apresentação do livro como "um semeador e cultivador de palavras. Não de quaisquer palavras, mas de palavras "grávidas de mundo", como dizia. Palavras que tem dom de gerar mundos, de pronunciar novas realidades." (p.13). Além da qualidade dos textos produzidos pelos autores para sintetizar as idéias de Paulo Freire sobre determinada palavra, termo ou expressão, constela em suas páginas uma compilação com o que há de mais relevante em termos de referências, por meio de textos, citações e indicações bibliográficas, sobre 230 verbetes e seus significados no contexto da obra de Freire; operando como um eficiente "hiperlink". É o resultado das pesquisas de 104 estudiosos de sua obra e vida, organizadas por Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski.

[13] Trabalhada com a metodologia da História Oral (MEIHY, HOLANDA, 2010)

estruturada com imagens; um ensaio produzido com fotografias captadas nas ações desenvolvidas em campo durante este ciclo.

Os saberes sistematizados na dissertação, concluída e defendida em 2012, viabilizaram disponibilização de materiais de estudo de **fácil acesso, leitura e compreensão, que reúnem conhecimentos profundos e pertinentes traduzidos em forma de memórias, depoimentos e reflexões**. Que abrem diálogos com os leitores. Saberes construídos a partir de **experiências de vida vivida, de estudos e práticas,** compartilhados generosamente por **dez profissionais** com **expressivos percursos em distintas frentes de ação**, nesta **intersecção entre a arte, a educação e a infância**[14]. Saberes que compõe uma **teia de olhares** que, além de reunir informações relevantes e fundamentadas sobre os **cinco campos mapeados na pesquisa como estruturantes do trabalho com crianças no primeiro setênio**[15], convidam educadores formais e informais a acessarem **os saberes construídos a partir de suas próprias histórias.** A reconhecer nas **experiências de vida, fontes de repertórios fundamentais (JOSSO, 2010; MOITA, 2007; NÓVOA, 2007; NÓVOA, 2010)**, que enriquecem e aquecem com afetividade (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.26-27) as atividades que desenvolvem. Que fortalecem nossa **consciência das relações entre estas experiências e o ser que somos**, manifesto em atitudes cotidianas, gestos e também na forma como compreendemos e desempenhamos este papel.

> Ter acesso ao modo como cada pessoa construiu um determinado conhecimento, como se formou, significa levar em conta a singularidade de sua história e sobretudo o modo único como age, reage e interage com os seus contextos. (DIAS, 1997, p.16)

Os saberes mobilizados e construídos com a pesquisa também inspiraram o desenho e a realização de **experiências e percursos de formação continuada em serviço com equipes de instituições que atendem crianças em condições de alta vulnerabilidade**, cujo acesso gratuito foi garantido por 7 anos consecutivos pelo **Programa Corpo e Cultura na Formação do Educador da Primeira Infância,** que desenvolvi junto à **Associação Sabiá** de 2014

---

14 1. Maria Cristina "Kiki" Cunha Bueno (Escola da Terra), 2. Sirlene Giannotti (Ateliê Tapir de Arte Cerâmica), 3. Cristina Cruz (Casa Redonda Centro de Estudos); 4. Ana Helena Rizzi Cintra (Creche Oeste USP); 5. Rosa Yavelberg (FEUSP), 6. Gisela Schiavo (Escola Ciranda), 7. Ieda Abbud (ISE Vera Cruz), 8. Maria Cecília Bonna (Escola Waldorf Bem Viver), 9. Adriana Friedmann (Aliança pela Infância / ISE Vera Cruz), 10. Maria Amélia Pereira - Peo (Casa Redonda Centro de Estudos)

15 1. Compreensão de infância(s); 2. Compreensões sobre o tempo e 3. Sobre os espaços em contextos destinados ao trabalho com a primeira infância; 4. Compreensão sobre o papel e a formação do educador; 5. Relações com a arte e compreensão sobre o papel da arte na educação e na formação humana.

a 2020, por meio de financiamentos e parcerias com instituições como o IMPAES (Instituto Minidi Pedroso de Arte e Educação Social), o CENPEC Educação (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), o Instituto Avisa Lá, a Comunidade Educativa CEDAC, o Tempo de Creche Educação e com 7 Centros de Educação Infantil (CEIs) conveniados[16] com as prefeituras de São Paulo e Osasco[17].

O trabalho com este Programa mudou radicalmente a minha vida, minhas perspectivas e minha atuação profissional, que passou a concentrar-se integralmente em atividades sociais no terceiro setor a partir de 2014; majoritariamente atuando em territórios periféricos e repletos de desafios. Esta convivência e a consciência que despertou em mim para **os abismos de oportunidades que separam os que tem e os que não tem suas necessidades básicas garantidas**, mobilizou-me a intensificar meus esforços para contribuir, de alguma maneira - mesmo como um grão de areia - com a redução das desigualdades sociais em nosso país; buscando e encontrando formas de retribuir ao Todo (ATKINSON, 2017) os privilégios que tive ao longo desta vida, que viabilizaram, entre outras coisas, meu ingresso na universidade e as condições para eu dedicar-me aos estudos com qualidade de atenção e tempo.

1.2.2. Raízes

Uma vez que a orientação recebida em minha banca de defesa do mestrado foi para escolher temas com potencial de aprofundamento, dentre os trabalhados, e dar **continuidade** à pesquisa em um doutorado; nos anos que seguiram, dediquei-me a amadurecer minha relação com esta possibilidade.

Meus interesses cada vez mais direcionavam-se para a realização de **mergulhos, estudos e ações nos campos de convergências que integram as artes, as relações com a vida e com a natureza e os paradigmas que balizam os processos de formação e ação humana no planeta (MORIN, 2001; MORIN; KERN, 2003)**.

---

[16] Também nomeadas “parceiros".

[17] 1. CEI Nossa Senhora da Assunção e 2. CEI Sinhazinha Meirelles (São Paulo) e 3. Creche Quintal Mágico, 4. AMUNO - Associação da Mães Unidas do Novo Osasco, 5. AMAVE - Associação de Mães do Jardim Veloso, 6. Centro de Participação Popular do Jardim Veloso , 7. Centro Social Santo Antônio (Osasco).

Me envolvi em **contextos coletivos, projetos comunitários e ecovilas**[18]. Comecei a estudar permacultura (MOLLISON, 1999; HOLMGREEN, 2006; FERREIRA NETO, 2018) e com ela descobri um campo de conhecimentos potente e emancipador, repleto de ferramentas e referências, sistematizado em diálogo com culturas ancestrais[19] que viveram (algumas ainda vivem) em mais harmonia com a natureza (FERREIRA NETO, 2018). Tomei ciência de uma grande rede mundial que atua em co-laboração para contribuir com os processos de regeneração planetária[20] (WAHL, 2019).

Trabalhei em **projetos culturais**, de **desenvolvimento comunitário** e de **educação para a sustentabilidade**, atuando em territórios próximos à Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra da Mantiqueira. Intensifiquei minhas idas à Amazônia, por ocasião de encontros de integração cultural e espiritual[21], em especial ao território sul-acreano onde localiza-se a **Aldeia Nova**, terra que nos abrigou durante a pandemia e onde a pesquisa de campo realizou-se.

A partir de provocações certeiras de minha amiga-irmã-de-alma **Cláudia Schapira**[22] - artista que tanto respeito - **resgatei a consciência de minha relação com o desenho e a pintura e, fluidamente, voltei a pintar como se nunca tivesse parado**[23].

Estas, e tantas outras ações afins, foram alimentando um interesse em melhor compreender **como estruturam-se as relações com a vida a partir das interações entre nossa essência e as influencias que nutrem a construção de nossa identidade; que permeiam toda a extensão da existência em suas múltiplas formas, dos campos mais concretos aos mais sutis.**

> A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo

[18] Como o Sítio Olho D'Água [https://www.sitioolhodagua.net/site/], a Ecovila Tibá [https://www.ecovilatiba.org.br/site/], o Veracidade [https://veracidade.eco.br], o Espaço Girassol [https://www.facebook.com/casagirassol].

[19] A permacultura foi sistematizada na Austrália e estes diálogos foram estabelecidos entre professores e estudantes da Universidade da Tasmânia com as práticas e saberes das culturas aborígenes locais (FERREIRA NETO, 2018, p.74)

[20] Uma referência é a Regenerosity, rede global em prol da regeneração planetária. Link: https://www.regenerosity.world

[21] Chamados "Encontros para o Novo Horizonte", realizados anualmente desde 2000, reúnem membros da comunidade daimista mundial, vindos de diversos países, e representantes de comunidades indígenas de distintas etnias, em especial Huni Kuins, Yawanawás e Shawãdawas.

[22] Dramaturga, figurinista, diretora teatral e uma das fundadoras do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos (NÚCLEO, 2021).

[23] Após a graduação, passei um longo período - uns 10 anos - trabalhando apenas com a fotografia, como documentação poética / pedagógica e com Escultura Social (ROSENTHAL, 2002), nos projetos sociais, comunitários e ambientais que participei / propus.

> desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana. (MORIN, 2001, p.55)

Considerando que **os processos de formação humana estão intrinsecamente vinculados à maneira como nos relacionamos com a vida e com a realidade da qual fazemos parte** - inspirada por uma fala da educadora Maria Amélia Pereira, a Peo[24], durante uma de nossas conversas, na qual ressaltava a importância de buscarmos **garantir que as crianças vivenciem experiências que fortaleçam seu vínculo positivo com a vida**, entendendo estas experiências como **sementes com potencial para o germinar de uma relação saudável com o "ato de viver" ao longo de toda a vida** - interessei-me por saber sobre as experiências de crianças, tanto em **aldeias e reservas indígenas, onde supus poder encontrar tradições vivas** ainda pautadas **no respeito à Vida** e na compreensão de que **somos natureza**, quanto em **contextos coletivos ecológicos contemporâneos**[25], que **buscam viabilizar formas para se viver em harmonia com a natureza "adaptando" a essência de saberes tradicionais para suas realidades atuais.**

Interessei-me especialmente pelos **diálogos com e entre estes contextos e experiências** e pelas **inspirações possíveis que o contato com referências concretas e contemporâneas de formas de viver e educar para uma vida em harmonia com a Vida poderiam promover.**

Assim estruturaram-se as raízes de minha pesquisa de doutorado.

Escolhi expor este percurso, pois reconheço a presente pesquisa como feliz consequência de **um caminho de busca fortalecido por uma parceria amadurecida pelo tempo e pela convivência**. O fluir dos anos possibilitou alcançarmos **profundidade nos mergulhos, expansão de horizontes em nossos voos e vínculos de sólida confiança.** Possibilitou-nos dar seguimento em nossos estudos, projetos e pesquisas, ciclo após ciclo, com coerência, construindo maturidade. Uma iniciação artesanal (FERREIRA-SANTOS, 2015) na universidade "em pleno século XXI".

No entrelaçamento da teoria com a prática, da vida acadêmica com a Vida, com afeto, semeamos aprendizados e bonitezas

---

[24] Maria Amélia Pereira, Peo, fundadora da Casa Redonda Centro de Estudos (PEREIRA, 2012). Uma das entrevistadas em minha pesquisa de mestrado, foi minha professora em dois cursos livres complementares dos quais participei para enriquecer meus estudos e práticas; o curso "A Arte do Brincante para Educadores", realizado pelo Instituto Brincante, em São Paulo, e o curso de Formação de Professores, realizado na própria Casa Redonda.

[25] Ecovilas, comunidades intencionais permaculturais etc.

(STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.60-63) que as **experiências compartilhadas** e o **fazer junto viabilizaram.**

Aprendendo e ensinando, acertando e errando, tornando a aprender. Preservando uma direção comum, vinculada a um sincero e despretensioso compromisso de co-laborarmos com a Existência. E por isso, digo mais uma vez, agradeço imensamente.

1.2.3. Movimentos iniciais

El camino se hace al andar. **Antonio Machado**[26]

Com o projeto de pesquisa aprovado no final de 2016, aproveitamos os dois primeiros anos do doutorado (2017 e 2018) para uma **intensa vivência acadêmica** e para a realização de **cursos livres complementares**[27], buscando referências e fundamentações para o percurso que se iniciava[28] e para as imersões em campo previstas. Realizei algumas visitas em aldeias e comunidades, fiz contato com lideranças indígenas em eventos e encontros pontuais[29] e com membros de comunidades ecológicas contemporâneas; mapeando, detalhando e estruturando as jornadas previstas.

No primeiro semestre de 2019, por ocasião de minha Banca de Qualificação, fui aconselhada a dar continuidade à pesquisa por meio

---

[26] (apud MORIN, 2001, p.115)

[27] 1. Introdução em Sociocracia para Pais e Educadores / SoFa Sociocracy for All (2018); 2. Design Social Permacultural em Ecovilas e Assentamentos Urbanos e Rurais Resilientes - IBC (2018); 3. O corpo na Cultura e a Cultura do corpo - Instituto Brincante; 4. Raízes: O IMAGINÁRIO, A CRIANÇA E A VIDA MATERIAL, com Gandhy Piorski - UMAPAZ (2018); 5. Criação, direção e produção de Narrativas Documentais, com Roberta Estrela D'Alva e Tatiana Lohmann - Museu da Imagem e do Som - MIS (2018); 6. Oficina Zap! Slam / Módulo 2 - Slam e escrita, com Cláudia Schapira - Biblioteca de São Paulo (2020).

[28] . Cursei 7 disciplinas na universidade, totalizando o cumprimento de 43 créditos; sendo que, para o doutorado são 21 os créditos obrigatórios. Também atuei no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) como bolsista e monitora da disciplina de graduação CAP0307 - Arte, Educação e Terceiro Setor.

[29] Encontro para o Novo Horizonte (2016, 2018, 2019), em Capixaba-AC; Aldeia Multiétnica (2018), em Alto Paraíso de Goias - GO; visita às Aldeias Puyanawa (2019), em Mancio Lima - AC.

de uma **investigação poética** (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA 2012); estimulada a valorizar minha **produção artística** e a reconhecer e confiar nos **processos de elaboração e produção de conhecimento que as experiências com as linguagens expressivas da arte promovem.**

No segundo semestre de 2019, transferi-me para o Acre, região amazônica que tive oportunidade de visitar diversas vezes, de 2006 até então, com a qual fui construindo vínculos, estabelecendo amizades e tecendo parcerias. Lá estavam previstas imersões, que contávamos com a possibilidade de fazer, em aldeias indígenas nos primeiros meses de 2020: aldeias da etnia Huni Kuin (Kaxinawá), localizadas na região do município de Jordão - AC[30].

Para o início do segundo semestre, a expectativa era realizar imersões na Ecovila São José, em Florianópolis-SC, e no Sítio Olho D'Água, espaço ecopedagógico comunitário, localizado em Mogi das Cruzes - SP; contextos com os quais estabeleci diálogos profundos, potentes e afetivos nos anos anteriores.

Para a nossa supresa, nos deparamos no início de 2020 com uma **pandemia**, que **colocou tudo em suspensão**, direcionando-nos todos para um mergulho interno, para um convívio mais intenso com nós mesmos, com nosso núcleo familiar e com a nossa casa, através da necessidade de **isolamento social**.

Desafiou-nos em particular a encontrar possibilidades para dar seguimento a este trabalho em andamento, adaptando os caminhos, mas buscando preservar as raízes e intenções iniciais que balizaram os estudos que nos propusemos a desenvolver.

1.2.4. Pandemia da COVID-19

> A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. **Edgar Morin**[31]

Residindo no Acre, **vivenciei, com o choque da pandemia, a reação comum a diversas famílias e grupos, representantes e herdeiros dos povos da floresta**, diante das ameaças e incertezas

---

30 Nesta região encontram-se 32 aldeias desta etnia.

31 (MORIN, 2001, p.23)

com as quais nos deparamos com esta situação: **a busca por refúgio e segurança no coração da mata**[32].

Inspirados por movimentos realizados em outros tempos por seus antepassados, como o **Mestre Raimundo Irineu Serra**[33], avô de meu marido, Valmir Alves Serra, e por referências como o **Padrinho Sebastião Mota de Melo**, reconhecida liderança comunitária e espiritual da região, meus familiares[34] começaram a reunir o que tínhamos de essencial para um recomeço e iniciaram os movimentos necessários para esta transição.

Eu, contrariando uma forte intuição, havia ido para São Paulo por conta de compromissos profissionais e da possibilidade de ver meus pais. No momento em que anunciaram a pandemia, me encontrava longe de casa, “presa" em São Paulo, onde permaneci pelos treze mais longos dias de minha vida. As companhias aéreas estavam enlouquecidas, os voos sendo cancelados e eu não conseguia de forma alguma alterar minha passagem para retornar ou obter informações sobre como proceder.

As notícias que estávamos acessando, especialmente sobre a situação na Itália, os dados alarmantes divulgados dia a dia, a percepção da frequência gerada pelas preocupações, incertezas, dores, tristezas e medos por todo o globo e meu próprio receio de não conseguir retornar para casa, deixaram-me em **pranto contínuo** dias a fio.

---

[32] As notícias que tivemos na época, reforçando e assegurando nossa própria decisão, reportavam que esta mesma atitude também estava sendo tomada pelas populações indígenas, que fecharam-se nas aldeias, pelos agrupamentos comunitários daimistas, que isolaram-se nas comunidades, ambas restringindo a entrada de visitantes e cancelando trabalhos e eventos coletivos, e por cidadãos que, tendo possibilidade de acesso a uma terra (colônia) afastada das cidades, também deixaram os centros urbanos para buscarem abrigo na natureza.

[33] Fundador da doutrina do Santo Daime, que encontra-se atualmente, junto a outras religiões de matriz ayauaskeira brasileiras, como a Barquinha e a União do Vegetal, em processo de reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); processo aberto em 2008.

[34] Meu marido e eu, meu cunhado Valério Alves Serra, um amigo seu italiano radicado no Brasil, minha cunhada Ana Gregória Alves Serra e, posteriormente, 4 de seus 5 filhos, com idades de 5 a 16 anos.

Até que, no Dia de São José[35], após um trabalho espiritual[36] realizado em casa por meu companheiro e meus cunhados, com o qual me conectei profundamente, por obra da intervenção de uma Força[37] atuando nas entrelinhas da concretude da vida, que guiou precisamente meus passos, de um dia para o outro, **literalmente**, consegui retornar; apenas duas horas antes do governador fechar por completo o estado de São Paulo.

Cheguei em Rio Branco na noite do dia 21, equinócio de outono, início do ano astrológico. Com as emoções intensificadas por estes acontecimentos, juntamos nossas economias, providenciamos suprimentos, medicinas, ferramentas, barracas e um fogão, colocamos tudo em um caminhão - apavorados com a possibilidade do anunciado fechamento de estradas, dificuldade de acesso a alimentos, exposição ao vírus Sars-CoV-2 e com a precariedade do sistema de saúde local - e, no dia 25 de março de 2020, **partimos para a floresta.**

Num movimento complexo e nitidamente amparado por esta mesma Força, conseguimos chegar a um pedaço de terra há 15 anos **intocado**, onde não havia **nenhuma estrutura construída**; apenas a **mata virgem**. Esta terra, posteriormente nomeada **Aldeia Nova**, é parte da colônia onde meu marido foi assentado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 2002, na **fronteira do Brasil com a Bolívia**[38]; e nos acolheu neste forte momento, sendo palco para uma infinidade de resgates, vivências e aprendizados.

---

35 Festejo oficial do calendário daimista (de diversos segmentos), realizado na noite do dia 19 para o dia 20 de março, seu dia oficial; no qual celebra-se a Família. Em muitos centros, foi o último trabalho espiritual realizado nas sedes, coletivamente, antes do início do isolamento social.

36 Termo utilizado para nomear as cerimônias realizadas na tradição do Santo Daime.

37 Termo utilizado para referir-se a presença espiritual que se manifesta durante as cerimônias do Santo Daime, cuja percepção intensifica-se com a ingestão do sacramento consagrado nas sessões. No cotidiano, também utilizamos este termo quando reconhecemos esta Presença; mesmo sem a ingestão da medicina.

38 Lá permaneceu até 2006, quando mudou-se por ocasião de seu divórcio. Seus filhos e sua ex companheira continuaram morando na parte beneficiada da colônia, onde até hoje residem. A área que compõe a parte da terra que ficou com ele conta com 30 hectares de mata nativa em pé e, agora após este ciclo, com algumas edificações e áreas de plantio, por nós estruturadas ao longo deste período.

Este **cenário épico** e a jornada que lá realizamos pelo tempo de **treze ciclos lunares / um giro solar**[39] constelou uma grande oportunidade para uma série de **experiências profundas** que, por suas configurações, características e diálogos possíveis com a essência da busca empreendida com esta pesquisa, viabilizou que a mesma não fosse interrompida. Sua **continuidade** deu-se mediante algumas adaptações possíveis que, com certa agilidade frente aos desafios vivenciados no momento, pudemos identificar e, com base nisso, redirecionar o leme em bom tempo para que nosso barquinho pudesse seguir viagem.

1.2.4.1. Incertezas, buscas e utopias

> As grandes transformações são morfogêneses, criadoras de formas novas que podem constituir verdadeiras metamorfoses. **Edgar Morin**[40]

O choque coletivo promovido pela pandemia abriu um vasto campo de incertezas e a oportunidade para muitas reflexões, revisões e estudos de base; estudos sobre os princípios, fundamentos, alicerces e valores que sustentam não apenas a vida, mas **uma condição sistêmica de bem viver** (ACOSTA, 2016).

Diante deste choque e da realidade que se apresentou, nos percebemos frente à necessidade de reavaliarmos nossas crenças, nossas escolhas, nossas prioridades. De **resgatarmos a intimidade com nossa intimidade**, despindo-nos de máscaras internas e distrações para podermos estar, de fato, frente a frente com nós mesmos, com **o universo infinito em nós**. E, nesta condição, diante do mundo, compreendermos a necessidade de atualizarmos nosso entendimento sobre ele e nossas formas de agir e de interagir com, entre, através e além (D'AMBRÓSIO, 1997) das já conhecidas realidades.

Fato é que nada mais será como foi. Mas a busca por respostas nos abre portas e caminhos e também nos permite, se assim nos dispomos, olhar adiante, do futuro para o presente, no sonhar (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.380-381) de mundos possíveis (ACOSTA, 2016; PINHEIRO, 2018; PINACOTECA, 2018) mais

---

[39] 4 ciclos lunares coletivos de imersão praticamente integral, compartilhados com os familiares e amigos já citados e 9 ciclos de imersão compartilhados entre eu e meu companheiro, com deslocamentos pontuais para comunicações, atividades relacionadas à pesquisa, abastecimento e atividades e trabalhos pontuais. Neste período, na colônia, convivemos apenas com visitas esporádicas de meus enteados e interações com antigos moradores conhecidos do assentamento, residentes das colônias vizinhas.

[40] (MORIN, 2001, p.82)

alinhados com os valores que almejamos que reflitam, espelhem, traduzam, materializem.

Neste olhar costurando tempos, nos reencontramos com nosso passado, vivo em nós. Nesse encontro, no presente, passado e futuro dialogam. Com os alicerces que herdamos de nossos ancestrais, construimos pontes para o porvir; conscientes que assim estamos a o construir.

Mundos internos refletem-se em realidades vivas.

Este saber consciente reacende em nós, então, a lembrança de que os alicerces, bem como as raízes, fundamentam-se em planos invisíveis aos olhos que não atentam-se para as camadas mais profundas da realidade. Lá onde germinam as sementes. Lá onde os inícios iniciam-se. Lá onde a transmutação possível, a tudo tem como transformar (ATKINSON, 2017). Lá onde reside o princípio e a possibilidade do novo. Onde escolhemos mergulhar.

41 (MORIN, 2001, p.30)

1.2.4.2. Isolamento social e mergulho interno: sincronias e convergências

> O novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado. E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo. **Edgar Morin**[41]

Dos tesouros garimpados no **(re)encontro e intenso convívio com nosso cosmos pessoal** nestes tempos de **isolamento social**, um tesouro precioso foi compreender, na observação cotidiana, que **cada um de nós constitui um campo vivo de forças em movimento** (ATKINSON, 2017) que se expande e se transforma na interação com outrem (VYGOSTKY, 1991), **alquimicamente** (ATKINSON, 2017); **tecendo um campo compartilhado cuja totalidade não corresponde à mera soma das partes.**

Que **este campo, é um universo único ao mesmo tempo que um fractal do Todo** (ATKINSON, 2017).

Na pesquisa, esta compreensão emergiu de diversas formas. Uma, em especial, possibilitou a adaptação que, por sua vez, viabilizou sua continuidade: a de reconhecer a **sincrônica coerência**

entre o escopo que me dispus estudar e a composição de minha realidade,

um fractal do Todo, refletido em meu próprio núcleo familiar. A essência do que eu buscava fora, em outras formas, encontrava-se também dentro.

A pesquisa inicial propunha **diálogos entre saberes ancestrais e contemporâneos que convergiam no intento de promover condições para a (r)Existência de uma vida em Harmonia com a Vida**, diante da realidade planetária (MORIN, 2001; MORIN, KERN, 2003) na qual nos encontramos.

Escolhi, inicialmente, o **convívio** com representantes dos **povos originários brasileiros**, em seus territórios, aldeias, cotidiano comum, e com representantes de **movimentos contemporâneos pela regeneração planetária** (WAHL, 2019), nas comunidades intencionais onde vivem e esculpem, dia a dia, estratégias, ferramentas e possibilidades para uma vida digna e saudável, trabalhando com a Terra; e não consumindo-a.

Com isso, eu havia me colocado como pesquisadora, como observadora, como silenciosa ouvinte de experiências alheias a mim. Uma costureira de diálogos entre tradições ancestrais e práticas contemporâneas que considerei inspiradoras, cujas referências compartilhadas acreditei poder inspirar outros também. Acreditei poder **semear esperança** com **exemplos vivos** de **alternativas concretas, viáveis, existentes.**

Com a pandemia, contudo, o acesso a esses contextos, como já mencionei, foi inviabilizado.

Algum tempo após nossa transição para a floresta, em meio aos inúmeros desafios que "adentrar a mata virgem e nela estruturar, uma a uma, as condições para se viver" nos impôs, fui reconhecendo que tudo o que estávamos vivenciando e construindo só estava sendo possível diante das **interações** entre **saberes e práticas herdados, por meus parentes, de seus ancestrais - caboclos, seringueiros e lideranças comunitárias, representantes dos povos da floresta - e saberes construídos a partir de estudos contemporâneos sobre processos e estratégias co-laborativas, regenerativas e permaculturais,** das quais me identifiquei como uma das “representantes”, reconhecendo-me porta voz de um consistente percurso vivido ao qual eu não estava, até então, dando o devido valor.

Desta percepção brotaram muitos diálogos entre nós ali presentes e, através destes, fomos construindo uma compreensão

da riqueza, bem como dos desafios, da **co-existência destes universos de referências.**

Em especial, eu e meu companheiro Valmir, que permanecemos por todo este ciclo de isolamento na Aldeia Nova[42], correspondente a um giro solar, convivendo em ativa co-laboração um com o outro em prol da realidade que nos propusemos a dar forma (GIANNOTTI, 2008), fomos **tecendo a beira do fogo**, a partir de nossas **memórias, conhecimentos e percepções**, e do diálogo destes com diversos aspectos da realidade que estávamos vivendo (pandemia, isolamento social, ressignificação das relações com a existência e etc.), **saberes híbridos, manifestos em ações concretas a partir de nosso encontro** e da **união de forças que este encontro promoveu**.

1.2.4.3. Os fios e o tecido vivo

> É a unidade humana que traz em si os princípios de sua múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno. **Edgar Morin**[43]
>
> [···] a cultura, no seu sentido mais agrário e mais autêntico, comporta a multiplicidade dos canteiros e do jardim. **Marcos Ferreira Santos e Rogério Almeida**[44]

Diante das preciosidades e desafios que o convívio em um contexto de diversidade promove, compreendi a potência e o poder dos diálogos (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.117-118); um exercício constante, tanto relacional como interno.

Os diálogos nos permitiram tecer compreensões, desatar emaranhados e nós, construir conhecimentos. Nos permitiram acreditar e ver manifestar **a potência presente quando forças complementares conseguem atuar em harmonia.**

---

[42] Na transição para a floresta, feita em março de 2020, estávamos em 9 pessoas. Conforme fomos compreendendo a realidade da pandemia da COVID-19, meus parentes e o amigo que foi conosco retornaram para suas casas e para perto de seus núcleos familiares. Meu cunhado e o amigo italiano retornaram em Maio / Junho e minha cunhada e seus filhos, em Julho de 2020.

[43] (MORIN, 2001, p.55)

[44] (FERREIRA SANTOS; ALMEIDA, 2012, p.17)

Também compreendemos que, com o caminhar nesta realidade singular e tão intensa que se manifestou, **a forte matéria prima dos fios desse tecido vivo** era algo que tínhamos e temos em comum, em meio a tantas diferenças "da ordem do transitório[45]". Algo que nos direciona para um mesmo Norte - ou, diria, um mesmo Sul (SANTOS, 2010) - e que nos confere uma **linguagem** e uma **visão de mundo** afins: nossa interação e integração a uma mesma **tradição.** Valmir por herança direta, como neto do fundador, e eu pelo convívio no tempo e pelas conexões que possibilitaram que cedo em minha vida eu me encontrasse dentro deste caminho.

Ainda que frutos de uma mesma "árvore sombreira"[46], as diferenças em nossas relações com esta tradição permitiram que, nestes diálogos, alguns aspectos estruturantes de suas origens e fundamentos, pouco abordados, pesquisados ou divulgados, pudessem ser **trazidos a luz pelo encontro destes olhares complementares** e serem estudados, inclusive, como referências para nos auxiliar com a realidade do tempo em que vivemos. Aspectos que dialogam não apenas com os elementos doutrinários e que compõe a ritualística do Santo Daime, mais comumente em pauta[47], mas que incorporam e integram o **exemplo vivo** deixado pelo seu fundador enquanto cidadão encarnado.

Seu jeito de ser, de se relacionar, de orientar a organização da comunidade que fundou em meio a floresta amazônica em meados da década de 1930. Suas práticas cotidianas, sua forma de estruturar a vida, **sua relação com a Terra.**

Práticas que, inclusive, viabilizavam a possibilidade de dedicar-se com tranquilidade aos trabalhos espirituais que realizava. Nuances e sutilezas que apenas a convivência e o fazer junto podem abrir acesso profundo. Neste caso, a convivência de perto com quem conviveu de perto e a forma como os aprendizados construídos com este convívio manifestam-se em atitudes, práticas, hábitos, saberes e relatos de experiências de vida.

---

45 Ao longo deste ciclo identifiquei aspectos que reconhecia como "da ordem do transitório": elementos materiais, culturais, históricos, relacionados a questões e temas que referem-se a esta encarnação específica. Identifiquei também aspectos que reconheci como "da ordem do eterno", que correspondem a valores, experiências e saberes espirituais, que transcendem este ciclo de vida.

46 Termo encontrado no hinário "O Mensageiro"; que reúne cantos recebidos (LABATE, 2009) por Maria Marques (também conhecida como Maria Damião); contemporânea de Mestre Irineu.

47 Conhecimentos estes sobre os quais muitas pesquisas, inclusive, já foram feitas. Muitas destas estão reunidas no site do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), composto por um grupo internacional de pesquisadores e coordenado pela antropóloga brasileira Beatriz Caiuby Labate: https://neip.info // Publicação sobre o Santo Daime: https://neip.info/?s=santo+daime (livros, teses, textos)

2. Diálogos, referências, estratégias e instrumentos da pesquisa

2. DIÁLOGOS, REFERÊNCIAS, ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

2.1. Diálogos e referências

> O desafio freireano é construirmos novos saberes a partir da situação dialógica que provoca a interação e a partilha de mundos diferentes, mas que comungam do sonho e da esperança de juntos construirmos nosso "ser mais".
> **Felipe Gustsak**[48]

Ao longo deste caminho citado, e para a elaboração desta pesquisa, tive oportunidade de estabelecer diálogos tanto com os autores com quem travei contato por meio de leituras de textos e acesso a palestras disponíveis 'on line' quanto com referências inspiradoras e professores com os quais tive oportunidade de conviver; em ambientes formais e informais.

A convivência nestes anos todos com as professoras **Maria Christina de Souza Lima Rizzi** (2003; SILVA; RIZZI, 2021), minha orientadora, e **Ana Mae Tavares Bastos Barbosa** (2002; 2005; 2008; 2009a; 2009b; 2010; 2015), orientadora da minha orientadora, foram estruturantes não apenas para esta pesquisa, mas para meu percurso como pessoa, artista e educadora. As interações e heranças que estas relações possibilitaram, sobre as quais discorro

[48] (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.118)

mais adiante, ensinaram-me muito, tanto sobre o trabalho com **Arte/Educação** como sobre estas possibilidades que o convívio e o fazer junto, ao longo do tempo, viabilizam.

Por meio delas, também pude me aproximar da práxis de **Paulo Freire** (1974, 1977; 1982, 1996, 2011a, 2011b, FREIRE; MACEDO, 2011; STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017), o que, durante o doutorado, o convívio com a professora **Lisete Regina Gomes Arelaro**, da Faculdade de Educação (FEUSP) - que trabalhou e conviveu intensamente com ele - evidenciou e intensificou.

Isto se deu pela oportunidade de participação na disciplina "Paulo Freire e os desafios da educação brasileira na atualidade", por ela ministrada em 2017. Esta experiência favoreceu que eu me aproximasse não apenas das obras e legados de Freire, mas especialmente de **referências ao seu jeito de trabalhar e dialogar**, presente na forma como a professora e seus convidados propunham as aulas e em muitas de suas ações cotidianas; formas estas que também pude identificar na maneira e nos princípios que fundamentam os modos de atuar tanto de Rizzi como de Barbosa, dos quais, pela natureza de nossas interações[49], reconheço-me hoje como herdeira; como "filha", como "neta".

Ambas tiveram oportunidade tanto de conviver como de trabalhar com Freire, o que lhes permitiu contato direto com seu legado vivo, manifestado através de seu exemplo como pessoa e profissional comprometido com a educação, e no corpo de seu trabalho, expresso em suas ações e nos saberes construídos, traduzidos nos muitos textos e livros que produziu e publicou.

A convivência e os diálogos com o professor **Marcos Ferreira Santos** (2005, 2011, 2012), da FEUSP, especialmente ao longo da participação na disciplina “Mitologia Comparada: ensaios para uma antropologia da educação”, por ele ministrada em 2018, com **Maria Amélia Pereira** (2013), a **Peo**, com **Renata Meirelles** (CARVALHO, 2007, 2007), **Sirlene Giannotti** (2008) e **Rosane Almeida** (Instituto Brincante) nutriram e expandiram muito minha consciência sobre este "lugar" de encontro entre a educação, a iniciação (FERREIRA-SANTOS, 2015), a(s) cultura(s) e manifestações tradicionais e ancestrais e a riqueza da diversidade do povo brasileiro. Foram

[49] Assim como a Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi me orientou em minha graduação, mestrado e doutorado, viabilizando que desenvolvêssemos ao longo deste tempo - 15 anos - diversas ações e parcerias e, nesta convivência, construíssemos muitos aprendizados, a Profa. Dra. Ana Mae Barbosa também foi professora de Christina na graduação e na especialização em Arte/Educação, e orientou seu mestrado e doutorado. Trabalharam juntas em diversas ocasiões e, nestes 44 anos de convívio, também desenvolveram uma relação de proximidade que viabilizou parcerias e trabalhos importantes, inclusive, na edificação e consolidação de estudos, pesquisas e ações que contribuem significativamente para o campo da Arte/Educação no Brasil e no mundo.

essenciais para o meu entendimento sobre a profundidade destes campos, a potência das linguagens e experiências poéticas e sensíveis para dar forma e ampliar a consciência sobre os mistérios do Caminho e da Vida e sobre a complexidade maravilhosa que caracteriza os processos de formação humana; tanto em nossa chegada ao mundo como ao longo de nosso percurso neste plano.

Lev S. Vygotsky (1991, 2009), **William Corsaro** (1997, 2009) e **Manoel de Barros** (2013) também participam destas conversas através de seus escritos.

Sobre **experiências de vida e formação**, dialoguei em especial com **Marie Christine Josso** (2010), **Maria Conceição Moita** (2007) e **Antônio Nóvoa** (2007). Para fundamentar o trabalho com as narrativas, utilizei conceitos e estratégias da **História Oral** (MEIHY; HOLANDA, 2010). Para inspirar a organização, estruturação e apresentação das mesmas por meio das linguagens expressivas da arte, o contato com trabalhos desenvolvidos pelo **Núcleo Bartolomeu de Depoimentos** (NÚCLEO, 2021) foi essencial.

Sobre o **contexto brasileiro** e, em especial, sobre os **povos da floresta**, dialoguei com **Darcy Ribeiro** (2006; POVO, 1995), **Ailton Krenak** (KRENAK, 2019; 2020a; 2020b), **Daniel Munduruku** (2009; 2010), **Kaka Werá**[50], com a professora **Ana Suelly Arruda Câmara Cabral** (LALLI - UNB[51]) e com representantes, em especial, das etnias **Puyanawa** (GAVAZZI, 2015; SOARES 2011; WALKER, 2012), **Yawanawa, Shawãdawa** e **Huni Kuin** (CAMARGO et al, 2013; IKA MURU; QUINET, 2014), com quem tive mais proximidade nestes anos.

Sobre o **contexto daimista**, além das experiências vividas e compartilhadas ao longo destes 21 anos de intensa convivência e participação nesta egrégora e do convívio familiar com descendentes do **Mestre Raimundo Irineu Serra**, fundador do Santo Daime - cito, em especial, **Paulo de Assunção Serra,** seu filho, e **Valmir Alves Serra**, seu neto - dialoguei também com as pesquisas de **Maria Betânia Barbosa Albuquerque** (2014; 2018); **Beatriz Caiuby Labate** (2009; 2014), **Lúcio Mórtimer** (2000; 2001), **Alex Polari de**

---

50 Através da oportunidade de participar de oficinas por ele ministradas, no Instituto Brincante, em 2018.

51 Professora e vice-coordenadora do Laboratório de Línguas e Literatura Indígenas da Universidade de Brasília. Participou do encontro cultural Aldeia Multiétnica 2018, ministrando palestras sobre suas pesquisas. Ao longo dos 9 dias de imersão neste encontro, tive diversas oportunidades de conversar e interagir com ela, nas quais compartilhou muito de suas experiências, saberes e histórias - em especial sobre os processos de orientação de pesquisas realizadas na universidade por indígenas representantes de diversas etnias e suas vivências nas visitas que realizou às aldeias de seus orientandos e alunos.

Alverga[52] (POLARI 1992; 1995; 1998), Florestan J. Maia Neto (2003), Edward MacRae (1992), Paulo Moreira (2011), entre outros. Mestre Irineu, Padrinho Sebastião Mota de Melo e Cecília Gomes de Nazaré incluo aqui como referências estruturantes, pelo tanto que suas histórias, legados e ensinamentos vivos impactam a construção de meu ser e de minha maneira de atuar no mundo, tanto pessoal como profissionalmente, e pelas contribuições que influenciaram os processos vivenciados ao longo desta pesquisa e seus resultados.

Sobre Epistemologias do Sul, dialoguei com Boaventura Souza Santos (2010, 2018) e seus parceiros de pesquisa da Universidade de Coimbra, em Portugal. Sobre o contexto planetário atual, ecologia e bem viver, com Edgar Morin (2001, 2003, 2011, 2016), Fritjof Capra (2006a; 2006b; 2010a; 2010b; 2010c), Jeannette C. Armstrong (2006), Alberto Acosta (2016) e, também sobre este tema, com Airton Krenak (2020b).

Os estudos sobre comunidades intencionais na atualidade vem sendo desenvolvidos há quase 20 anos pela participação ativa neste movimento de retomada de uma condição coletiva de bem viver (ACOSTA, 2016), que está crescendo e ganhando potência por todo o globo. Foram nutridos pela convivência, pelos diálogos e pelos intercâmbios frequentes com diversos parceiros e amigos envolvidos em projetos colaborativos, no Brasil e em outros países, que buscam contribuir com a regeneração planetária (WAHL, 2019). Pude ter um olhar mais aprofundado e fundamentado sobre o tema no curso sobre "Design Social Permacultural", ministrado pelo economista e ativista Thomáz Enlazador (2010), do qual participei em 2017. Para aprofundar meus estudos sobre Permacultura, também dialoguei com David Holmgren (2006), Bill Mollison (1999, 2004), Djalma Nery[53] (FERREIRA NETO, 2018) e Lucia Legan (2009) e sobre Design Regenerativo com Daniel C. Wahl (WAHL, 2019).

Para favorecer meus estudos sobre o livro O Caibalion: Estudo da Filosofia Hermética do Antigo Egito e da Grécia, de

[52] Nas fichas catalográficas de seus livros, o autor apresenta-se como "Alex Polari". Com isso, nas referências deste trabalho ele consta como POLARI, Alex.

[53] Djalma Nery, além de pesquisador e atualmente vereador pela cidade de São Carlos, é fundador do Veracidade, um núcleo de permacultura urbana que tive oportunidade de conhecer por ocasião da participação no curso imersivo de Design em Permacultura (conhecido por PDC, Permaculture Design Course), que pude participar em 2016; no qual ele foi um dos professores.

Willian Walker Atkinson[54] (2017), tenho valorizado muito as contribuições das videoaulas produzidas pela professora **Lucia Helena Galvão** e pelo Instituto Nova Acrópole[55].

Sobre educação e transdiciplinaridade, além do convívio com a professora **Dália Rosenthal**, da ECA-USP, durante a participação na disciplina "Transdiciplinaridade, Formação e Arte", por ela ministrada em 2017, dialoguei com **Basarab Nicolescu** (2001) e **Ubiratan D'Ambrósio** (1997).

Para contribuir com a realização das pesquisas em campo, reconheço grande colaboração dos aprendizados viabilizados pelo convívio com a professora **Sylvia Caiuby Novaes** (2008, 2012, 2015), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), durante a disciplina **"Antropologia Visual"**. Por meio da disciplina também aprofundaram-se diálogos com **Roland Barthes** (1982), **Henri Cartier-Bresson, Gregory Bateson** e **Margareth Mead** (1942), **André Rouillé** (2019) e **August Sanders** (2012).

Para dialogar sobre a **arte**, e também para me inspirar, o contato com as obras[56] de **Hilma af Klint**[57] (PINACOTECA, 2018; PINHEIRO, 2018; BURGIN, 2018), **Yara Pires**[58], **Claudia Andujar**[59], **Louis Cattiaux** (1998), **Friedensreich Hundertwasser** (RESTANY, 2002; SCHMIED, 2005), **Alex Grey**, **Pablo Amaringo, Joseph Beuys** (ROSENTHAL, 2002) e **Fayga Ostrower** (OSTROWER, 2010) foi estruturante; bem como com a poesia escrita, teatral (NÚCLEO, 2021) e audiovisual de **Cláudia Schapira** (CLAUDIA S., 2021) e de **Roberta Estrela D'Alva** (D'ALVA, 2014).

Evandro Carlos Jardim (2009), **Herbert Read** (2001) e **Elliot Eisner** (2008) contribuíram muito com suas reflexões sobre a Arte/Educação, Educação pela Arte e as contribuições da arte para a educação e **John Dewey** (2010) e **Jorge Larrosa** (2002), particularmente, pelos seus olhares para a natureza da **experiência**.

---

[54] O livro, que é uma compilação dos ensinamentos de Hermes Trimegisto sobre as Sete Leis Universais, é assinado com o pseudônimo "Três Iniciados".

[55] Os links de acesso às video aulas estão em REFERÊNCIAS.

[56] Tanto através de exposições presenciais quanto do acesso aos seus acervos em publicações impressas e digitais.

[57] Tive oportunidade de visitar a exposição "Mundos Possíveis", realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, 11 vezes.

[58] Minha tia, pintora, irmã de meu pai.

[59] Em especial, através do contato com suas obras na exposição Claudia Andujar: a luta Yanomami. Mais informações em https://ims.com.br/exposicao/claudia-andujar-a-luta-yanomami-ims-paulista/ . Acesso em 27 de julho de 2021

Estas **convivências** e **diálogos,** e os aprendizados por eles mobilizados, tiveram fundamental importância para a realização deste trabalho, particularmente diante do contexto vivido.

2.2. Inspirações e aprofundamento de diálogos

> É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando seu presente. **Lev S. Vygostky**[60]

Dentre as referências citadas, algumas, com as quais estabeleci relações mais profundas, reconheço hoje como **parceiras que caminharam comigo mata a dentro e que tantas vezes sentaram-se comigo a beira do fogo,** elucidando minhas indagações, nutrindo reflexões sobre as experiências vividas e, especialmente, manifestando-se por meio de minhas atitudes, tanto internas quanto externas.

Destaco a seguir quatro artistas com os quais os diálogos estabelecidos aprofundaram-se consideravelmente e cujas influências na pesquisa foram notoriamente expressivas.

2.2.1. Hilma af Klint e a pintura do invisível

Hilma af Klint viveu na Suécia (1862 - 1944), nascida em uma família de navegantes vinculados à marinha. Foi uma das primeiras mulheres aceitas na Real Academia de Belas Artes da Suécia, em um movimento de conquista de direitos pelas mulheres; quando "na maior parte dos países do mundo (ainda) não era permitido às mulheres acessar estudos superiores." (SILVA; RIZZI, 2021, p.43)

Vivia da arte, como pintora de retratos e paisagens, em um período de intensas descobertas e “reconfigurações" dos paradigmas que balizavam as visões de mundo e relações com a vida na época. Descobertas como a eletricidade e o raio-x, que viabilizavam o acesso a campos antes invisíveis.

A morte de sua irmã, ainda criança, colocou-a frente a frente com o mistério da vida e desencadeou uma busca espiritual que permeou toda a sua vida neste ciclo de encarnação.

No final do século XIX, início do século XX, vivenciou experiências com um coletivo de mulheres nomeado “De Fem” ("As cinco”), composto por ela, Ana Lotte Cassel, Mathilda Nilsson-Cederborg, Sigrid Elisabeth Hedman e Cornelia Cederborg, que

---

60 (VYGOTSKY, 2019, p.14)

reuniu-se por 10 anos consecutivos (1896-1906[61]), às sextas-feiras, realizando estudos mediúnicos, preces e atividades que incluíam o contato com guias espirituais e a manifestação de mensagens, instruções e revelações por meio de imagens compostas por grafismos, cores e palavras, que traduziam as percepções e as informações que estes contatos lhes permitiram acessar e compartilhar.

Neste ciclo, Hilma recebeu uma encomenda para pintar um conjunto de imagens, posteriormente nomeado de “Pinturas para o Templo”, compostos por 156 obras.

Entre estas, encontram-se pinturas hoje identificadas como "as primeiras obras abstratas produzidas no mundo", que antecedem em anos os trabalhos de Wassily Kandisnky, Piet Mondrian, entre outros; aos quais este feito foi, por décadas, atribuído.

Deixou mais de 1000 imagens e 26.000 páginas com anotações, esboços e estudos, que poucos tiveram contato enquanto estava viva. Pediu em testamento que suas obras só fossem expostas vinte anos após sua morte. Erik e Johan af Klint, respectivamente seu sobrinho e sobrinho neto, apenas abriram e fotografaram as obras em 1966, vinte e dois anos após seu retorno ao plano espiritual.

"Em 1972 Erik e seus filhos Gustaf e Johan formam a Fundação Hilma af Klint, para cuidar das obras e assegurar que pesquisadores tivessem acesso à elas.” (SILVA; RIZZI, 2021, p.50) mas estas só vieram de fato a público em 1986, quarenta e quatro anos após seu desencarne.

Em 2018, seus trabalhos chegaram ao Brasil por meio da exposição **Hilma af Klint: Mundos Possíveis** (PINACOTECA, 2018), que esteve em cartaz na Pinacoteca de São Paulo e apresentou 130 obras, entre anotações, desenhos, estudos e pinturas.

O contato com as obras presentes nesta exposição, impactou profundamente minha relação com a pintura, favorecendo o resgate de uma qualidade de interação com o fazer poético que permeia a essência de minha relação com a arte e com a vida. Inspirou-me a dar forma, através do fazer pictórico, a ações de ampliação de horizontes. A reconhecer nestas ações, vias de **acesso e de aprofundamento de estudos sobre campos da consciência ainda abstratos.**

---

[61] Neste período registram-se algumas “alterações de integrantes” (SILVA; RIZZI, 2021, p.45)

Este contato também favoreceu uma condição de **liberdade interna** fundamental para eu intensificar a elaboração de **imagens que dão corpo a percepções sutis.** Me deram condições para, em meio a um contexto predominantemente materialista, confiar na potência das expressões produzidas com as linguagens expressivas da arte, compreendendo-as também como ferramentas de acesso aos estudos da espiritualidade, através do contato direto com percepções e forças que favorecem um entendimento da integração entre matéria e espírito, entre os princípios feminino e masculino, entre o microcosmos de nossa vida individual e a totalidade da Vida Universal.

O contato com as obras de Hilma intensificou a retomada de meu fazer poético por meio da pintura, iniciada alguns meses antes, como narro um pouco mais adiante. Inspirou-me a nutrir esta prática, a favorecer condições para mantê-la ativa e viabilizou o resgate de saberes que os ciclos do tempo haviam apagado de minha memória.

2.2.2. Claudia Andujar e as fotografias que integram a vida material e espiritual

Claudia Andujar é fotografa. Nascida na Suíça em 1931, chega ao Brasil em 1957, após residir na Hungria e nos Estados Unidos da América. Trabalhou para revistas nacionais e internacionais e lecionou fotografia em cursos, como um realizado, por exemplo, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP).

> Na década de 1970, compõe a equipe de fotógrafos da Realidade e realiza ampla reportagem sobre a Amazônia. Nessa época, recebe uma bolsa da instituição norte-americana Fundação Guggenheim e, posteriormente, uma outra da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) para estudar os índios yanomami. As tradições e o modo de vida dos yanomamis têm sido, desde então, o tema central de sua atividade. [···] A fotógrafa participa, entre 1978 e 1992, da Comissão pela Criação do Parque Yanomami, coordenando a campanha pela demarcação das terras indígenas e lutando por seus direitos. Entre 1993 e 1998, atua ainda no Programa Institucional da Comissão Pró-Yanomami (CLAUDIA A., 2021)

Seu engajamento com a luta em favor dos povos da floresta, utilizando a fotografia, entre outras coisas, como instrumento para dar visibilidade à causa e fortalecê-la ficaram evidentes no contato com suas obras e com as narrativas apresentadas na exposição “A

luta Yanomami”, realizada pelo Instituto Moreira Sales (IMS) em 2019.

O contato com as mesmas foi determinante para a escolha da utilização da fotografia como linguagem “poético-informativa” para compor esta pesquisa; diante do reconhecimento da potência de comunicação das imagens nela expostas e da sensibilização que a interação com as mesmas promoveu em minha consciência sobre as realidades ali apresentadas.

Imagens estas que formaram uma referência concreta e potente, para mim, de como fotografias podem configurar-se como documentos, ao materializarem e comunicarem recortes da realidade manifesta e, simultaneamente, como arte, pelas qualidades estéticas que conseguem alcançar (ROUILLÉ, 2009).

Além disso, pude reconhecer na fotografia de Andujar uma qualidade de representação da integração entre espiritualidade e vida material impar, belissimamente retratada por ela nas obras que compuseram esta exposição; o que nutriu e fortaleceu meu trabalho poético com a fotografia com uma intensidade que espero ter conseguido traduzir nos ensaios que compartilho mais adiante.

2.2.3. Joseph Beuys e o feitio de mundos possíveis

Nascido em 1921, Joseph Beuys[62] é considerado um dos mais influentes artistas alemães da segunda metade do século XX,

> dono de uma vasta e múltipla produção artística expressa na forma de desenhos, esculturas, ações, atuação política, educativa e diversos escritos. Seu trabalho buscou ir além das fronteiras que separavam as diversas disciplinas e ofereceu um caminho para construção de um pensamento de integração. (ROSENTHAL, 2011, p.112)

Desde meus primeiros contatos com a vida e obra de Joseph Beuys, dois pontos, em especial, nunca mais deixaram de participar de minha relação com a arte e com minha ação social no mundo: seu **Conceito Ampliado de Arte**[63] **e** sua **Teoria da Escultura** ou **Escultura Social**.

> No “Conceito Ampliado de Arte” e “Teoria da Escultura Social” o artista Joseph Beuys afirma sua posição sobre a arte como uma via de conhecimento que deveria, não apenas se expressar em todas as áreas da vida humana (Conceito Ampliado de Arte), mas também deveria agir mais diretamente “dentro” dos indivíduos e da formação social. Ou seja, o trabalho de arte deveria conscientizar as pessoas de que cada ser humano é um ser criador em potencial e com a capacidade de usar esta criatividade para moldar a sociedade em que vive. Este processo de modelagem da sociedade representaria assim a moldagem

---

62 Joseph Beuys (1921-1986)

63 Estes conceitos são apresentados em (ROSENTHAL, 2002, p.61-69).

> de uma grande escultura viva. Beuys a chamava de Escultura Social. Deste modo, cultura, política e educação passam a ser compreendidos como Escultura Social por serem maleáveis e moldáveis pelo pensamento humano. (ROSENTHAL, 2012, p.508)

Beuys relacionava-se com a escultura como um processo evolutivo e afirmava que **todo mundo é artista** (ROSENTHAL, 2002, p.62). Segundo Rosenthal (2002, p.62),

> Neste slogan "Todo mundo é artista" pode-se encontrar a formulação mais clara das intenções de Beuys. Significa um "Conceito ampliado de arte" no qual o processo inteiro de se viver é visto como um ato criativo. O "Conceito ampliado de arte" defende a aplicação da arte em todos os campos da sociedade.

Este posicionamento, potencializado por sua pesquisa e atuação como artista e professor de escultura na Kunstakademie Düsseldorf - da qual foi demitido após insistir que suas aulas deveriam ser abertas a todos os interessados - inspira e fomenta uma relação de **intimidade com a arte**, com o fazer poético, com o entendimento do mesmo como ferramenta de transformação social, como **instrumento para esculpir realidades.** Favorece que muralhas conceituais e burocráticas, que a tantos segregam, sejam mais permeáveis, e incentiva a compreensão da proximidade humana com o fazer artístico, **manifesta na potência de uma interação com qualidades estéticas, éticas e políticas com a vida vivida.**

Para Beuys, ainda segundo Rosenthal (2002, p.62-63),

> A experiência escultural era vista como algo em transformação, um fenômeno flutuante contrário a tudo o que era fixo. Era dentro deste conceito que Beuys acreditava encontrar um modelo seguro para conduzir o trabalho de arte como um estimulante da criatividade individual e de novas possibilidades políticas. Assim, o conceito de escultura de Beuys era de fato um sinônimo de alargamento da arte.

Com os diálogos que estabeleci com referências de seu trabalho e, em especial, com estes dois aspectos de sua compreensão da arte e do fazer artístico, pude, pouco a pouco, aprofundar em minha práxis como artista, educadora, pesquisadora e coordenadora de projetos educativos, culturais e sócio-ambientais. Ajudaram-me a fortalecer minha relação com a arte nas ações de meu cotidiano e a desenvolver e realizar propostas dialógicas em contextos vulneráveis (FREIRE, 2016); fundamentadas no **entendimento do potencial humano para criar e recriar realidades.**

Permitiu que eu cultivasse uma relação com o fazer poético que hoje me possibilita **reconhecer a frequência da arte em cada um de meus gestos,** uma vez que sua presença reside no intento que move meu ser/estar no mundo, que nutre as atividades de meu dia a dia, minha ação cidadã, a maneira como ordeno e realizo as

tarefas de minha rotina e a forma como construo, com intimidade, realidades no papel, nas telas e na modelagem dos contextos onde habito e interajo; sejam onde for.

Ao longo desta pesquisa e de nossas ações na **Aldeia Nova**, a **modelagem intencional consciente de nossa realidade** foi um estudo, uma prática e uma forma de compreender e agir estruturante em nosso cotidiano; e suas origens encontram-se nestes diálogos estabelecidos com a vida e obras de Joseph Beuys.

Nossa atitude de **"forjar a realidade a partir de um intento regenerativo"** foi fundamentada pela compreensão compartilhada da força de nosso potencial criativo na escultura do espaço, de nossas ações no tempo, de nossa identidade terrena, de nossas relações; e fortaleceram-se a partir de entendimento vivo do poder que reside em **darmos forma às nossa utopias, sonhos e mundos possíveis.**

No contexto em questão, relações foram estabelecidas entre a visão de escultura de Beuys e os significados daimistas para a expressão "feitio" (OLIVEIRA, 2008, p.76-91). Esta representa a atividade de preparo do sacramento utilizado nos rituais do Santo Daime, que muito nos ensina sobre a possível transformação de nossa realidade, tanto interna quanto externa; considerando que nossa realidade externa é um reflexo preciso das condições de nossa realidade interior.

> Costuma-se dizer que, quando as enormes panelas vão para o fogo, todas as questões, todos os problemas estarão sendo cozinhados e apurados dentro delas, com vistas a serem transmutados e resolvidos. (POLARI, 1992, p.158)

Tais relações, que refletem a possibilidade de agirmos consciente e ativamente "no feitio" do nosso ser, me levaram a cunhar o termo "feitio de mundos possíveis", presente no nome deste trabalho; considerando que **o forjar destas realidades almejadas inicia-se no forjar de nosso mundo interno, na regeneração** de nossa consciência e das raízes dos desequilíbrios que nos impulsionam a dar forma a pensamentos, emoções e ações que não contribuem para a nossa evolução pessoal e coletiva.

Vivendo nestes tempos de pandemia, que está impondo a todos significativos ajustes, adequações e atualizações em campos diversos da vida, considerei pertinente evidenciar esta possibilidade que temos, como seres **inconclusos** (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.), de co-laborarmos - com intensão clara, respeito, vigor e amorosidade - para alcançarmos nosso "ser mais" como indivíduos e também como parte do tecido vivo que compõe o Todo (ATKINSON, 2017).

2.2.4. Claudia Schapira e a poesia que fala a voz do coração

Claudia Schapira (CLAUDIA S., 2021) nasceu em 1964, em Buenos Aires, Argentina, e desde 1976 reside no Brasil. Poetiza, dramaturga, atriz, diretora de teatro, figurinista (e etc.), integra o **Núcleo Bartolomeu de Depoimentos** (NÚCLEO, 2021), do qual é uma das fundadoras, que em 2021 completou 20 anos.

(re)Conheci Claudia na sensibilidade de um trabalho espiritual e, a partir deste (re)encontro, naturalmente germinou uma conexão, que fez brotar uma 'irmã-dade', que floresceu em nossas interações e que, a cada ciclo, gera frutos que nos alimentam para que novos ciclos possam tomar forma. Tenho muita gratidão por sua amizade e pela oportunidade de partilharmos o caminhar por este mundo, perto ou longe, mas sempre perto, sempre em fina sintonia.

Claudia me provoca a ser intensamente artista. Sua viceral relação com a poesia e a fé madura e ativa na potência da arte para co-laborar com a transformação social, com a evolução individual e/ou coletiva, com a denúncia de injustiças e toda sorte de calamidades presentes na realidade global e com o anúncio da possibilidade de esperança por meio de nossa ação ética, estética e poética no mundo, são contagiantes.

Agradeço por me sentir constantemente contagiada e por esta qualidade de freqüência sempre me fortalecer. Por poder compreender mais e mais a potência da arte para fazer pontes entre planos, para expandir os horizontes de nossas visões de mundo, para que a essência de nosso ser integral tome forma, para que possamos nos conhecer e trabalhar ativamente em nossa evolução; para que possamos acessar, ouvir e compartilhar as vozes que ecoam em nosso coração.

A convivência com esta artista e sua arte me inspira a ser artista e a fazer arte. Em certa ocasião, numa conversa que tivemos em uma qualidade de consciência e sensibilidade semelhante à citada no início deste texto, suas palavras mágicas promoveram um desbloqueio em minha relação com meu fazer poético por meio de desenhos e pinturas, há anos estagnado.

O trabalho sutil operado pela força de suas colocações foi como um resgate em alto mar. Olhando de fora, poderia parecer apenas uma cordinha lançada; algumas poucas palavras. Enxergando por dentro, reconheço toda uma egrégora que, por intermédio seu, pôde favorecer condições para eu retomar a possibilidade de, por meio da arte e do fazer poético, resgatar a manifestação plena de minha "Sagrada Finalidade" (POLIDORO, 1998, p.22).

Essa relação alquímica consciente com a arte que estrutura minha práxis poética, que reconhece e opera a partir do entendimento de sua potência para favorecer transmutações e transformações, é sempre muito bem alimentada por nossa conversas e interações. Alimento que nutre, que gera saúde, que dá energia para ancorarmos na Terra novas possibilidade, utopias, sonhos e mundos possíveis.

2.3. Metodologias e Estratégias

> A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia. **Boaventura Souza Santos**[64]

> O exercício do ato visionário pode se realizar em qualquer atividade, seja de natureza prática ou teórica, artística ou científica. **Edith Derdik**[65]

Conforme recomendações de ambos os professores presentes em minha Banca de Qualificação[66] do doutorado, diante das produções visuais apresentadas como parte do trabalho avaliado, esta pesquisa foi construída como uma **investigação poética** (FERREIRA-SANTOS, 2012) e estruturada a partir de interações com a **Abordagem Triangular para o Ensino das Artes e Culturas Visuais** (BARBOSA, 2010; RIZZI, 2003) **como dinâmica epistemológica**.

Contou com contribuições de referências da **Antropologia Visual** (CAIUBY-NOVAES, 2008, 2012, 2015; ROUILLÉ, 2009;

64 (SANTOS, 1997, p.52 apus ALBUQUERQUE, 2014, p.189)

65 (DERDIK, 2010, p.24)

66 Banca de Qualificação do doutorado, realizada na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) no dia 09 de abril de 2019; contando com a presença do Prof. Dr. Evandro Carlos Jardim (CAP-ECA-USP) e Prof. Dr. Marcos Ferreira-Santos (FEUSP).

BARTHES, 1984; SANDER, 2012; BATESON; MEAD, 1942) para fundamentar a elaboração dos ensaios fotográficos produzidos.

Para estruturar e organizar as narrativas que integraram a composição da pesquisa, contou com contribuições da **História Oral** (MEIHY; HOLANDA, 2010), do contato com o trabalho e a pesquisa com 'depoimento pessoal' do **Núcleo Bartolomeu de Depoimentos** (D'ALVA, 2014; NÚCLEO, 2021) e com referências encontradas na forma como herdeiros de **tradições culturais presentes na Amazônia** ainda realizam os processos cotidianos de **iniciação nos saberes da vida**[67] por meio da **narração de histórias** e do **"fazer junto"**; considerando que este último, por sua vez, pode ser também compreendido como um ato de partilhar experiências de vida e, assim, participar da construção de novas **histórias vivas e novos saberes** a serem transmitidos para as gerações futuras.

A elaboração das narrativas visuais foi nutrida por **interações** e **diálogos mais intensos com o trabalho poético** e **político** de **artistas**, como a fotógrafa **Claudia Andujar**[68], a pintora **Hilma af Klint** (PINACOTECA, 2018; PINHEIRO, 2018; BURGIN, 2018), o artista e educador **Joseph Beuys** (ROSENTHAL, 2002).

2.3.1. Investigações poéticas

> O caminho não se compõe de pensamentos, conceitos, teorias, nem de emoções – embora resultado de tudo isso. Engloba, antes, uma série de experimentações e de vivências onde tudo se mistura e se integra e onde a cada decisão e a cada passo, a cada configuração que se delineia na mente ou no fazer, o indivíduo, ao questionar-se, afirma-se e se recolhe novamente nas profundezas de seu ser. O caminho é um caminho de crescimento. Seu caminho, cada um o terá que descobrir por si. Descobrirá caminhando. Contudo, jamais seu caminhar será aleatório. (...) Caminhando, saberá. Andando, o indivíduo configura o seu caminhar. Cria formas dentro de si e ao redor de si. E assim como na arte o artista se procura nas formas da imagem criada, cada indivíduo se procura nas formas de seu fazer, nas formas de seu viver. **Fayga Ostrower**[69]

> A criação é um perene desdobramento e uma perene reestruturação. É uma intensificação da vida. **Marina Célia Moraes Dias**[70]

---

67 Especialmente de crianças e jovens.

68 Em especial, através do contato com suas obras na exposição Claudia Andujar: a luta Yanomami. Mais informações em https://ims.com.br/exposicao/claudia-andujar-a-luta-yanomami-ims-paulista/ . Acesso em 27 de julho de 2021

69 (OSTROWER, 1984, p.75-76)

70 (DIAS, 2003, p.235)

Desde que “me conheço por gente”, a poesia - visual ou escrita - é parte estruturante de minha vida, de minha relação com a Existência, de minha forma de elaborar sentido para as experiências e indagações que mobilizam-me a expandir os horizontes de minha consciência.

Minha mãe conta que pinto desde bebê e que, para isso, ela produzia tintas com sucos em pó de diversas cores e sabores.[71]

Desenhar, pintar e escrever poesias permitiu-me, ao longo da vida, dar forma a experiências íntimas, a experiências sutis e a experiências literalmente indescritíveis e a elaborar percepções e entendimentos sobre campos que linguagens cartesianas dificilmente alcançam.

Tais elaborações podem acontecer ao acessarmos um campo de amplitude e silêncio que viabiliza uma interação com a realidade que transborda e transcende os limites do já “identificado", “mapeado”, “traduzido”, “descrito”, “cientificamente comprovado”; do já considerado coletivamente como "real”. Podem se intensificar ao favorecermos vivências com uma qualidade de liberdade que possibilita a intimidade com o Mistério que reside nas entrelinhas da dimensão material da vida e nas dobras de nossa consciência.

Neste sentido, as **linguagens expressivas da arte** participam de minha jornada neste plano de existência como **instrumentos que expandem** minhas condições de busca e de entendimento, tanto sobre o **universo manifesto** quanto sobre meu **universo interior**; configurando-se também como uma poderosa ferramenta para **auto-conhecimento** e **auto-aprimoramento**.

Viabilizam um processo alquímico que parte da compreensão de que “ao dar forma, nos formamos” (GIANNOTTI, 2008) e do entendimento que, por meio da ação de materializar um aspecto de nossa consciência, podemos ampliá-la, potencializá-la, transformá-la.

A expressão artística favorece também uma condição propícia para tangenciarmos, e tantas vezes mergulharmos, em nuances de memórias, percepções e experiências desafiadoras de serem reconhecidas e trabalhadas - mas que o campo aberto, silencioso, receptivo e neutro de uma tela em branco, por exemplo, pode acolher com amorosa maestria[72]. Nos permite, com isso, a

---

[71] Conta também que eu construía objetos tridimensionais e engenhocas com materiais variados, "inventava coisas”; e que isso cedo conferiu a mim o apelido carinhoso de “Professor Pardal”; personagem de um desenho animado produzido por Walt Disney. Um pássaro inventor, um cientista. Link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Professor_Pardal

[72] A depender de nossa relação com o mesmo.

possibilidade de elaborarmos questões significativas e de agirmos em relação a aspectos das mesmas que consideramos apresentarem a necessidade de refinamentos, ajustes, reformas; nos dando condições para **um trabalho ativo na regeneração de nossos padrões internos, de nossos hábitos, de nossos conceitos** que, por sua vez, fundamentam nossa **relação com a vida e nossas ações no mundo**.

Diante das características da relação que tenho com a poesia, o incentivo para que esta pesquisa fosse estruturada através de uma **investigação poética** foi um presente que viabilizou uma experiência verdadeiramente transformadora, regenerativa e repleta de sentido. Viabilizou também a partilha de algumas nuances dos campos estudados que, na linguagem acadêmica, não encontro repertório linguístico para traduzir.

Para isso, e em diálogo com as referências acima citadas, eu trabalhei com as linguagens da pintura, da fotografia, da escultura e da palavra; buscando construir, através da elaboração de imagens, de textos e da escultura intencional de minha realidade cotidiana, caminhos de reflexão e aprofundamento de estudos sobre os temas que me dispus a pesquisar e sobre formas de compartilhá-los.

2.3.2. A Abordagem Triangular para o Ensino das Artes e Culturas Visuais como dinâmica epistemológica

> O ato de conhecer e o ato de criar estabelecem relações: ambos suscitam a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar, significar. Na busca do conhecimento reside a profunda motivação humana para criar. O homem cria porque necessita existencialmente.
> **Edith Derdik**[73]

Com o desafio de **estruturar a realização desta investigação poética**, dialoguei com a Abordagem Triangular para o Ensino das Artes e Culturas Visuais como dinâmica epistemológica, por meio da qual pude organizar e potencializar as ações desenvolvidas nesta pesquisa.

A Abordagem Triangular foi sistematizada pela Profa. Dra. Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 2009; BARBOSA; CUNHA, 2010) e postula que "a construção do conhecimento em Arte acontece quando há interseção da **experimentação** com a **codificação** e com a **informação**." (RIZZI, 2003, p.66). Meu contato com ela deu-se por intermédio da Profa. Dra. Maria Christina Rizzi ao longo destes muitos anos de convivência; não apenas com estudos formais, realizados durante disciplinas ou ciclos de pesquisa, mas muito através da maneira como ela **manifesta tantos saberes sobre este**

73 (DERDIK, 2010, p.19)

tema em suas ações cotidianas como professora, orientadora e parceira.

Tal convivência possibilitou-me ressignificar a Abordagem Triangular **dinâmica, multidimensional e transdisciplinarmente**[74] e integrá-la à minha vida, à minha maneira de trabalhar com arte, com educação e também ao meu jeito de estudar e de pesquisar.

Ler, contextualizar, fazer.

Fruir, significar, manifestar.

Experienciar, compreender, (trans)formar.

Observar, refletir, realizar.

Uma imagem, uma papel, um desenho.

Inspirar, silenciar, expirar.

Sem uma ordem pré-determinada ou uma lógica fixa (RIZZI, 2003, p.69), estes três campos de ação propostos interagem dinamicamente e, desta maneira, **a Abordagem Triangular transborda o campo do Ensino das Artes e Culturas Visuais** e **é capaz de dialogar e interagir com diversas dimensões da vida**.

> [A Abordagem Triangular] não indica um procedimento dominante ou hierárquico na combinação das várias ações ou seus conteúdos. Ao contrário, aponta para o conceito de pertinência na escolha de determinada ação e conteúdos enfatizando, sempre, a coerência entre os objetivos e métodos. (RIZZI, 2003, p.69)

Trago-a, então, nesta tônica expandida, como referência para trabalhar com Arte/Educação e também como **estratégia de pesquisa**, evidenciando os entrelaçamentos entre os campos da investigação poética e da pesquisa acadêmica e reconhecendo suas significativas semelhanças; especialmente quando há oportunidade para pesquisarmos aquilo que nos move, nos instiga e nos encanta.

Nesta pesquisa, dialogar com o que incorporei da Abordagem Triangular mobilizou que eu a organizasse considerando sempre as três dimensões que propõe:

---

74 Animação em vídeo que ilustra esta compreensão sobre a Abordagem Triangular, produzida pela Profa. Maria Christina Rizzi e por Janaína Cesar de Oliveira, Bacharel em Multimídia e Intermídia formada pelo CAP, em 2007 (ABORDAGEM, 2007). Disponível em https://drive.google.com/file/d/1e0BXtmduPDkiZXCMRzTg_6JSqaUd7zCl/view?usp=sharing . Acesso em 30 Jul. 2021.

1. A dimensão do **LER**[75], relacionada com as experiências, vivências, fruição, pesquisas em campo, contatos diretos, escuta, observação e apreciação; materializadas na:

• **fruição** de obras de arte que inspiraram este trabalho;

· nas pesquisas em campo e interações realizadas (nas visitas em aldeias e comunidades, nas participações em eventos culturais;

· e nas **"leituras e releituras de mundo"** (FREIRE, 2011; 2016) e **da paisagem** (MOLLISON, 1999; 2004) que realizei na imersão na floresta.

2. A dimensão do **CONTEXTUALIZAR**[76], relacionada aos estudos teóricos, à análise dos contextos, às referências, reflexões, diálogos conceituais e à pesquisa bibliográfica; materializada:

· nos conteúdos apreendidos e compartilhados que favorecem o acesso, a aproximação e o diálogo com este campo de estudos.

3. A dimensão do **FAZER**[77], relacionada às ações, interações, manifestações, propostas práticas e construções poéticas, organização e produção dos resultados aqui apresentados; materializada:

· nas ações de "feitio de mundos possíveis"[78] desenvolvidas na Aldeia Nova ao longo do ciclo pesquisado;

· no registro poético-documental (ROUILLÉ, 2009) das mesmas, que contou com a captação de 3.004 fotografias e 80 videos;

· na seleção e edição das 101 fotografias que compõe os 13 ensaios produzidos e apresentados neste trabalho;

· na organização e ordenação das mesmas, formando a narrativa visual fotográfica compartilhada;

· nos estudos e na produção de desenhos e das pinturas que compõe a pesquisa;

---

[75] Considerações sobre o LER (leitura de obra de arte): "Segundo Ana Mae, é importantíssimo ressaltar que o objeto de interpretação é a obra e não o artista, não justificando processos adivinhatórios na tentativa de descobrir as "intenções do artista." (RIZZI, 2003, p.67)

[76] Considerações sobre o CONTEXTUALIZAR: ao contextualizar estamos operando no domínio da História da Arte e outras áreas de conhecimento necessárias para determinado programa de ensino. Assim, estabelece(M)-se relações que permitam a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem. Operar de maneira conatural à linguagem hipertextual é em si mesmo uma forma de conhecimento relativisada, pois pode ser subjetivamente e/ ou socialmente construída. Isso permite praticar uma educação em direção à multiculturalidade e à Ecologia." (RIZZI, 2003, p.69)

[77] Considerações sobre o FAZER (arte): "Ação do domínio da prática artística, como por exemplo o trabalho em ateliê." (RIZZI, 2003, p.69)

[78] Inspiradas pelo conceito de Escultura Social, de Joseph Beuys (ROSENTHAL, 2002).

· nos registros fotográficos feitos para poder reproduzi-las neste trabalho;

· na organização e ordenação das pinturas para compor a narrativa que dá forma às “considerações finais” desta pesquisa;

· na produção dos textos (poéticos, acadêmicos, híbridos);

· na ordenação dos textos e narrativas visuais para formar a tese;

· na estruturação deste documento para viabilizar uma experiência estética satisfatória por meio de um PDF - o que estava inicialmente planejado para se realizar em uma exposição de arte com contato presencial com as obras.

Esta demanda, em especial, envolveu:

· estudar uma "expografia" possível para a estruturação de uma experiência de fruição estética de imagens (101 fotografias e 19 pinturas) no “ambiente" de um PDF;

· a ordenação dos capítulos considerando um pulsar entre experiências de fruição estética e experiências de leitura, alternando a interação com imagens e textos;

· o design e diagramação artesanal de cada página deste documento, incluindo a pesquisa de detalhes como a seleção das cores de fundo (cinza claro[79] para textos, preto para fotografias e pinturas) e das fontes (preto sobre fundo cinza e cinza sobre fundo preto), a organização das imagens e textos e a cadência dos capítulos.

Estas ações foram desenvolvidas considerando o conforto visual dos leitores e a viabilidade de uma melhor qualidade de experiência para quem se dispuser a interagir e dialogar com este material; apesar das limitações impostas à sua forma (PDF) pelas condições desencadeadas pela pandemia da Covid-19.

[79] Utilizamos esta cor, e não o tradicional branco (tanto como cor de fundo quanto como cor das fontes), pela intensidade da luz que este reflete nos monitores; que desencadeia processos de desconforto visual, diminuição da capacidade de concentração, visão embaçada / embaralhada, dor nos olhos e, a depender do tempo de exposição às telas, dores de cabeça. O tom de cinza testado e selecionado foi a melhor opção que encontramos para lidar com estes desafios.

2.3.3. Antropologia Visual

> [···] cabe à fotografia, pelo imediatismo da linguagem visual, unir os povos e romper as barreiras da comunicação. [···] Por meio da fotografia, hoje somos capazes de transmitir pensamentos, ideias e fatos a todos os povos da terra. **August Sander**[80]

As referências às quais tive acesso no contato com o campo da Antropologia Visual (CAIUBY-NOVAES, 2008, 2012, 2015; ROUILLÉ, 2009; BARTHES, 1984; SANDER, 2012; BATESON; MEAD, 1942), permitiram-me elaborar e organizar as fotografias produzidas, compreendendo-as tanto como documento, quanto como manifestação artística (ROUILLÉ, 2009); dando-me condições para construir imagens e ensaios fotográficos que reunissem estas duas características.

Como documento,

> a fotografia aparece como recurso estratégico que se alia ao caderno de campo, permitindo registrar o que dificilmente conseguimos descrever em palavras, seja pela densidade visual daquilo que registramos, seja por seu aspecto mais sensível e emocional. (CAIUBY NOVAES, 2012, p.13)

Além do que, permite "registrar aquilo que em palavras perde toda a sua intensidade e dramaticidade" (CAIUBY NOVAES, 2012, p. 21)

Como manifestação artística, a fotografia estrutura-se como 'desenho feito com luz' e sua potência estética intensifica-se com a possibilidade de captação de um “instante no qual todos os elementos estão em equilíbrio" (CARTIER-BRESSON, 1952), cuja composição e edição refletem um olhar que transborda o mero intento de informar.

Considerados estes pontos, o contato com as referências citadas viabilizou que a apresentação das imagens produzidas para este trabalho pudesse ser estruturada para contemplar tanto a possibilidade de ofertar **informações sobre o campo pesquisado** quanto propor uma **experiência estética**; o que foi reforçado pela composição de narrativas formadas por conjuntos de imagens complementadas com legendas.

Na organização do fluxo narrativo que compõe a experiência proposta por esta tese, os 13 ensaios fotográficos produzidos são apresentados primeiro, separadamente, para que as subjetividades que têm potencial para evocar possam ser acessadas; para que diálogos mais íntimos possam acontecer.

As legendas, localizadas nas páginas seguintes ao campo das fotos, foram estruturadas combinando informações concretas sobre os contextos fotografados com relatos, reflexões, devaneios e

---

80 (SANDER, 2012, p.165)

poemas que dão forma às minhas percepções, indagações e referências sobre as experiências retratadas.

Esta forma de apresentação[81] também viabiliza que os três "vértices" da Abordagem Triangular possam ser vivenciados pelos que abrirem diálogos com esta pesquisa: o LER, através da apreciação das imagens, o CONTEXTUALIZAR, através do contato com o conteúdo das legendas, e o FAZER, através da elaboração de sentido, de reflexões críticas e de ações que as interações com este trabalho possam inspirar e mobilizar.

Nesta tese, o uso da fotografia também favorece uma possibilidade de ampliação no alcance comunicativo de conteúdos trabalhados pela pesquisa e uma maior democratização do acesso aos mesmos.

> Enquanto na época do intelectualismo a figuração literária se volta cada vez mais para os interesses de uma elite intelectualizada, a representação fotográfica se ajusta sem mais à capacidade de compreensão das grandes massas, menos instruídas. De modo que acredito não errar, em termos gerais, quando afirmo que não há nenhuma língua nacional no planeta que possa substituir ou mesmo superar a fotografia em sua importância como linguagem universal. (SANDER, 2012, p.167)

Além de transpor fronteiras linguísticas, viabilizando diálogos com representantes de culturas, idiomas, classes sociais e faixas etárias diversas (SANDER, 2012, p.164-173), esta linguagem possibilita, simultaneamente, a realização de denúncias e também de anúncios - como recomenda Paulo Freire. Denúncias e anúncios que busquei comunicar por meio desta tese através da estruturação e exposição de ensaios que deram forma à narrativas visuais; estruturados a partir de escolhas (SOUSA, 2013, p.166), repletas de intenção, que balizaram a edição das imagens, a ordenação e agrupamento das mesmas.

2.3.3.1. 13 ensaios, 13 luas

Cada um dos ensaios fotográficos apresentados nesta tese é formado por um agrupamento de imagens que compõe uma unidade em si, como expressão do recorte temático indicado pelo nome dado ao ensaio. Simultaneamente, compõe a uma narrativa estruturada pelo conjunto dos mesmos, cujas fotografias foram intencionalmente ordenadas para materializar um depoimento visual que representa um fragmento da experiência vivida; cujo propósito é ser aqui

[81] No campo das legendas, incluí miniaturas das fotografias como estratégia para facilitar / favorecer a leitura, considerando as dinâmicas de interação com as páginas / slides de um documento virtual e formato PDF muito diferem das possibilitadas de manuseio de um documento físico.

partilhada[82] e, possivelmente, inspirar sensações, percepções, reflexões e ações.

Cada um dos 13 temas retrata um campo de estudos fundamental para a pesquisa desenvolvida e estão sintetizados nas expressões utilizadas para nomeá-los. Compõe um caminho, uma história de busca.

Lua um: movimento

Lua dois: travessias

Lua três: água, alimento, abrigo

Lua quatro: jejuns, sensibilidade, consciência

Lua cinco: contextos, bordas, contrastes

Lua seis: incêndios

Lua sete: fogueiras, rodas, rituais

Lua oito: rezos, transmutações, transformações

Lua nove: feitio de mundos possíveis

Lua dez: práxis co·labor·ativa regenerativa

Lua onze: essenciais

Lua doze: sementeira

Lua treze: chama

A organização em 13 ensaios também propõe uma conexão e atenção com o pulsar do tempo natural no qual esta imersão em campo configurou-se: 1 ano, 1 giro solar, 13 ciclos lunares[83].

Estando na natureza, a percepção dos tempos orgânicos - dos pulsares da vida no microcosmos de nosso corpo, na relação com o corpo da Terra, na interação com o macrocosmos da vida no universo - neste pulsar junto consciente, reacende a certeza de que com o Todo estamos interligados. Somos parte. Somos natureza.

---

[82] As fotografias não estão em sequência cronológica.

[83] Embora o calendário gregoriano divida o ano em 12 meses, esta é uma divisão artificial do tempo que nos induz a nos desconectarmos dos ciclos, pulsos e ritmos naturais que vivemos como parte do sistema vivo da Terra.

2.3.4. Ubuntu, giras, círculos e diálogos para uma Ecologia de Saberes

UBUNTU: Eu sou o que eu sou porque nós somos todes.[84]

Ubuntu é uma palavra, um conceito, uma imagem, uma forma de ser e estar no mundo estruturante em minha vida. Permeia minha maneira de me relacionar com o Todo, com todos e cada um que O compõe. Permeia minhas ações pessoais e profissionais e, por consequência, está impregnada em todo o processo de constituição desta pesquisa.

Segundo Negreiros, Ubuntu é

> um conceito transversal que perpassa a visão do sujeito sobre o mundo, seja ela uma postura ética individual, uma postura política diante do outro, ou uma postura social diante da vida, pois, ubuntu é ser através do outro, é a consciência de pertença a algo maior (TUTU, 1999). É um desligar-se de si mesmo, do ser egóico para ver o outro no mundo, de forma que nesse aspecto o ubuntu chega a tocar a esfera espiritual, pois o outro é o 'eu transcendente', o lócus onde o imanente transcende a si mesmo em um caráter de alteridade, de comunidade e, portanto, de humanidade. (NEGREIROS, 2019, p.120)

As **giras**, cirandas, rodas e **círculos** que participei ao longo da vida favoreceram para que o que estas palavras buscam traduzir fosse, de fato, incorporado em meu ser; tomando corpo por meio das minhas formas de ser/estar no mundo.

Girando, então, me propus a pesquisar. No circular deslocamento, no movimento que sensibiliza o olhar.

Como quando entro na roda, me coloquei diante da busca. Com reverência, respeito, coração aberto: pedi licença para entrar.

Como quando estou em roda, busquei preservar o centro livre. Silencioso centro que a tudo escuta, que o Todo escuta. Centro livre, repleto de plena potência para o novo se manifestar. Centro livre onde tudo acontece, onde meu coração silencioso está.

Com quando estou em roda, me relacionei com cada um que participou deste caminho: com ciência de que estamos todos à mesma distância do centro do círculo. Cada um formando a roda, emanando a sua força, compondo a harmonia do campo coletivo com sua frequência única, sua identidade vibracional (ATKINSON, 2017; CAIBALION, 2017i). Cada um desempenhando seu papel, sua Sagrada Finalidade (POLIDORO, 1998, p.22), como parte da teia da vida; unidos pelo pulso de um compasso uno, universal.

---

84 Tradução livre, adaptada pela pesquisadora.

Nessa horizontalidade e entendimento abri os **diálogos** que dinamizaram esta pesquisa. Nessa horizontalidade, proponho que se mantenham abertos.

A palavra diálogo nomeia o que pode acontecer a partir de uma interação, resultado de uma ação aqui reconhecida como estruturante no desenvolvimento deste trabalho: “este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.” (FREIRE, 2016; p.135)

Tal como compreendido por **Paulo Freire** (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p. 117-118), o diálogo nos permite que possamos “olhar o mundo e nossa experiência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação" (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p. 117). Implica um fazer junto, uma “práxis social [···] que abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre ‘ethos cultural’, sobre nossa educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p. 117). Nos mobiliza a “construirmos novos saberes a partir da situação dialógica que provoca a interação e a partilha de mundos diferentes mas que comungam do sonho e da esperança de juntos construirmos nosso ‘ser mais’.” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p. 118)

Incontáveis diálogos realizaram-se para os fins desta pesquisa, inspirados também pelas experiências vivenciadas em giras, cirandas, rodas e círculos, anteriormente mencionadas; cujas formas vivas 'corporificadas' traduzem condições que considero favoráveis para que, por meio dos diálogos, uma **ecologia de saberes** (SANTOS, 2018, p.67-72) possa acontecer.

> Na ecologia de saberes a intensificação da vontade exercita-se na luta contra a desorientação. Na ecologia de saberes a vontade é guiada por várias bússolas com múltiplas orientações. Não há critérios absolutos nem monopólios de verdade. Cada saber é portador de sua epistemologia pessoal. Nestas condições não é possível seguir uma só bússola. [···] A existência de múltiplas bússolas faz com que a vigilância epistemológica se converta no mais profundo acto de auto reflexividade. (SANTOS, 2010, p.153).

Considerando-se ser “possível um número ilimitado de ecologias de saberes, tão ilimitado quanto o da diversidade epistemológica do mundo” (SANTOS, 2018, p.68), pode ser considerada uma “dimensão epistemológica de uma solidariedade de tipo novo entre atores e grupos sociais” (SANTOS, 2018, p.69), por ancorar **uma proposta de respeito, reconhecimento e abertura para diálogos entre as múltiplas formas de buscar e produzir conhecimento**, entre as infinitas maneiras de colocar-se diante do mistério e de buscar ampliar a consciência sobre a existência, entre

as incontáveis formas de compreender e traduzir as percepções sobre o que reside nas entrelinhas da vida e de dar corpo à consciência por meio de nosso fazer cotidiano e pela maneira como escolhemos, dia a dia, interagir com a Vida e a estudá-la.

2.3.5. Narrativas e experiências de vida compartilhadas: a transmissão de saberes por meio de histórias e do fazer junto

> A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar de esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar a Unidade primordial. **Amadou Hampaté Bâ**[85]

De pequena, em minha vida, fui iniciada na arte de ouvir histórias. Criada com intensa convivência com minhas avós e tias avós, as narrativas repetidamente compartilhadas de suas peripécias infanto juvenis, dos desafios que forjaram sua força e resistência contra as opressões do sistema patriarcal e as histórias sobre as formas que encontraram para driblá-lo e para dele se emanciparem, povoaram a formação de minhas referências primeiras e minha compreensão da potência da partilha de experiências na formação das gerações seguintes.

Quando fui morar na Amazônia, surpreendeu-me a força e a presença ainda viva e ativa das narrativas e partilhas de experiências de vida por meio de histórias, especialmente entre os anciões. Tive, por exemplo, a oportunidade de receber meu sogro[86] em casa incontáveis vezes, ele hoje com 81 anos, de passar um café mais doce - como é o gosto dele - e mergulhar em suas memórias e nas histórias que conta sobre seus antepassados; algumas das quais já sei decor, de coração. Narrativas que hoje carrego comigo e que me dão repertório para, tantas vezes, lidar com fatos e acontecimentos em meu cotidiano.

Reconheci também esta mesma vocação de traduzir a vida por meio de narrativas em seu filho[87], meu companheiro, hoje com

85 (BÂ, 1980, p.183)

86 O Sr. Paulo de Assunção Serra, filho do Mestre Raimundo Irineu Serra.

87 Valmir Alves Serra.

48 anos, que, por meio do contar e recontar de histórias, me ensinou sobre a possibilidade de elaborarmos muitos saberes no encontro possibilitado pelo conto, na empatia possível que nos permite vivenciar indiretamente experiências vividas por outrem e delas colher aprendizados e ensinamentos preciosos, a partir de referências do passado e que, tantas vezes nos dão condições para lidar infinitamente melhor com nossos desafios no presente.

A força atemporal das narrativas que viabiliza o encontro, a interação e o deslocamento para realidades aparentemente distantes das nossas, nos aproxima de nossos antepassados e os aproxima de nossos descendentes, fortalecendo a corrente que nos une e da qual pertencemos, como parte que somos de uma linhagem ancestral.

Muito de meu entendimento sobre ancestralidade e sobre a importância da conexão com nossas referências primárias neste plano de existência, deu-se por meio destas experiências vividas, tanto com as anciãs que me criaram quanto com os anciãos da família de meu companheiro - nossa família - que, pelas características das realidades que experienciaram em vida, na floresta, encontraram na arte de contar histórias uma potente ferramenta para a transmissão de saberes e para a iniciação das gerações futuras na arte de viver.

Um outro aspecto importante, reconhecido neste convívio, foi a potência das iniciações por meio do fazer junto. Estas iniciações, especialmente as realizadas nos contextos domésticos ou comunitários, em geral são desencadeadas pela necessidade de divisão de tarefas e da instrução dos mais novos para a possível participação e co-laboração nas atividades estruturantes das rotinas de uma casa, de uma família, de uma coletividade; e são reconhecidas como essenciais na formação dos indivíduos que delas participam.

Iniciações que não se perdem no tempo por haverem sido incorporadas por meio de uma prática realizada, em muitos casos, repetidas vezes. Por dialogarem e interagirem com necessidades e interesses relacionados à vida vivida, concreta, manifesta. Saberes que encontram oportunidades para serem aprofundados por meio das ações práticas que possibilitam, desencadeiam, fundamentam e orientam. Saberes que permeiam entendimentos sobre a vida e sobre formas de viver e que dialogam com nossas necessidades essenciais e com a organização das estruturas básicas para sustentar a existência neste plano. Saberes que, ao serem compartilhados, ampliam e favorecem o caminhar, e que também expandem nossos horizontes, nos permitindo reconhecer a infinitude do caminho.

Saberes que são construídos a partir de referências híbridas que compõe o que aqui venho chamando de “fazer junto”, e que constelam informações verbais, observações diretas, aplicação imediata dos conteúdos, aplicação repetida dos conteúdos, validação dos mesmos diante das realizações e da realidade que viabilizam. Saberes com potencial para serem transformados em sabedoria, pela forma como são recebidos, incorporados e, então, transmitidos às gerações seguintes por meio de histórias e de um fazer junto, atualizados pelo tempo e pela evolução da realidade.

Acreditei ser coerente, diante das características mencionadas sobre o contexto no qual estes estudos foram realizados, que a estruturação da pesquisa pudesse ser feita a partir da composição de narrativas, que contam histórias por meio de imagens e palavras, sobre um fazer junto que possibilitou que as descobertas, reflexões e conhecimentos acessados e construídos pudessem ser compartilhados com sensibilidade e eficiência, numa linguagem acessível, com a qual um espectro mais amplo de pessoas tem intimidade.

Encontrei nas narrativas uma forma completa e complexa para partilhar conteúdos que não dialogam apenas com nossas dimensões cognitivas, racionais, intelectuais; reconhecendo que elas transbordam estes campos ao integrar e refletir sensibilidades, sutilezas, saberes intuitivos e visões que buscam traduzir nuances das experiências que as linguagens que majoritariamente estruturam a pesquisa acadêmica não alcançam.

Deixo explícito um convite, então: para que, no contato com as narrativas apresentadas, cada um possa abrir diálogos entre as metáforas que nelas se encontram e suas próprias referências, histórias e experiências de vida; especialmente considerando este intenso tempo em que estamos vivendo, que está mobilizando tantas transformações profundas.

Que estes diálogos possam incluir os sentidos, o corpo, o fazer. Que os escritos, poemas, ensaios fotográficos e pinturas compartilhadas, que dão forma as narrativas que estruturaram este caminho de busca, possam configurar-se como pontes, como canais que colocam mundos em conexão. E que estes diálogos possam ser como sementes boas em solo fértil, com toda condição para fazer germinar mundos possíveis (ACOSTA, 2016; PINACOTECA, 2018; PINHEIRO, 2018; BURGIN, 2018; SILVA; RIZZI, 2021).

2.4. Adaptações ao contexto de pandemia

Diante das transformações na realidade acarretadas pela **pandemia da COVID-19** e dos impactos desta condição mundial em minha própria realidade, tanto como pesquisadora e quanto como ser vivo consciente, a forma como a estruturação desta pesquisa se deu esteve, inevitavelmente, em profundo **diálogo com o contexto** em que aconteceu.

Adaptações na pesquisa, como mencionado, foram necessárias para que esta pudesse ser realizada satisfatoriamente; tanto **na maneira de conduzi-la e nos instrumentos utilizados para dar corpo à mesma**, quanto na **forma de apresentá-la**, como aprofundo a seguir.

Celebro, então, sua possibilidade de **continuidade** e os **resultados alcançados** por este percurso e por este trabalho frente a necessidade de **isolamento social** e consequente **inviabilização das imersões em campo previstas**. Esta continuidade apenas foi possível pela **correspondência** presente entre os estudos que desenvolvo na Universidade de São Paulo, minha atuação profissional e minha vida pessoal; o que também celebro.

Esta **coerência**, que reflete e me faz consciente de uma condição de **integração** em meu caminho, favorece para que cada um destes campos alimente os demais. Estes, estando nutridos e em convergência, conseguem potencializar-se, compondo uma atuação em vida com uma direção alinhada, destinada a um mesmo propósito, que é **co-laborar com a Vida em suas múltiplas dimensões.**

2.4.1. Fractais

Como **um espelhamento da condição de isolamento social** imposta a todo o globo para conter a pandemia da Covid-19, esta pesquisa etnográfica com foco na **observação e estudo de referências exteriores**, acabou por ser transformada em uma pesquisa envolvendo **auto-observação**. Os contextos pesquisados migraram das aldeias e ecovilas já citadas para a **intimidade** de meu lar, de minha família, de meu cotidiano. Para a intimidade do profundo processo que vivemos durante este ciclo intenso, regido pela presença da força da **Morte**, percebida coletivamente nos quatro cantos do mundo.

A presença da Morte "como boa companheira", como cita a personagem Don Juan[88], dos livros de Carlos Castañeda[89]; que muito li na adolescência. A presença da Morte como mobilizadora de um campo de frequência com potencial para intensificar nossa qualidade de **presença** em Vida, para refinar nosso olhar para as sutilezas presentes entre os véus da dimensão material, para **integrarmos conscientemente** a finitude e a eternidade, a carne e o espirito, nossa identidade terrena e nossa essência; podendo reconhecer e reverenciar o Todo (ATKINSON, 2017) em tudo, e dialogar com o Mistério como com um amigo de infância.

2.4.2. Espirais

Este movimento, que fez migrar o ângulo a partir do qual desenvolvi os estudos que aqui compartilho, no entanto, favoreceu que em minha vida cotidiana se intensificasse uma relação com meu dia a dia como um **efervescente campo de estudos**.

Uma escola a céu aberto. Um campo multidimensional dinamizado por uma **práxis epistemológica** (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.325-326) nutrida pelas **pesquisas** desenvolvidas no doutorado (entre, através e além dele), pelos **diálogos** com meus conviventes - em especial com meu companheiro Valmir Alves Serra , seus familiares e seus ancestrais - e pelos **saberes construídos a partir das experiências** promovidas pela ação de **esculpir**[90] **a realidade artesanalmente, instante a instante**; através de um "fazer junto" consciente, crítico e intencional.

Este processo enriqueceu minha existência de formas imensuráveis. Expandiu minha consciência sobre o existir. Transformou minha visão de mundo e de nossa relação com a vida e com o viver. Mobilizou-me a semear ativamente **utopias** (FREIRE, 1992; STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.412-413), **sonhos possíveis** (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.381-382), **mundos possíveis** (ACOSTA, 2016; PINACOTECA, 2018; PINHEIRO, 2018), **inéditos viáveis** (FREIRE, 1975, p.110; STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.223-226), que contribuam para darmos forma a uma condição compartilhada de bem viver para todos e cada um que compõe o Todo; particularmente dialogando com as exigências deste Tempo em que vivemos.

---

88 https://pt.wikipedia.org/wiki/Don_Juan_Matus

89 https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Castaneda

90 Dialogando aqui com o Conceito Ampliado de Arte e a Teoria da Escultura, de Joseph Beuys (ROSENTHAL, 2002).

2.4.3. Instrumentos, materiais e suportes

O contexto que a pandemia desencadeou também exigiu adaptações nos instrumentos, materiais e suportes utilizados para dar corpo a esta investigação poética; diante dos percalços, dificuldades e imprevistos que enfrentamos.

Minha **câmera fotográfica**, uma Canon D-70, quebrou no primeiro mês, não sei se pelo impacto das chuvas, de queda ou dos movimentos bruscos que envolveram o transporte de nossos pertences nas ocasiões mais desafiadoras. Todas as fotografias captadas e aqui apresentadas foram feitas com a câmera de meu **celular**[91]; um equipamento de qualidade, mas com limitações técnicas próprias de um aparelho cuja finalidade primeira não é a produção fotográfica.

Apesar destas limitações, acredito que o manejo de um instrumento de pequeno porte, carregado sem receio nos bolsos e pochetes que caminhavam comigo dia a dia, permitiram que imagens de situações específicas pudessem ser registradas, sem comprometer a espontaneidade das mesmas pela presença de grandes lentes ou depender da possibilidade de transporte e utilização de uma câmera delicada em meio a trilhas, chuvas, lamaçais e etc.

Para **desenhar e pintar**, precisei me ater a formatos e suportes que pudessem ser transportados em minha mochila e armazenados contra a extrema umidade local[92]. Consegui trabalhar apenas com papel Canson A4 e A3, em geral com gramaturas altas, e com algumas telas 30x30cm.

Precisei substituir o uso que vinha fazendo de aquarelas por tintas “impermeáveis”, diante da percepção da fragilidade deste material no ambiente amazônico; o que se deu a partir de um "efeito especial” desencadeado por uma goteira em uma das pinturas que estava secando sobre uma mesa onde eu costumava trabalhar.

Inicialmente, passei a utilizar canetas hidrocor de ponta ultrafina, como as da marca Stábilo, e canetas permanentes da marca Posca, cuja palheta de cores disponível é mais ampla e interessante que as demais marcas encontradas. Após certo tempo e condições espaciais mais favoráveis, pude também incluir nos trabalhos o uso de tintas acrílicas.

---

[91] Um iPhone X, adquirido em 2018. A edição das imagens também foi feita com um aplicativo - o iPhotos - disponível tanto no celular quanto em meu computador, para favorecer a viabilidade do trabalho neste contexto.

[92] Possivelmente estas questões também estariam presentes nas imersões nas aldeias indígenas.

2.4.4. Sobre transformar uma exposição de arte em um PDF

A apresentação desta pesquisa, cuja intenção primeira era que tomasse a forma de uma **exposição**[93], precisou caber em um **PDF de tamanho pequeno**, passível de ser compartilhado por email, cuja interação possível se dá apenas por meio de telas.

Considerando a diversidade de tamanhos, características e ajustes de luz das telas de televisores, computadores, tablets e celulares - aparelhos utilizados para interagir com documentos digitais em PDF - reconhecemos que esta situação inviabiliza uma uniformidade no acesso às imagens compartilhadas e a garantia de uma correspondência plena das mesmas à realidade estética dos trabalhos produzidos.[94]

Considerando também que a experiência de contato com a **materialidade** dos trabalhos precisou ser, neste momento, substituída pelo contato com um documento digital composto por **imagens em baixa resolução**[95], as fotografias foram cuidadosamente editadas para que as experiências de visualização das mesmas não fosse prejudicada por distorções dramáticas ou que comprometessem sua nitidez. Mas sabemos que "não é a mesma coisa".

Para minimizar os impactos impostos por esta realidade, como mencionado anteriormente nas páginas 55 e 56, uma série de estudos foi feita com a intenção de promover condições de conforto visual e de qualidade de presença na interação com este material. Desde a diagramação, estudos de cor e organização da pesquisa em

---

93 Possivelmente realizada no Espaço das Artes, no prédio antigo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP); o que ainda supomos ser viável após a pandemia.

94 Para fins de aproximação, o computador que estou utilizando é um Macbook Pro. A referência de calibragem de monitor que recomendo é sRGB. Vale considerar ajustes na intensidade de sua luz pois certamente estes irão interferir nas características das imagens apreciadas, especialmente das fotografias em preto e branco com intensos contrastes. É também favorável acessar o documento em um ambiente que não gere reflexos na tela do equipamento utilizado (neste caso, ambientes noturnos com baixa luz seriam os mais adequados).

95 Para essa conversão, utilizei um recurso que favorece a redução do tamanho de arquivos de imagem de forma amadora, porém rápida, eficiente e acessível e que pode ser útil, em especial, para os professores que, diante das adaptações no trabalho geradas pela pandemia da Covid-19, constantemente necessitam utilizar imagens nos materiais que precisam produzir. Esta facilidade foi descoberta por mim e por minha parceira de trabalho nos programas e projetos sociais desenvolvidos pela Associação Sabiá, Larissa Néri. Para produzirmos materiais pedagógicos digitais, que não necessitam de resolução maior que 72dpi, aprendemos a utilizar o aplicativo WhatsApp para realizar esta compactação. Simplesmente enviando as fotografias por mensagem e, através do WhatsApp Desktop, baixando-as no computador, é possível realizar este procedimento com múltiplas imagens de uma só vez e resolver este tipo de tarefa de maneira prática, com um recurso diariamente utilizado pela maioria dos profissionais.

um documento em formato de “Paisagem”, até a consideração da ordenação e cadência dada a apresentação da pesquisa, alternando mergulhos reflexivos conceituais com experiências de apreciação estética, textos com imagens, telas cinzas e pretas, linguagens poéticas e acadêmicas.

Também organizamos algumas “dicas" que acreditamos poder contribuir com a experiência dos que se dispuserem a caminhar por estas páginas.

2.4.5. Condições para melhor navegar

Algumas recomendações somam-se no intento de alcançar estes propósitos: conforto visual e qualidade de presença na interação com este trabalho, considerando seu suporte.

Sendo possível:

1. Escolha um local arejado, com temperatura agradável, no qual seja possível criar uma condição de iluminação que minimize os reflexos na tela do aparelho utilizado para a visualização;
2. Escolha, de preferência, um aparelho com uma tela consideravelmente ampla e que possibilite interações com o documento, como expandir as imagens para enxergar detalhes ou diminuir o tamanho do documento para ver a composição da página como um todo (computadores e tablets são os mais adequados);
3. Recomendamos que a calibragem da tela esteja no sistema sRGB[96] (mais comumente utilizado) e que o ajuste da intensidade de luz da tela seja feito com atenção; especialmente durante a apreciação das fotografias que, por estarem em preto e branco e por algumas contarem com contrates mais intensos, podem ter sua fruição bastante prejudicada tanto pelo excesso quanto pela falta de luz;
4. Busque selecionar, no aplicativo usado para a leitura de PDF, a opção de visualização por slides e não por rolamento; para propiciar que o efeito cinético aconteça;
5. Escolha um assento que favoreça que você consiga sentar-se confortavelmente. Busque observar se seus ísquios[97] estão bem

[96] Em geral existe este recurso de ajuste de monitor encontra-se nos ambientes “Preferências do Sistema”, no Mac (https://support.apple.com/pt-br/guide/mac-help/mchlp1109/mac) ou no “Painel de Controle”, no sistema Windows (https://olhardigital.com.br/2018/07/27/dicas-e-tutoriais/aprenda-a-calibrar-o-monitor-do-pc-para-ter-cores-mais-precisas/)

[97] Os dois ossos de nosso sacro responsáveis pelo apoio da coluna quando estamos sentados.

apoiados, favorecendo que sua coluna fique alinhada e bem sustentada;

6. Separe uma garrafa com água, um café, alguns petiscos, lencinhos, artefatos para fazer anotações (caderno, lápis, celular), um agasalho, uma mantinha - itens que, estando à mão, podem favorecer que você consiga sustentar por mais tempo uma boa qualidade de presença e foco, e fazer mergulhos mais profundos;

7. De quando em quando, ao perceber queda na qualidade de sua concentração, movimente o corpo, alongue-se, respire; e siga. Pare, flua, retorne. Esse trabalho é para ser saboreado devagar.

8. Boa navegação!!!

3. Histórias contadas de vidas vividas e os saberes que semeiam

3. HISTÓRIAS CONTADAS DE VIDAS VIVIDAS E AS REFERÊNCIAS QUE SEMEIAM

3.1. Histórias de vida

> A história de vida é outra maneira de considerar a educação; já não se trata de aproximar a educação com a vida mas de considerar a vida como espaço de formação. Marina Célia M. Dias[98]

> Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidencia o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com seus contextos. Maria da Conceição Moita[99]

> Peço desculpa por me expor assim, diante de vós; mas considero que é mais útil contar aquilo que vivemos do que estimular um conhecimento independente da pessoa e uma observação sem observador. Na verdade, não há nenhuma teoria que não seja um fragmento, cuidadosamente preparado, de uma qualquer autobiografia. Paul Valery[100]

---

98 (DIAS, 1997, p.[9-15])

99 (MOITA, 2007, p.116)

100 (VALERY, 1931 apud JOSSO, 2010, p.22) Obs: Josso utiliza esta citação como epígrafe e não cita em suas referências a fonte, apenas o ano atribuído à fala de Paul Valery.

> Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. **Paulo Freire**[101]

Para apresentar este percurso de pesquisa, faz diferença evidenciar que suas raízes encontram-se intimamente entrelaçadas às minhas. Apresento, então, alguns fragmentos de histórias de vida que esclarecem intentos que mobilizaram a realização deste trabalho e estabelecem diálogos diretos com aspectos importantes do mesmo; a começar pelo entendimento da vida cotidiana como espaço fundamental de formação humana.

Refletem também o reconhecimento da potência dos processos de estruturação e partilha de narrativas que, ao sintetizar e traduzir experiências, condensam e semeiam referências e aprendizados possíveis, promovendo um íntimo e singular diálogo entre as metáforas contidas nas histórias partilhadas e elementos das histórias de vida vivida de quem as elabora e/ou escuta.

Uma forma de organização e transmissão de conhecimentos ancestral que remonta tempos imemoriais (BÂ, 1980) e se faz presente em diversas tradições, ainda hoje, nos quatro cantos do mundo.

3.1.1. O silêncio na natureza

> Desenhar concretiza material e visivelmente a experiência de existir. **Edith Derdik**[102]

Riscando na areia na beira do mar quando criança, eu já criava e recriava mundos desenhando. Um espaço-tempo livre, vivo, fluido, mobilizado pelas pulsões, intuições e desejos que expressavam as características e necessidades de meu ser, dinamicamente atualizadas no compasso da vida.

Agradeço à "Força Divina que em Tudo Está"[103] pela possibilidade de convivência com a natureza terrena desde menina. Este convívio teceu laços de afeto e fortaleceu meu vínculo positivo com a existência. Reconheço a importância e agradeço especialmente às oportunidades de estar na presença do silêncio, que viabilizaram condições para que eu pudesse acessar, dentro de mim, o mistério que manifesta-se por meio das formas que compõe a vida neste plano e expandir os horizontes de minha consciência; em consonância com a natureza de minha natureza.

---

101 (FREIRE, 2016, p.34)

102 (DERDIK, 2010, p.63)

103 Trecho de um canto de agradecimento pelo alimento, cantado antes das refeições na comunidade ribeirinha daimista Vila Céu do Mapiá, fundada pelo Pd. Sebastião Mota de Melo, localizada em meio à floresta amazônica, próxima ao município de Pauiní - AM. Sua letra completa diz: “Agradecemos os alimentos, o sol e a terra e a Força Divina que em tudo está. Bom apetite”.

Em meio à Natureza Mãe, fui iniciada na cada vez mais rara arte de conviver com intimidade com minha própria essência viva, em momentos de saudável solitude, nestes intervalos de silêncio embalados pela Harmonia Universal (BÂ, 1980, p.184).

3.1.2. Movimento

na dança do tempo,
O Movimento
deslocamento de olhar e ser
intensifica o sentir, o perceber

intensifica a consciência
de si / do Todo
expande horizontes

de dentro pra fora
de fora pra dentro

Movimento,
professor meu

no giro do compasso teu
revela tudo quanto
os automatismos das rotinas
escondem
pelos cantos.[104]

Herdeira da força dos ventos, sempre fui do movimento. Espírito nômade, cigano, peregrino, viajante, buscador. Com naturalidade, cedo aprendi a reconhecer nos trânsitos, oportunidades de significativos aprendizados, desencadeados pelos deslocamentos do olhar, da percepção, das referências; com a atenção e a sensibilidade intensificadas pelos estranhamentos que sair dos automatismos das rotinas nos permite.

Sempre em movimento, desde muito pequena, os deslocamentos mobilizaram - e seguem mobilizando - diálogos entre referências distintas; contribuindo para uma não estagnação de minha percepção sobre a realidade e para o reconhecimento respeitoso das múltiplas formas de ser e estar no mundo.

Durante a infância, minha vida movia-se da metrópole[105] para a praia, da praia[106] para a montanha[107], da montanha para a metrópole e, estando nela, do asfalto para a natureza, dos edifícios para as árvores, das experiências direcionadas em salas de aula para

[104] Poesia por mim escrita em Junho de 2021.

[105] São Paulo - SP.

[106] Itanhaém, SP.

[107] Segra Negra, SP.

o brincar livre em parques; para os quais minha avó Dione, mãe de minha mãe, sempre fez questão de nos levar.

Buscava eu e minha irmã, Renata, antes do horário de saída da escola[108] e, no pé das altas árvores que sempre me encantei por subir, dizia: “Sobe. Quem não tem medo, não cai.”

De fato, de árvores nunca caí e esta frase ecoa em meu campo como uma chave que, ao longo da jornada, favoreceu que, ainda em meio a desafios tremendos, a confiança em suas palavras me guiasse rumo a superação dos mesmos.

Com esta confiança, do chão para os altos galhos próximos ao céu, do céu para a terra e mais uma vez rumo ao infinito, estes deslocamentos sempre permitiram-me refinar, afinar e expandir minha visão e os saberes que me permitem acessar.

3.1.3. Ancestralidade forjada por histórias de resistência

> A vivência é fonte de crescimento, o alicerce da construção de nossa (id)entidade. Fornece um leque de repertório, amplia a possibilidade expressiva. **Edith Derdik**[109]

Com as demandas de trabalho de meus pais, que exigiam deles muito tempo, muito do tempo de minha infância passei na companhia de minhas avós e suas irmãs mais velhas[110]. Com uma combinação de firmeza e doçura, característica da maturidade de quem já caminhou um bocado, elas foram essenciais na constituição do que reconheço como "eu" nesta vida.

Cresci com mulheres fortes, exemplos vivos da resistência do feminino às condições que, há excessivo tempo, o sistema patriarcal vem alimentando e promovendo. Exemplos vivos de uma resistência ativa, construtiva, regenerativa. Exemplos de valores e crenças que tomavam corpo na forma como estruturavam suas vidas, na maneira como se relacionavam consigo, com os outros, com o mundo. Buscavam viabilizar, em meio a um contexto adverso e de muitas

---

[108] Permaneci período integral nas escolas que frequentei dos 2 aos 10 anos, quando concluí o Ensino Fundamental I, em 1991.

[109] (DERDIK, 2010, p.17)

[110] Minha finada avó Dione Giraldes Teixeira, mãe de minha mãe, era a caçula de 12 irmãos. Uma sagitariana nascida em 04 de dezembro de 1925, dia de Yansã; orixá que representa a força dos ventos, da comunicação, do movimento (para a Igreja Católica esta é a data que celebra-se o dia de Santa Bárbara, santa que comunga de características bastante semelhantes às da referida orixá).

lutas, uma vida com possibilidade de ser vivida com liberdade, dignidade, respeito e saúde; ajudando umas às outras.

Sempre contavam e re-contavam histórias e, desta maneira, passavam à frente suas experiências e aprendizados, preservando-os vivos em nossas[111] memórias e nas referências que fundamentam, ainda hoje, nossa visão de mundo e nossa relação com a vida.

Contavam casos de suas infâncias na fazenda onde foram criadas, das andanças pela roça, das brincadeiras, traquinagens, consequências. Gargalhavam alto. Contavam também histórias vividas no colégio interno para meninas, onde as mais velhas estudaram entre 1915 e 1920[112].

Histórias de resistência à narrativas impostas, que geravam regras de conduta como, por exemplo, a proibição das estudantes residentes banharem-se nuas nos vestiários coletivos dos dormitórios do internato; com a justificativa de 'ser pecado' tocarem-se. Não colocando em pauta, nem fazendo julgamentos explícitos aos valores ou intentos que balizavam tais imposições, apenas contavam como elas e outras meninas se uniam, estrategicamente revezando-se para garantirem a todas as interessadas que esse "direito de lavar-se direito", tão íntimo e essencial, não lhes fosse tirado.

Desta forma garantiam também, em suas consciências, espaço para relacionarem-se com a vida a partir de compreensões validadas por seu próprio ser e não apenas por fundamentações impostas por dogmas e orientações externas.

Compartilhando estas narrativas com suas descendentes, entregaram-nos chaves para também podermos resistir, existir e (r)existir, em meio aos tantos desafios que, ainda hoje, manifestam-se como consequência das condições que permeiam as relações entre o masculino e o feminino. Chaves validadas pelo exemplo vivo, pelo convívio e pelo afeto contido nestas interações.

O convívio com estas anciãs colocou-me desde cedo em conexão com as referências e saberes presentes nas histórias de vida, transmitidas ao pé do ouvido e ilustradas pelas interações cotidianas.

---

111 Minhas e de minha irmã mais nova, Renata Teixeira Pires, em especial.

112 Aproximadamente.

3.1.4. Diversidade

> Nas comunidades humanas, a diversidade étnica e cultural pode exercer o mesmo papel que a biodiversidade exerce num ecossistema. Diversidade significa muitas diferentes relações e muitas diferentes abordagens ao mesmo problema. **Fritjof Capra**[113]

Herdei, de uma família que ao dividir-se, multiplicou-se, a oportunidade de conviver com uma diversidade cultural significativa; situação viabilizada pela riqueza presente em um contexto formado por imigrantes vindos de distintas partes do globo.

Portugueses, italianos e espanhóis, por parte de pai e mãe. Chineses, taiwaneses, estadunidenses, canadenses e franceses por parte de minha mãe-drasta. Sírios-mineiros[114] por parte de meu pai-drasto. Meu companheiro é "caboclo"[115], nativo da floresta amazônica, e sua família descende de uma mistura de portugueses, turcos, indígenas de etnias não identificadas e africanos negros, sendo que os avós de seus avós viveram a experiência da escravidão. Tive também um cunhado inglês com raízes no Sri Lanka. Atualmente tenho uma cunhada descendente de vietnamitas.

Uma família heterogênea, com seres infinitamente diversos. Um amplo leque de referências que enriquece minha percepção de mundo e também me desafia a refinar minhas habilidades para relacionar-me com as diferenças e a buscar o que temos em comum, apesar delas. Que me leva a reconhecer em todos, e em cada um, expressões legítimas do que é ser humano, independente de suas características ou escolhas. Que me mobiliza a ampliar os horizontes de meu ser e a reverenciar a ancestralidade com múltiplas raízes que fundamenta minha visão de mundo e minha relação com a vida e que favorece para que eu me reconheça como um ser planetário (MORIN, 2001) e, simultaneamente, como um ser universal.

---

113 (STONE, Michael; BARLOW, 2006, p.53)

114 Os avós do meu pai-drasto, Messias Roberto Chacur, eram sírios que imigraram para o Brasil e estabeleceram-se em Uberlândia, MG. Uma mistura peculiar.

115 Termo comumente utilizado por ele para definir a si mesmo.

3.1.5. Sementes de arte e espiritualidade nos anos iniciais da vida

> Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida. As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida. **Marie Christine Josso**[116]

A única irmã de meu pai, Yara, pintou durante anos e, desde a minha infância, o contato com as imagens que construía com tinta nas telas expandiam minha consciência para outras formas de ver o mundo e para a possibilidade de perceber e compreender a realidade como mais ampla do que é captada pelos sentidos físicos, apenas. Além de pintora, é mais um exemplo vivo de resistência pela liberdade de ser e existir a partir da própria essência.

Minha avó paterna, nestes quesitos, tantas vezes manifestava o oposto; com atitudes que, consciente ou inconscientemente, davam forma a valores característicos dos sistemas de base patriarcal; talvez por serem estas as referências a que teve acesso sobre o que é "ser humano", sobre o que é "ser mulher".

Em minhas memórias, preservadas pela inocência da infância, ficou gravado um sentimento de um amor enorme, que eu sentia que ela sentia por mim, e seu empenho em iniciar-me na relação com o mistério, me ensinando a rezar antes de dormir, a dar atenção para a espiritualidade e a conectar-me com o Todo (ATKINSON, 2017) por meio de preces e rezos.

Vó Lourdes faleceu pouco antes de eu completar 7 anos. Foi o primeiro ser com quem interagi sabendo que já havia feito sua passagem, pouco tempo depois de seu desencarne.

3.1.6. Sensibilidade

> Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele. [···] Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste "além" que tem lugar a plenitude da humanidade. **Edgar Morin**[117]

Esta sensibilidade peculiar para, literalmente, enxergar a realidade, identificada por minha mãe por ocasião do episódio citado com minha avó, foi preservada e protegida durante minha infância.

---

116 (JOSSO, 2010, p.41)

117 (MORIN, 2001, p.51)

No convívio com meus familiares mais próximos, autodeclarados ateus ou "católicos não praticantes", temas vinculados à religião ou a referências de práticas espirituais específicas "como verdadeiras", não eram abordados em casa. Não cresci em meio a dogmas, crenças estabelecidas nem com a imposição de seguir uma determinada linha. Pelo contrário, sempre me incentivaram a buscar meus próprios caminhos. Esta condição viabilizou uma qualidade de "silêncio de referências" que favoreceu para que eu pudesse relacionar-me com a espiritualidade com liberdade interna, sem preconceitos nem pré-conceitos.

Quando minha sensibilidade mediúnica intensificou-se na adolescência, por volta de meus quatorze anos, foi na natureza, no silêncio e na arte que encontrei refúgio para o meu campo e possibilidades para elaborar questões sobre as quais eu absolutamente não tinha com quem conversar. Menos ainda, tinha eu vocabulário para definir ou explicar algumas experiências vividas em momento de fina solitude.

3.1.7. Arte para elaborar interações com o mistério

> A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. **Edgar Morin**[118]

Buscadora curiosa, mergulhei na elaboração de pinturas e desenhos, buscando estudar e melhor compreender o que naturalmente manifestava-se nas sutis entrelinhas de minha experiência cotidiana[119].

3.2. Pontes, portais e estudos finos

> As atividades de jogo, de festas, de ritos não são apenas pausas antes de retomar a vida prática ou o trabalho; as crenças nos deuses e nas idéias não podem ser reduzidas a ilusões ou superstições: possuem raízes que mergulham nas profundezas antropológicas; referem-se ao ser humano em sua natureza. [···] E, no ser humano, o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico jamais anulou o conhecimento simbólico. **Edgar Morin**[120]

---

[118] (MORIN, 2001, p.23)

[119] Alguns destes desenhos e pinturas estão compartilhados no Apêndice 3 desta tese.

[120] (MORIN, 2001, p.58-59)

3.2.1. (Re)encontro

> Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo e não separá-lo dele. **Edgar Morin**[121]

> Como dimensão do conhecimento, o êxtase tem uma sabedoria própria, arraigada na lógica da tradição xamânica e corporificada em um conjunto de saberes e práticas que ocorrem numa zona que transcende os domínios do pensamento lógico e linear. Em vista disso, tais experiências têm sido tratadas de um modo "abissal" pelo pensamento moderno ocidental. **Boaventura Souza Santos**[122].

Com dezoito anos me encontrei com o Daime; em meio a uma intensa busca adolescente, mobilizada por angústias existenciais próprias desta fase da vida; somadas aos anseios por entendimento sobre esta sensibilidade aflorada já mencionada.

Eu nunca havia ouvido falar em Daime, mas algo mobilizou-me a ir. Era uma casa simples, com uma cabana de palha construída no jardim. Nela aconteciam os trabalhos espirituais[123], em torno de um toco de madeira com apenas uma vela acesa e um porta-retrato com uma fotografia de Raimundo Irineu Serra sobre ele. Toda quarta-feira, o jovem casal de acreanos que lá residia, realizava sessões que envolviam a consagração do sacramento[124], cantos, preces e momentos de concentração[125].

O que permanece vivo em minhas memórias sobre a primeira experiência que tive com a Força foi a percepção de me encontrar em um estado de clareza de consciência impressionante. E de vivenciar uma sensação de êxtase indescritível, desencadeada pela experiência de acessar uma freqüência de amor muito pura, imensurável e incondicional, transbordando abundantemente; e que nunca mais deixou de se fazer presente em meu coração.

Esta experiência de encontrar-me comigo mesma de frente, permitiu-me redirecionar meu caminho, promovendo um alinhamento em minha rota num propício momento da vida: o tempo de decidir meus rumos profissionais, ou seja, os campos por meio dos quais eu poderia atuar no mundo.

A consciência que manifestou-se sobre a potência deste alinhamento foi bastante fortalecida por exemplos de meus familiares mais próximos que, embora não tivessem uma prática espiritual ou

---

121 (MORIN, 2001, p.47)

122 (Santos, 2009 apud ALBUQUERQUE, 2018, p.15-16)

123 Termo utilizado na comunidade daimista para fazer referência às sessões, aos rituais.

124 O Daime.

125 Desta época, não tenho lembrança de ter participado de bailados.

religiosa específica, "faziam de sua vida um rezo", materializando valores como a amorosidade, o respeito, a honestidade, a força de vontade e a solidariedade, por meio de suas ações no dia a dia. Valores enaltecidos por inúmeras vertentes de conexão com o mistério mas que, tantas vezes, findam reduzidas a simples palavras, com seus sentidos esvaziados, na prática, por decorrência de atitudes que os contradizem.

Meus familiares inspiraram-me, através de seus exemplos vivos, a reconhecer a importância de dar forma, na vida cotidiana, aos ensinamentos vivenciados nos trabalhos espirituais e a busca por esta qualidade de coerência e alinhamento fez com que, ao longo de minha jornada, eu me empenhasse constantemente em construir **pontes** entre meus estudos e meus trabalhos “na Terra e no astral”.

Este fazer propiciou que eu assimilasse, na prática, a compreensão da integração entre os campos da vida material e espiritual, que culturas fundamentadas por princípios cartesianos insistem em segmentar; uma vez que "nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e, não, a unir os conhecimentos” (MORIN, 2001, p.42).

3.2.2. Força Viva em ação[126]

> A ampliação do mundo ocorre não só porque aumenta o campo das experiências credíveis existentes, como também, porque, com elas, aumentam as possibilidades de experimentação social no futuro. **Boaventura Souza Santos**[127]

Com minhas experiências de estudo na tradição do Santo Daime, ao longo dos vinte e um anos que se passaram desde este primeiro acontecimento narrado, fui aprendendo, no silêncio e ao longo do tempo, sobre minha natureza e sensibilidade. Sobre a importância de nos conhecermos e de trabalharmos ativamente em prol de nossa evolução individual e coletiva.

No Daime, fui sendo instruída para poder lapidar o meu ser, refinar meus dons e poder colocá-los a serviço dos trabalhos espirituais; tanto do trabalho realizado durante os rituais como do trabalho realizado dia a dia, incorporado na vida.

Assim, meu caminho profissional esteve, desde o inicio, à serviço desta causa maior que é manifestar em vida formas de contribuir para a saúde do todo; e isso se deu, no meu caso, por meio da arte e da educação.

---

[126] Oitavo verso de um hino recebido (LABATE, 2009) por mim em 24 de setembro de 2013; o no. 18 do caderno de estudos denominado “Mensagem de Paz”.

[127] (SANTOS, 2008a, p. 105 apud ALBUQUERQUE, 2018, p.20)

Realizou-se, também, a partir de um caminho que iniciou-se com estudos e práticas coletivas e colaborativas, realizadas junto com outros jovens - hoje compadres e comadres - que tiveram uma oportunidade de alinhamento semelhante a minha, no período da virada do milênio. Que construíram sua jornada a partir da compreensão da espiritualidade como algo inerente à vida. E da consciência da potência de alinharmos, dia a dia, nossa conduta interna e externa, nossos estudos e nossas ações dentro e fora dos trabalhos espirituais, nossos encontros com o mistério na Força das sessões e em nossas experiências cotidianas.

Estes estudos e práticas mencionados abordavam estratégias para se viver em harmonia com a Vida e com todos os seres que A compõe. Para colaborar não apenas com a sustentabilidade dos sistemas vivos do planeta[128] mas com o movimento de regeneração global que iniciava-se na época; tendo no trabalho integrado com a Terra, uma de suas principais balizas. Tendo na Permacultura, na Agroecologia, no Design Regenerativo e no contato com representantes de culturais agrárias e florestais, referências e inspirações para a (re)descoberta de formas de habitar, sobreviver e **bem viver** (ACOSTA, 2016; KRENAK, 2020b) neste mundo; neste reinventar de mundos espiralado, no qual o hoje dialoga com o ontem para construir o amanhã.

> O ocaso do século XX deixou como herança contracorrentes regeneradoras. Frequentemente na história, contracorrentes suscitadas em reação às correntes dominantes podem se desenvolver e mudar o curso dos acontecimentos. (MORIN, 2001, p.72)

O diálogo constante entre os campos da arte, da educação e dos saberes regenerativos configura-se como a base sobre a qual o meu dançar pela vida acontece, balizando as ações que dão forma ao meu fazer no mundo, ao meu rezo prático diário, às minhas oferendas cotidianas para a Terra Mãe e para a Força Divina que em Tudo Está.

Dando forma ao meu fazer no mundo, vou costurando as dimensões, reintegrando-as em minha consciência e reverberando esta qualidade de entendimento e relação com a vida em cada gesto meu.

---

128 O que deixou de ser suficiente diante da intensidade dos impactos das atividades humanas no planeta, em especial durante o último século.

3.2.3. Conexão com a floresta amazônica

> Nós não somos alguém que age de fora. Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do Planeta Terra. É maravilhoso, porque, ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele. Então é uma troca mesmo, de verdade. Não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar equalizado com o corpo da Terra, viver, com inteligência, nesse organismo que também é inteligente, fazendo essa dança, que já me referi a ela como uma dança cósmica. **Ailton Krenak**[129]

Em 2006, estive pela primeira vez na Amazônia, mais uma experiência que mudou minha vida e fez que com que, a partir de então, eu para lá retornasse sempre que possível. Foram muitas idas e vindas, vínculos, conexões e curas nestes quinze anos de mergulhos no coração da mata; de imersões profundas em meu próprio coração.

Lá, pude sentir mais de perto o campo de freqüência da floresta em pé, para o qual Raimundo Irineu Serra foi guiado desde o Maranhão, sua terra natal; possivelmente para ter condições para navegar em uma qualidade de frequência que viabilizasse o acesso aos fundamentos e aos ensinos que possibilitaram que ele ancorasse na Terra o que hoje conhecemos como a doutrina do Santo Daime.

A qualidade de sintonia que estar em meio à abundante natureza viabiliza, revelou-se, para mim, como vital; em especial por conta de minha sensibilidade. Isto fez com que, gradualmente, eu fosse dando forma ao movimento de me afastar dos grandes centros, (re)encontrando refúgio e condições mais favoráveis para trabalhar em meio a natureza.

De um apartamento na zona sul de São Paulo, capital, próximo ao Aeroporto de Congonhas, mudei com minha mãe para uma casa na Granja Vianna[130], em 2002. Da Granja Vianna, para um sítio coletivo na divisa de Cotia com o Embú das Artes, na virada de 2012 para 2013[131]. Do sítio de Cotia, mudei com um grupo de amigos, parceiros e conhecidos para a Serra da Mantiqueira, no final de 2014, habitando um vilarejo na montanha, com 6 casas e nenhum muro, em Santo Antônio do Pinhal; um município cujas terras

---

[129] (KRENAK, 2020b, p.13-14)

[130] Região na Grande São Paulo que, em 2002, ainda conservava uma extensa área natural, e localiza-se em parte dos territórios dos municípios de Cotia, Carapicuíba e Itapevi, SP.

[131] Neste sítio, conviviam 10 pessoas que compartilhavam espaços coletivos e dividiam-se em 4 casas situadas em dois terrenos vizinhos; 10.000m2 de natureza e biodiversidade. Foi o principio dos estudos práticos de uma vida comunitária cotidiana.

integram a área de preservação ambiental[132] que leva o nome da cadeia de montanhas que, para mim, faz desta uma das mais belas regiões que conheço. Da Mantiqueira mudei-me para o Acre, em 2019. Inicialmente para um sítio no bairro Irineu Serra, conhecido como Alto Santo, parte rural da cidade de Rio Branco que compõe a Área de Preservação Ambiental Raimundo Irineu Serra (APARIS). Com a pandemia da COVID-19, nos transferimos para uma área de trinta hectares de floresta nativa, que faz fronteira com terras da amazônia boliviana, a Aldeia Nova, já citada anteriormente.

No coração da mata, amparada por seu silêncio e pela freqüência de harmonia que emana naturalmente do estado de integração em que se encontram a maioria dos seres que dela são parte, pude mergulhar mais profundamente em meu próprio coração. Livre de muitas distrações plantadas em nossa vida urbana cotidiana, o silêncio também deixado pela ausência das mesmas evidenciou não apenas meus ruídos internos, mas a necessidade de transmudar suas raízes para poder vivenciar esta qualidade de silêncio e harmonia em meu universo interior. Para poder equalizar a freqüência de meu campo com a freqüência da Harmonia Universal.

132 Área de Preservação Ambiental (APA) da Serra da Mantiqueira.

133 (WAHL, 2019, p.22)

134 (STONE, Michael; BARLOW, 2006, p.41-45)

135 (WERTHEIN, 2001, p.11)

3.3. Integrando no tempo eterno o ontem, o hoje e o amanhã

> É urgentíssimo que nos unamos para conversar sobre o futuro que queremos para a humanidade. Precisamos refletir sobre as mudanças individuais e coletivas a fim de criar tal futuro. Ao nos unirmos para fazer essas perguntas, podemos vir a entender que teremos que colaborar como espécie e aprender a transcender e incluir nossas diferenças, se quisermos um futuro próspero para a humanidade. **Daniel Wahl**[133]

> A terra sustenta todas as formas de vida e seu esgotamento tem que ser evitado para que ela possa manter-se saudável e capaz de prover o sustento de uma geração após a outra. [···] Imagine um futuro no qual o bem estar de cada ser humano e de cada espécie seja levado em conta em cada decisão tomada. **Jeannette C. Armstrong**[134]

3.3.1. Mestre Irineu, as origens do Santo Daime e sua chegada às terras do Alto Santo

> [···] os quatro pilares da educação contemporânea. Aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer constituem aprendizagens indispensáveis que devem ser perseguidas de forma permanente pela política educacional de todos os países. **Jorge Werthein**[135]

> A religação deve substituir a disjunção e apelar à "simbiosofia", a sabedoria de viver junto. **Edgar Morin**[136]

Raimundo Irineu Serra, hoje reconhecido mundo afora como Mestre Irineu[137], foi, enquanto encarnado, um homem negro de quase dois metros de altura, nascido em São Vicente Ferrer, no Maranhão, em 1892. Em 1912, migrou para as terras amazônicas, trabalhando inicialmente como seringueiro e, mais tarde, "como funcionário da Comissão de Limites, criada pelo governo federal para serviços de delimitação da fronteira do Acre com a Bolívia e o Peru" (MACRAE, 1992, p.61).

Mergulhou fundo nos mistérios da floresta.

Contam seus contemporâneos que, sob a força da bebida ayauaska, que conheceu na selva peruana, passou a receber "instruções a respeito de uma dieta que deveria seguir, preparando-se para o recebimento de uma missão especial e [para] tornar-se um grande curador" (MACRAE, 1992, p.62), a partir do contato e da "aparição repetida de uma entidade feminina, chamada Clara" (MACRAE, 1992, p.62).

Após esta dieta recomendada, de 8 dias de isolamento na mata, alimentando-se apenas de "macaxeira insossa" e tomando a bebida diariamente, teve uma visão da lua aproximando-se dele, trazendo em seu centro uma águia. Era Clara, identificada como "Nossa Senhora da Conceição, ou a Rainha da Floresta, que vinha lhe "entregar os seus ensinos" (MACRAE, 1992, p.62).

Sempre em conexão com esta força feminina, fundamentado por suas orientações, Irineu foi estruturando, passo a passo, o que hoje conhecemos como a doutrina do Santo Daime; um culto eclético que incentiva, através de sua ritualística e dos estudos que viabiliza, o autoconhecimento, o auto-aprimoramento, o desenvolvimento comunitário e um trabalho em conexão com a 'corrente universal'[138].

Depois de muitos anos de estudo com a bebida, "em 1930, radicado no bairro da Vila Ivonete, que fazia parte da zona rural de

---

136 (MORIN, 2001, p.78)

137 "Temos notícia de rituais daimistas tendo sido realizados em todos os continentes habitados, em pelo menos 43 países [···]: 22 países europeus: Alemanha, Armênia (Eurásia), Áustria, Bélgica, Eslovênia, Eslováquia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Itália, País de Gales, Polônia, Portugal, República Tcheca, Romênia, Suécia, Suíça e Turquia (Eurásia); 7 países da América do Sul: Argentina, Colômbia, Chile, Equador, Peru e Uruguai, além do Brasil; 3 países asiáticos: Índia, Japão e Rússia; 3 países da África: África do Sul, Marrocos e Quênia; 3 nações do Oriente Médio: Irã, Israel e Palestina; 3 países da América do Norte: EUA, Canadá e México; 2 países da Oceania: Austrália e Nova Zelândia" (LABATE; ASSIS, 2014)

138 Termos frequentemente utilizado por Valmir Alves Serra, neto do Mestre Irineu (informação verbal).

Rio Branco [AC], iniciou os trabalhos públicos com a ‘ayauaska’, que veio a chamar de Daime.” (MACRAE, 1992, p.64).

Em meados da década de 1940, contando com a colaboração de seu amigo José Francisco das Neves Filho[139], "o Mestre se mudou para a Colônia Custódio Freire, também localizada na zona rural de Rio Branco, que lhe foi doada pelo então governador do Acre, o Sr. Guiomard Santos”[140].

A colônia ficou conhecida como Alto da Santa Cruz; posteriormente nomeada de Alto Santo. Configurava-se como uma extensa área de mata nativa nos arredores da capital acreana[141], lugar onde permaneceu até o momento de sua passagem[142], no dia 06 de Julho de 1971. Lá construiu uma sede para a realização dos trabalhos espirituais, batizada de Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU) e partilhou as terras com mais de 40 famílias que já participavam do culto (MACRAE, 1992, p.66), formando uma pequena comunidade.

Nestas terras, desenvolveu atividades de plantio de alimentos e criação de animais para sua subsistência e de sua família. Ensinou e incentivou seus companheiros a plantar e a 'co-laborar', organizando os chamados “adjuntos" ou mutirões. Nestes, grupos com membros da comunidade reuniam-se para trabalhar, atuando cada dia em uma das casas, contribuindo com a estruturação dos roçados e hortas das famílias que lá habitavam e garantindo, assim, que todos pudessem ter condições de se alimentar. Ao propor este ”fazer junto", que viabilizava “uma produção agrícola suficiente para o sustento de todos” (MACRAE, 1992, p.66), também criava condições para que saberes sobre a relação e o trabalho com a terra fossem transmitidos, compartilhados e multiplicados.

---

139 Conforme relato de seu filho, Paulo de Assunção Serra, e seu neto Valmir Alves Serra. (informação verbal)

140 Fala atribuída ao Sr. José Francisco das Neves Filho como parte de um depoimento dado por ele, cuja transcrição / transcriação encontra-se disponível em: http://www.mestreirineu.org/jose.htm . Acesso em 13 ago. 2021. As referências sobre este texto publicado e hiperlinks para acesso a outros 40 depoimentos de contemporâneos de Raimundo Irineu Serra encontram-se disponíveis em: http://www.mestreirineu.org/biografia.html . Acesso em 13 ago. 2021.

141 Área onde hoje localiza-se bairro Irineu Serra e a Area de Proteção Ambiental Raimundo Irineu Serra (APARIS).

142 Termo utilizado pela comunidade daimista para referir-se à morte, referindo à passagem para a vida espiritual.

Mestre Irineu já fomentava, na década de 1940, o que hoje conhecemos como condições de "soberania e segurança alimentar[143]".

Viveu, com simplicidade, uma vida próspera, abundante e saudável. Trabalhava na terra, atendia inúmeras pessoas que dia a dia buscavam seus conselhos, buscavam a cura para as mais diversas enfermidades do corpo e do espírito, buscavam um prato de comida.

Suas atividades agrícolas viabilizaram que sempre tivesse o que compartilhar. E o fazia de bom coração. Foi em vida uma pessoa generosa, cuja porta de casa esteve sempre aberta para todos que chegassem.

3.3.2. Famílias, diálogos e conexões ancestrais

> É necessário aprender a "estar aqui" no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas – e por meio de – culturas singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. **Edgar Morin**[144]

Conheci Mestre Irineu nesta vida como uma força espiritual intensamente presente em minha caminhada e com quem tenho, desde menina, uma fina conexão; repleta de muito respeito e carinho. Sempre senti sua presença muito próxima e fui aprendendo a reconhecer a natureza multidimensional e certeira de sua guiança e proteção; com a qual sempre pude contar.

Ao integrar sua família em matéria, no entanto, pude acessar uma outra dimensão deste grande mestre espiritual; a dimensão do

---

[143] Segundo o Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional, CPDA/UFRRJ, soberania alimentar é "[…] o direito dos povos definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental […]. A soberania alimentar é a via para se erradicar a fome e a desnutrição e garantir a segurança alimentar duradoura e sustentável para todos os povos." (Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, Havana, 2001). A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis. (II Conferência Nacional de SAN, 2004; LOSAN, 2006). Disponível em https://www.ceresan.net.br/quem-somos/o-que-entendemos-por-ssan/ Acesso em 29 Jul. 2021.

[144] (MORIN, 2001, p.76)

vovô Irineu. Homem encarnado, com uma história de vida peculiar que contribuiu com a existência de milhares e milhares de pessoas, hoje espalhadas pelo mundo.

Um homem que, num determinado ponto da vida, sentiu o chamado de mergulhar nos mistérios da floresta, onde encantou-se na força da lua cheia, reconhecendo-se como Juramidã[145].

Costurando dimensões, viveu na Terra com sua consciência espiritual desperta e buscou dar forma à sabedoria que este estado de conexão com a Força Maior lhe permitiu acessar.

Fez isso por meio de seu exemplo vivo - como ser humano, como pai, marido, avô, como irmão, como padrinho, como líder comunitário, como cidadão - e do legado que deixou.

Este legado do qual "todos nós somos herdeiros"[146], reflete seu trabalho, empenho e dedicação para favorecer que esta condição de consciência possa ser acessada e desenvolvida por quem buscar, com intenção sincera, se conhecer. E para que as colheitas desta busca possam nutrir não apenas o desenvolvimento individual dos buscadores, mas suas contribuições com o Todo (ATKINSON, 2017) do qual são parte.

3.3.3. Vovô Irineu

> [···] quando estamos andando aqui hoje, estamos andando nos rastros de nossos ancestrais. **Ailton Krenak**[147]

Muitas histórias das histórias de vida de vovô Irineu são contadas e recontadas diariamente por seus conviventes e descendentes e sua presença encontra-se muito viva no cotidiano familiar dos filhos, netos e bisnetos de seu filho, Paulo de Assunção Serra; com quem tenho tido o presente de ter um intensa e próxima convivência.

Seu Paulo, além de ser uma pessoa muito alegre, desprendida, divertida e com forte personalidade, que exala saúde com seus 81 anos de vida, é também um contador de histórias nato.

Ele mora a poucos metros do portão de nossa casa no bairro Irineu Serra e tem costume de nos visitar pela manhã. Nestas ocasiões, saboreando um café mais doce, que faço especialmente para estas ocasiões, nos conta e reconta, revivendo ao relembrar, histórias que marcaram sua vida e que tem sido importante para ele resgatar.

---

145 Seu nome espiritual.

146 Verso do hino de no. 119, do hinário O Cruzeiro, recebido por Raimundo Irineu Serra.

147 (KRENAK, 2020b, p.28)

Boa parte delas relata acontecimentos do convívio cotidiano com seu "pai preto", como ele, às vezes, se refere a Raimundo Irineu. Histórias sobre a forma como vivia a vida humana, com os pés enraizados na terra e com o coração e a mente nas estrelas, conectados com a Corrente Universal.

Alguns elementos presentes em muitas destas narrativas também encontram-se na maneira como Seu Paulo naturalmente reproduz comportamentos que herdou no convívio intimo e próximo com Mestre Irineu; nutrida pelas interações e pelo afeto profundo que caracterizam a saudável relação de pai e filho que tiveram na dimensão material; e que ainda tem para além dela.

Seu Paulo manifesta uma espontânea "fé na vida", no Daime e naquele que o criou; que reverberam numa qualidade de saúde e na presença constante de uma vibração de alegria que parecem inabaláveis.

Refletem-se também nas portas de sua casa que, como as do vovô, permanecem sempre abertas.

Segundo relatos seus, como homem encarnado, as atitudes e a maneira de Raimundo Irineu Serra se relacionar com seus semelhantes traduzia um sincero respeito pela presença divina em cada um. Do alto de seus quase dois metros altura, conta que ele foi uma pessoa com habilidade para reunir, em sua forma de interagir, as qualidades complementares da firmeza e da suavidade; não existindo referências de ele usar de violências, nem de seu porte avantajado, muito menos de sua força física, para alcançar seus intentos. Foi em vida um ser pacífico.

Nos contextos concretos rústicos em que habitou nesse plano, em meio à floresta amazônica nas primeiras décadas do século XX, conseguiu viabilizar e compartilhar experiências transcendentais e estruturar, a partir de orientações intuídas na Força do sacramento consagrado e em comunhão com a presença da Rainha da Floresta (MacRAE, 1992; MORTIMER, 2001), os fundamentos de uma ciência hoje estudada por pessoas ao redor de todo o globo[148].

Isso apenas foi possível, pois Irineu encontrou na harmonia da floresta viva, um campo de frequências aberto e claro, ainda repleto de mistérios. Um campo que pode ser percebido pelos nossos sentidos sutis e decodificado pelos que, conseguindo ler a linguagem da natureza, conseguem também perceber, interagir e compreender seu campo vibracional; podendo reconhecer, então, o amplo espectro de forças vivas e energias que na mata virgem fazem morada.

---

[148] Inclusive por meio de pesquisas acadêmicas em diversos campos de conhecimento. Algumas fazem referência ao Daime ao reportarem-se às já estudadas e recentemente nomeadas "epistemologias e pedagogias ayauaskeiras" (ALBUQUERQUE, 2014; 2018).

Neste multidimensional campo de frequências, o "campineiro"[149] Irineu encontrou um ambiente favorável e protegido para desenvolver seus estudos e Iniciar os que dele se aproximaram na profunda arte de conhecer a si próprio e de reconhecer-se como parte do Todo (ATKINSON, 2017), como um fractal da Força Viva que está presente em tudo o que existe.

Vivenciou em sua existência material, experiências que fizeram dele uma referência histórica e global. Um líder espiritual cuja existência impactou e impacta profundamente tantas vidas que, como a minha, foram profundamente transformadas pela possibilidade de estudar neste caminho de sabedoria que ele conosco compartilha.

Enquanto encarnado, deu forma, a partir das coisas “simples" que compõe um cotidiano rural, a saberes que hoje são como sementes boas, que estão germinando em forma de esperança e de alternativas práticas para a nossa vida e para a nossa evolução.

Algumas destas sementes, plantadas e cultivadas, hoje já estão dando frutos: são diversos focos de ações coletivas e comunitárias que, espalhados pelo mundo e inspirados por sua biografia, buscam dar forma aos saberes por ele construídos e compartilhados, por meio da arte de moldar realidades; que tomei a liberdade de aqui chamar de “feitio de mundos possíveis”[150].

3.3.4. Vovó Cecília

> À maneira de ponto de holograma, trazemos no seio de nossa singularidade não somente toda a humanidade e toda a vida, mas também quase todo o cosmos, incluindo seu mistério que, sem dúvida, jaz no fundo da natureza humana. **Edgar Morin**[151]

Entre as pessoas que conviveram com Mestre Irineu de perto e com este contexto narrado, estava Dona Cecília Gomes de Nazaré[152], avó de meu companheiro Valmir Alves Serra; com quem

---

[149] Termo encontrado no hino de no. 82, do hinário O Cruzeiro, recebido por Raimundo Irineu Serra.

[150] Cito como exemplo, algumas referências brasileiras de projetos ecológicos concretos, inspirados pelos ensinamentos e exemplos vivos de Mestre Irineu: a Ecovila Céu do Patriarca, em Florianópolis, SC; a Ecovila do Céu de Maria, no Pico do Jaraguá, em São Paulo(SP); O Sítio Olho D’Água, em Mogi das Cruzes (SP), a comunidade Céu da Montanha, em Visconde de Mauá (RJ); a Comunidade Vila Céu do Mapiá, em Pauini (AM), entre muitos outros. Cito também como parte desta corrente a Aldeia Nova, nosso projeto regenerativo em Capixaba (AC).

[151] (MORIN, 2001, p.51)

[152] Cujo nome recorrentemente aparece como “Cecília Gomes da Silva”, tanto por associação com nome completo de seu pai, “Antônio Gomes da Silva” como seu último esposo, o Sr. Valcírio Genésio da Silva.

ele teve a oportunidade de morar durante alguns anos, no início de sua adolescência, e com quem ele muito aprendeu sobre os saberes da terra, sobre os ciclos da natureza, sobre a arte de plantar e colher. Saberes estes, aprendidos por ela com o Mestre Irineu e passados adiante, da mesma forma, para seus descendentes: no convívio cotidiano, por meio de narrativas que ilustravam suas experiências e aprendizados e no "fazer junto", integrado às ações que compunham a organização de seu dia a dia.

Carinhosamente conhecida por seus vizinhos e familiares como Dona Preta, Vó Cecília nasceu em 1923, na cidade de Rio Branco, AC, filha de Dona Nazaré e do Sr. Antônio Gomes[153].

Conheceu Raimundo Irineu Serra aos 14 anos, em 1938, por decorrência de 'males de saúde' dos quais seu pai estava tendo dificuldades para se curar. Procuraram-no por indicação do Sr. José das Neves Junior, amigo de Irineu e, conta uma de suas filhas que, depois de ser desenganado pelos profissionais de saúde locais, "com três sessões de cura [com o Daime] ele [seu pai] ficou bonzinho"[154]. Sua família passou, então, a frequentar os trabalhos espirituais, que na ocasião ainda aconteciam na Vila Ivonete.

Fato é que Dona Cecília teve uma convivência muito próxima com o Padrinho Irineu, como o chamava. Morou dentro de sua casa na juventude e, neste convívio, com ele muito aprendeu sobre o trabalho com a terra e construiu vínculos de profunda admiração, respeito e consideração.

Estes vínculos fortaleceram-se pela realidade de partilharem a condição de pais de um mesmo ser: um filho que ela teve ainda muito nova e em condições desafiadoras, que Raimundo Irineu viu na dimensão espiritual antes mesmo dela perceber sua gravidez e que ele adotou, criando-o como seu. Registrando-o, inclusive, com o mesmo nome de seu amado tio, responsável pela orientação que o mobilizou a deixar o Maranhão, transferir-se para o Acre e cumprir seu destino nesta jornada da vida; Paulo de Assunção Serra.

Dona Cecília, com as orientações de seu padrinho, também pôde realizar-se em vida como uma mulher forte, independente e trabalhadora, e a superar as condições que o contexto machista acreano impunha, e ainda impõe, às mulheres.

Agricultora, toda a vida trabalhou com a terra e dela sempre tirou seu sustento. Era conhecedora dos ciclos naturais da lua e do

---

153 Relatos sobre Antônio Gomes: https://www.santodaime.org/site/religiao-da-floresta/companheiros/antonio-gomes

154 Segundo relato de Dona Zulmira Gomes, irmã de Dona Cecília. Disponível em: https://www.santodaime.org/site/religiao-da-floresta/companheiros/antonio-gomes Acessado em 10 ago.2021.

sol e de suas influências em cada planta; que determinavam os momentos ideais para semeadura, plantio, poda e colheita. Tinha conhecimentos sobre coleta e armazenamento de sementes, manejo das hortas e roçados, manuseio e manutenção de ferramentas. Cozinhava diariamente os alimentos que plantava e colhia. Além de alimentarem a ela e a seus familiares, também lhe rendiam recursos financeiros, que conseguia com a venda de bolos e outras especialidades suas.

Disciplinada, zelosa, caprichosa e metódica, tinha toda uma sabedoria para lidar, organizar, conciliar e realizar, com primor, suas atividades agrárias e domésticas.

Contam que era dona de uma palavra firme, acompanhada por atitudes que a fortaleciam, e deixou de herança sólidos exemplos para inspirar possibilidades de ser e estar no mundo que favorecem não apenas condições materiais para aqui viver, suprindo necessidades essenciais em parceria com a natureza. Deixou também referências para nos ajudar a fortalecer nossa firmeza espiritual, nossa fé e nossa mente.

Por meio de preces carregadas de intensão e da realização atenta e rigorosamente qualificada de suas tarefas diárias, criava condições para que lições fundamentais para a vida cotidiana de seres encarnados pudessem ser estudadas e desenvolvidas.

Sua presença espiritual forte e clara é uma constante em nossas vidas. Suas histórias, e as histórias que ela contava de sua convivência com Padrinho Irineu, são sempre lembradas, contadas e recontadas em casa por seu neto, meu companheiro, Valmir Alves Serra.

Os saberes dos quais estas narrativas são portadoras configuram-se como uma de nossas principais fontes de referências em nossas atividades cotidianas e fundamentam, inspiram e guiam muitas de nossas ações. Saberes que foram essenciais e estruturantes neste ciclo desencadeado pela pandemia da COVID-19, que levou-nos a migrar para a floresta; como já citado em textos anteriores.

Sua presença viva segue iluminando nossos passos e fortalecendo-nos neste caminho e pode ser encontrada em muito do que compartilho neste trabalho; em especial nas experiências retratadas nas narrativas visuais que compõe o capítulo a seguir e nas reflexões e legendas que as complementam.

3.4. Permacultura e organização comunitária nas raízes do Santo Daime: diálogos para fundamentar o feitio[155] de mundos possíveis

> As culturas devem aprender umas com as outras. **Edgar Morin**[156]

> ... a eletricidade age e manifesta-se não só onde há uma grandiosa tempestade e relâmpagos ofuscantes, mas também na lâmpada de uma lanterna de bolso. Da mesma forma, a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparado às criações dos gênios. Se levarmos em conta a presença da imaginação coletiva, que une todos estes grãozinhos não raro insignificantes da criação individual, veremos que grande parte de tudo o que foi criado pela humanidade pertence exatamente ao trabalho criador anônimo e coletivo de inventores desconhecidos. **Lev. S. Vygotsky**[157]

> Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas conscientes e engajadas possa mudar o mundo. De fato, foi sempre assim que o mundo mudou. **Margaret Mead**[158]

3.4.1. (Re)viver os passos de nossos antepassados: espirais, sincronias e aprendizados

> Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. **Ailton Krenak**[159]

> A cultura é um processo social constitutivo que cria 'modos de vida'. Sua ênfase está nas práticas cotidianas, nas dinâmicas relacionais e na compreensão da realidade. Trata-se de algo compartilhado por um grupo de pessoas, comunidade ou sociedade, incluindo não

---

155 Termo utilizado no contexto daimista para nomear os processos e ritos para o preparo do sacramento, também chamado de Santo Daime, consagrado nos trabalhos espirituais e também utilizado como remédio para potencializar a saúde e tratar enfermidades diversas.

156 (MORIN, 2001, p.102)

157 (VYGOTSKY, 2019, p.15-16)

158 Fala atribuída à antropóloga Margaret Mead, que aparece como epígrafe em diversas teses e dissertações apresentadas em renomadas universidades no Brasil e no exterior. No entanto, não é possível referendá-la com precisão, por não constar em nenhum de seus escritos publicados. Sua primeira inclusão como citação formal em um trabalho publicado encontra-se em KEYS, Donald. Earth at Omega: Passage to Planetization. Boston, Massachusets: Branden Press, 1982, p.79. (epígrafe do capítulo VI: The Politics of Consciousness); não havendo nele uma referência objetiva sobre sua fonte nem uma indicação de ser esta uma "informação verbal".

159 (KRENAK, 2020a, p.5)

> apenas ritos e crenças mas, principalmente, os significados e valores que organizam e estruturam a vida comum. **Taisa Mattos e Flávia Vivacqua**[160]

As narrativas aqui citadas representam referências e fundamentos que enriquecem nossa existência dia a dia. Para além das questões que permeiam sua totalidade, faço aqui referência ao tanto que contribuíram para que, nesta imersão que fizemos, desencadeada pela pandemia da COVID-19, pudéssemos ter condições de sobreviver.

Revendo as histórias que vivenciamos, reconstruindo-as por meio da elaboração destes textos e deste trabalho, reconheço um **espelhamento** entre **as experiências vividas por Vô Irineu e por Vó Cecília**, que encontraram na natureza um ambiente saudável e propicio para construir suas vidas, **e nossas vivências nesta imersão na Aldeia Nova**.

Reconheço e sou grata pelas semelhanças que permitiram que tantas experiências vividas por nossos antepassados e os muitos aprendizados que esforçaram-se por nos transmitir pudessem nos auxiliar, como de fato nos auxiliaram; especialmente em um momento tão desafiador como o que estamos atravessando. Não apenas nós, mas todos os seres viventes deste planeta.

Suas histórias de vida permearam nossa jornada, e os diálogos que com elas estabelecemos enriqueceram nossas possibilidades para darmos conta das demandas do tempo e para conseguirmos colher, nos desafios encontrados, preciosas lições, oportunidades de cura e o equilíbrio para padrões de comportamento que já não mais correspondem às exigências da realidade presente.

Aproveito para saudar e evidenciar, com igual sentimento de gratidão, a presença viva sempre presente do Padrinho Sebastião Mota de Melo (MORTIMER, 2000; POLARI, 1998), que é também uma referência estruturante em nossas vidas e em nossas ações. Agradeço pela conexão que temos, por seu exemplo, tanto como pessoa quanto como liderança espiritual e comunitária, e pelo legado que nos deixou.

Evidencio também as lições que por toda a vida aprendi com meu familiares, que também foram referência fundamentais para a forma com interpretei, signifiquei e lidei com as experiências vividas; pelas quais também sou infinitamente grata.

---

160 (WAHL, 2019, p.19)

3.4.2. Os saberes da floresta e a Permacultura

> São povos que querem apenas sobreviver com dignidade, procurando assegurar uma vida plena para seus filhos. Desejam para si o mesmo que seus avós desejavam: paz para andar sobre a terra, sem deixar marcas de sua passagem. **Daniel Munduruku**[161]

> Os deuses criam-nos muitas surpresas: o esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre o caminho. **Eurípedes**[162]

Muitas das histórias narradas sobre Mestre Irineu, não apenas por seus descendentes[163], revelam nuances da vida de um ser íntegro e consciente, que **via e vivia muito a frente de seu tempo**.

Em meio à floresta preservada, construiu uma comunidade que deu corpo a uma vida comunitária. Um sistema dinâmico e vivo que favorecia aos que dele participavam, o acesso a condições para edificarem uma **realidade de vida digna e saudável**; encontrando nas interações respeitosas com a natureza, suas fontes de subsistência.

Estruturou com seus irmãos e irmãs cada elemento para suprir as necessidades essenciais de sua comunidade: água, alimento, abrigo, manejo de resíduos, educação, cultura, lazer, saúde, conexão espiritual.

Observando a situação sócio-ambiental alarmante que nosso planeta encontra-se atualmente e considerando as muitas recomendações, avisos e previsões assertivas que os contemporâneos de Mestre Irineu relatam que ele trazia por meio de suas palavras, ouso considerar que as sincronias que resultaram em sua trajetória de vida e no exemplo vivo que nos deixou foram magistralmente orquestradas, por forças que transcendem nossas capacidades de compreensão plena. Estas experiências nos possibilitam, hoje, o acesso a referências extremamente precisas, alinhadas e potentes para favorecer, então, que consigamos lidar com a realidade complexa, incerta e ameaçadora que o tempo atual apresenta.

Muitas das referências aos saberes e práticas no trabalho com a terra, presentes nas histórias de vida de **Mestre Irineu** e de **Dona Cecília Gomes**, dialogam diretamente com conhecimentos estruturados pelos pesquisadores da Universidade da Tasmânia, **Bill Mollison** (1999; 2004) e **David Holmgren** (2006). A sistematização

---

161 (MUNDURUKU, 2010, p.51)

162 (Eurípedes apud MORIN, 2001, p.79)

163 Ver nota 26.

por eles feita na década de 1970, partiu de comparações e **diálogos** entre conhecimentos contemporâneos da área de **Agronomia**, estudados na universidade, e os **saberes sobre o manejo e relação com a terra de comunidades aborígenes que, há milhares de anos, habitam de maneira sustentável o território australiano** (FERREIRA NETO, 2018, p.74).

Este trabalho que desenvolveram deu origem ao que hoje mundialmente conhecemos como **Permacultura**, que configura-se como "uma ciência para planejamento de assentamentos humanos sustentáveis" (FERREIRA NETO, 2018, p.74) e que reúne conteúdos e propostas que, bem como os saberes praticados e ensinados por Mestre Irineu e Dona Cecília Gomes, buscam dar forma a "uma filosofia de trabalhar com, e não contra a natureza" (MOLLISON, 1979, p.1 apud FERREIRA-NETO, 2018, p.75); "opondo-se à tônica individualizante da sociedade de consumo e da lógica da produção industrial contemporânea" (FERREIRA NETO, 2018, p.74).

Os diálogos estabelecidos entre as referências trazidas por meu companheiro, Valmir Alves Serra - fundamentadas pelo convívio e pelo "fazer junto" com sua avó, pelos saberes presentes nas narrativas de seus ancestrais e por suas experiências práticas de vida na floresta - e minhas próprias referências - fundamentadas por meus estudos e práticas relacionadas à Permacultura (FERREIRA NETO, 2018; LEGAN, 2009), Agroecologia, Design Regenerativo (WAHL, 2019) e Escultura Social (ROSENTHAL, 2002, p.61-69) - nos permitiram tecer **conhecimentos híbridos**, frutos das aproximações feitas entre **saberes ancestrais dos povos da floresta e estratégias contemporâneas para uma vida em harmonia com a vida**; o que configurava-se como um dos intentos primeiros dessa pesquisa, inspirado pelo procedimento utilizado por Mollison e Holmgren para desenvolver a Permacultura no território onde habitam, a Austrália.

O que emergiu a partir destes **diálogos** e do tecido destes **saberes híbridos**, tantas vezes aprofundados na presença do fogo, nas fogueiras que acendemos, alimentou nosso fazer cotidiano com referências que foram cruciais para que conseguíssemos estruturar nossa vida, especialmente durante este período de **imersão na floresta**, e tomou forma por meio de nossas **experiências concretas**; como pode ser observado nos ensaios fotográficos e nas legendas com reflexões e informações sobre os conteúdos da imagens apresentadas nesta tese.

São estudos que iniciamos e que reconhecemos o quanto ainda temos a aprender.

3.5. Convites e considerações: o "inacabamento" do ser e a possibilidade de “ser mais"

> A concepção antropológica de [Paulo] Freire é marcada pela ideia de que o ser humano é um ser inacabado; não é uma realidade pronta, estática, fechada. Somos um ser por fazer-se; um ser no mundo e com os outros envolvidos no processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral, afetivo. Somos seres insatisfeitos com o que já conquistamos. Estamos sempre nos fazendo, refazendo, começando, recomeçando. O humano não é, ele se conquista, faz-se por meio de suas ações no mundo, na história. Em cada ponto de nossa vida, não somos ainda tudo o que poderíamos ser e o que ainda mais poderemos vir a ser. Para nós, seres humanos, o processo de conquista de nossa humanidade nunca está pronto. **Sérgio Trombetta e Luis Carlos Trombetta**[164]

> [···] não é possível nos entendermos como seres humanos sem essas dimensões vitais do sonho e da esperança, que movem a autêntica utopia de um futuro histórico para a humanidade e nos impulsionam para a superação de nós mesmos. Essa é a dinâmica da natureza humana, que busca transcender a si mesma a partir da busca permanente de transpor as barreiras que atrofiam seu potencial e desvirtuam a nossa própria ‘vocação' para o ‘ser mais’. **Jaime José Zitkoski**[165]

> Perguntas - e as conversas que elas provocam - podem libertar a inteligência coletiva e nos ajudar a valorizar múltiplas perspectivas. Vivendo as perguntas, escutando cuidadosamente e aprendendo por meio das diversas formas de conhecimento - estas são todas as maneiras de transformar a consciência e, assim, criar mudanças culturais e comportamentais. **Daniel Wahl**[166]

Diante do panorama apresentado, que evidencia, em especial, o percurso experienciado com a realização desta pesquisa, reforço algumas considerações e convites; que partem das já mencionadas limitações e desafios que um suporte virtual apresenta, em especial quando nosso intento é propor uma experiência estética.

O mais recomendado é que a **fruição das imagens** a seguir possa ser **saboreada**; realizada com tranquilidade e, preferencialmente, em condições de **silêncio**. São 101 fotografias e 19 desenhos. Os slides vazios que em alguns momentos aparecem, configuram-se como pausas intencionais, como respiros entre os trabalhos.

Que nestes silêncios, um **campo de diálogo** possa tomar forma; colocando em contato as **metáforas** que estas narrativas, intencionalmente ordenadas, apresentam, com as experiências, indagações e reflexões de quem com elas interage.

---

164 (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.221)

165 (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.370-371)

166 (WAHL, 2019, p.27)

Como foram suas vivências nestes tempos de isolamento social durante a pandemia da COVID-19? São percebidas semelhanças com a realidade apresentada, diferenças? Quais? Como os temas abordados neste trabalho relacionam-se com os temas de estudo que evidenciaram-se em seu percurso neste ciclo? Que reflexões mobilizam? Qual o impacto, as sensações, sentimentos, memórias, ideias e reflexões que emergem no contato com as fotografias e desenhos? O que inspiram?

Compartilhamos neste momento uma realidade comum extremamente desafiadora mas que, cada um, a depender das características do território onde habita e da maneira como está relacionando-se com sua realidade particular, está vivendo de uma forma **única**.

Compartilhamos uma realidade que traz nos desafios muitos aprendizados em potencial. O que estamos aprendendo? Como estamos aprendendo? O que estes aprendizados mobilizam em nossas formas de compreender, ser, estar e habitar neste mundo?

As muitas **perguntas** apresentadas nas considerações iniciais desta tese, que foram balizas para os estudos realizados, não viabilizam respostas exatas, precisas, pois dependem também de **interações** com as características singulares de cada contexto e de cada universo, interno ou externo.

Como **seres inacabados**[167] que somos, buscadores **na eterna senda de aprender a "ser mais"**[168], convido-os a resgatarem estas perguntas antes de mergulharem na fruição dos ensaios fotográficos e dos desenhos/pinturas; para que estas possam nutrir suas próprias indagações[169].

Entre os ensaios fotográficos e o dos desenhos, encontram-se as legendas das fotografias, compostas como um depoimento escrito por meio de frases curtas e poemas, e que ilustram aspectos de minha relação com o que as imagens evocam em mim.

O que evocam em vocês? Registrar, dar forma a percepções e insights que possam emergir pode ser um interessante caminho para

---

[167] (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.221-222)

[168] (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p.369-371)

[169] Apesar de a totalidade desta tese estar balizada pelas orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), neste parágrafo, optamos por deslocar para o campo das notas as citações nele feitas para referendar aos termos "inacabamento" (nota 72) e "ser mais" (nota 73). Dada a extensão das mesmas, a presença de ambas no inicio da frase que abre o parágrafo estava comprometendo a fluência de leitura e o entendimento dos conceitos e propostas nela apresentados.

que, ao serem elaboradas, estas percepções e reflexões possam ter condições de serem aprofundadas.

Concluo considerando que

> Na busca da verdade, as atividades auto-observadoras devem ser inseparáveis das atividades observadoras, as autocríticas, inseparáveis das criticas, os processos reflexivos, inseparáveis dos processos de objetivação. (MORIN, 2001, p.31)

E, com isso, reforço a intenção de que as experiências promovidas pelas interações e diálogos com este trabalho possam, mais do que trazer respostas, plantar sementes, mobilizar reflexões transformadoras e, possivelmente, inspirar o "feitio de mundos possíveis", em nosso universo interior e na forma como este reverbera na esfera coletiva.

No Todo, somos Um.

PERGUNTAS · CONSIDERAÇÕES INICIAIS[170]

As questões centrais que mobilizaram esta pesquisa podem ser traduzidas por um entusiasmado interesse sobre **como diálogos com saberes e práticas incorporadas nas raízes de culturas que viveram por milênios em harmonia com a natureza, sua sustentabilidade e seus ciclos podem nos inspirar neste momento de crise sistêmica planetária** que coletivamente estamos a atravessar.

Diante de um cenário de crescente naturalização de uma infinidade de compreensões, práticas e hábitos (conscientes e/ou inconscientes), de portes e alcances diversos, que já estão comprometendo a continuidade dos sistemas naturais deste globo e desencadeando impactos irreversíveis no tecido vivo da malha terrena,

como podemos regenerar nossa relação com a vida?

Como podemos **acessar e transmutar as raízes dessa relação**, que influencia significativamente em **nossas formas de ser e estar no mundo**? Como podemos **regenerar nosso entendimento sobre a existência na matriz de nossa consciência** a partir de uma perspectiva mais universalista?

Como podemos, com isso, desencadear um processo de **regeneração íntima**, transmutando entendimentos, referências, pensamentos, palavras, atitudes e hábitos; podendo de fato transformar a maneira como manifestamos esta consciência em ação e em **como modelamos nossa realidade;** qualificando e refinando nossos impactos no sistema vivo do qual somos parte; **qualificando o exemplo que imprimimos através de nossas ações manifestas** e que deixamos de herança como referência para as gerações seguintes fundamentarem sua visão de mundo, suas relações com a existência e com o existir?

Como podemos fortalecer a possibilidade de, nos conhecendo e reconhecendo as características desta realidade terrena onde estamos vivendo, **caminhar sobre a terra com respeito e reverência** por cada ser vivo, pela nossa natureza, pelo planeta onde estamos habitando e por todos com quem compartilhamos o caminho?

Como podermos co-laborar na **construção de alternativas** para uma vida na qual o cuidado com a terra (e com os seres vivos), o cuidado com as pessoas e a partilha justa[171] - ou o cuidado com o futuro - sejam balizas norteadoras e o **bem viver** (ACOSTA, 2016; KRENAK, 2020b), uma realidade compartilhada por todos e cada um?

---

170 As perguntas apresentadas nas considerações iniciais estão aqui replicadas para facilitar o acesso as mesmas.

171 Os três fundamentos centrais da Permacultura (HOLMGREN, 2002; FERREIRA NETO, 2018).

4. Travessias regenerativas, alquimia poética e o feitio de mundos possíveis

visíveisinvisíveis

lua um: movimento

Ensaio 1 [4.1.1.]

Carolina Pires

Carolina Pires

lua dois: travessias

Ensaio 2 [4.1.2]

Carolina Pires

Carolina Pires

©carolina pires

lua três: água, alimento, abrigo

Ensaio 3 [4.1.3]

Carolina Pires

Carolina Pires

lua quatro: jejum, sensibilidade, consciência

Ensaio 4 [4.1.4]

Carolina Pires

lua cinco: contextos, bordas, contrastes

Ensaio 5 [4.1.5]

©Carolina Pires

lua seis: incêndios

Ensaio 6 [4.1.6]

Carolina Pires

Carolina Pires

Carolina Pires

6.7

Carolina Pires

Carolina Pires

Carolina Pires

Carolina Pires

lua sete: fogueiras, rodas, rituais

Ensaio 7 [4.1.7]

Carolina Pires

F.4

lua oito: rezos, transmutações, transformações

Ensaio 8 [4.1.8]

Carolina Pires

Carolina Pires

lua nove: feitio de mundos possíveis

Ensaio 9 [4.1.9]

lua dez: práxis co.labor.ativa regenerativa

Ensaio 10 [4.1.10]

Branco

lua onze: essenciais

Ensaio 11 [4.1.11]

Carolina Pires

lua doze: sementeira

Ensaio 12 [4.1.12]

Carolina Pires

Carolina Pires

STIHL

lua treze: chama

Ensaio 13 [4.1.13]

4.2. Contextualizações, reflexões, aprendizados, poesia

Legendas • Ensaios Fotográficos 1 a 13

lua um: movimento

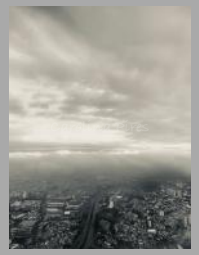
Legendas • Ensaio 1 [4.2.1]

lua um: movimento

(São Paulo - Amazônia)

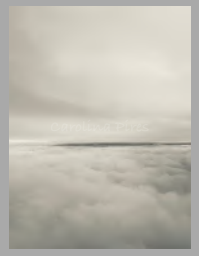
Ensaio 1

Foto 1.1: Vista da janela do avião, sobrevoando a cidade de São Paulo (SP), num vôo para Rio Branco (AC). Último voo antes da pandemia [06 dez. 2019] Represento aqui o percurso feito em 21 mar. 2020, quando voei de noite e a adrenalina era muita. 2h após o avião decolar, o governador fechou o estado de SP. O cuidado fez com que nesse voo em não tocasse em nada. Apenas me fechei em concentração.



Avisto do alto a vista
De meu berço nesta vida
Avisto e de longe percebo
o que de perto é difícil de enxergar
Desloco-me neste intencional movimento
Para refinar minha consciência
Neste momento
Neutralizando percepções transitórias
Ampliando a potência de meu olhar

Foto 1.2: Num giro brusco, a pandemia, e tudo se transformou. Fresta entre mundos, vista do alto, da janela do avião (vôo São Paulo Rio Branco). [06 dez.2019 / representando 21 mar. 2020] Portal entre realidades.



Atravesso um portal
em meio às nuvens
Fresta no céu
Nesta dimensão

Foto 1.3: No caminho, uma abertura. Metafórica vala aberta pela força das chuvas do inverno (e pela ausência de manutenção) no Ramal Eletrônico, via pública de acesso à Aldeia Nova (Colônia Santa Maria - Fundos), localizada na fronteira do Brasil com a Bolívia, no Assentamento São Gabriel (INCRA), município de Capixaba, Acre, Brasil. O portal de um renascimento. [09 abr. 2020]

Adentro um campo
Onde a vida Pulsa
Mergulho profundo
Mares do coração

Foto 1.4: Área preservada na floresta amazônica, nas terras da Aldeia Nova; terras de nossa família, há 15 anos intocada e protegida. Nosso refúgio e segurança nesta pandemia. Nossa esperança, o feitio de mundos possíveis em harmonia com a Natureza. [13mar.21]

Em meio à imensidão da floresta
Abrem-se as portas da percepção
Para entender o sentido da vida
de outras maneiras
Viver a partir de minha essência
Inteira
Dançar a dança do Tempo
No harmônico compasso do Mistério da Criação

lua dois: travessias

Legendas • Ensaio 2 [4.2.2]

lua dois: travessias

(Ramal Eletrônico - Aldeia Nova)

Ensaio 2

Foto 2.1: Mariposa adormecida s/ lona transparente. Aldeia Nova, [14 fev. 2021]

Mariposa repousa antes do voo.

Foto 2.2: Ramal Eletrônico, altura do número 58b [26 mar. 2020]

Estradas, estados, estabelecimentos sendo fechados. Incertezas, busca por segurança, intuições, guiança. Pertences levados às pressas para uma transição para a floresta, no dia 25 de março de 2020. Deixados na beira do Ramal Eletrônico, na altura da entrada para a Aldeia Nova.

Foto 2.3.: Valério Alves Serra, 49 anos, meu cunhado, trazendo Capoeiro, o boi, e a carroça que viabilizou levarmos nossos pertences pelos quase 2km de trajeto entre o Ramal Eletrônico e a Aldeia Nova, pelo campo da terra vizinha. [08 abr.2 020]

Lamas, aceiros, morros, poças, igarapés cortando o caminho que tantas vezes percorremos carregando peso, que tantas vezes cruzamos de bota e capa embaixo de chuva. Que tantas vezes nos fez refletir sobre o que levamos na bagagem, sobre o que escolhemos e sobre o que conseguimos levar. Sobre a consciência de nossas necessidades e desejos. Sobre a sabedoria que leva ao equilíbrio dinâmico entre ambos, que promove e viabiliza saúde e condições mais plenas de manifestar nosso propósito em vida; aquilo que nos move e cujo movimento beneficia a existência como um todo.

Foto 2.4: Atoleiro no caminho para a Aldeia Nova. [08 abr. 2020]

Travessia do atoleiro. Igarapezinho (córrego) de inverno que corta o trajeto, pisoteado pelos bois do vizinho que por ele transitam quando rodiziam de um pasto para o outro. Na primeira tentativa, atolamos a carroça, o boi, nossas botas, perdemos coisas. Com lama pelas canelas, quando não pelos joelhos, atravessamos e voltamos inúmeras vezes levando tudo nas costas. Nos equilibrando em paus, dando a mão, colocando luz pro outro com a lanterna.

lua dois: travessias

(Ramal Eletrônico - Aldeia Nova)

Ensaio 2

Foto 2.5: Capoeiro, o boi, e a carroça. Ficaram conosco quase um mês, emprestados por um vizinho do assentamento. [08 abr. 2020]

2020. Além de nossos pés, neste momento do inverno amazônico, esta carroça foi o único meio de transporte que conseguiu chegar até nosso destino; e não sem esforço. Capoeiro carregou boa parte dos nossos pertences para o lugar que nos abrigou durante a pandemia. Foi o contato primeiro com um boi neste ciclo.
Contato que inspirou-me respeito, reverência, gratidão.

Foto 2.6: No atoleiro, a construção de estruturas para atravessarmos usando troncos, galhos, criatividade, destreza e força. [08 abr. 2020]

Obstáculos, estudos. Quando o aparentemente intransponível é superado e os horizonte de possibilidades expandem-se dentro e fora de nós.

Foto 2.7: "Piseiro" no caminho. Para conseguirmos atravessar, foram colocados alguns troncos em sequência. Valmir Alves Serra, meu companheiro, e nossas bagagens, tantas vezes carregadas nas costas. Nós, equilibristas. [15 mai. 2020]

"Piseiro" de boi no chão do caminho, no encharcado inverno amazônico. Esse vai e vem dos bovinos criados em campos para posterior abate é um dos responsáveis pela chamada "compactação dos solos" e consequentes dificuldades de penetração das águas na terra; por decorrência da impermeabilização desencadeada por este processo. Como resultado, a terra seca. A consequente "desertificação das áreas antes úmidas e saudáveis". É um exemplo do que está acontecendo na floresta com a derrubada das matas e com o avanço das atividades agropecuárias extensivas não agroecológicas.

Foto 2.8.: Borboleta descansa s/ galocha enlameada [27 fev. 2021]

Em meio ao aparente caos, a vida nos presenteia com poesia. Feliz dos olhos sensíveis e atentos, pois na tensão, sutis belezas são como bálsamos; como um alento.

Foto 2.9: Primeira área ocupada na Aldeia Nova [16 abr. 2020]

Primeiro espaço comum da Aldeia Nova. Nossa cozinha "provisória", construída com "pau rolado", palha e lona. Área onde foram montadas as primeiras barracas, o primeiro banho, os primeiros bancos. Onde foram feitos os primeiros plantios, as primeiras fogueiras, as primeiras refeições, os primeiros rezos.

lua três: água, alimento, abrigo

lua três: água, alimento, abrigo

Ensaio 3

Foto 3.1.: Vista da floresta amazônica de dentro da nossa barraca na Aldeia Nova. Nosso espaço privado em meio a um contexto coletivo de intensa interação. Nosso abrigo primeiro nesta jornada. Nosso espaço de descanso, ainda debaixo das estrelas.
[18 abr. 2020}

Quando não há nada feito, tudo está por fazer. Quando as necessidades são muitas e exigem tempo, o trabalho conjunto viabiliza a vida. Quando as necessidades de base precisam ser supridas, o tempo primeiro é nelas investido e o tempo gasto varia, a depender da maneira como a rotina é organizada, da comunicação e conexão entre os envolvidos e dos recursos disponíveis para a realização das demandas. Quando não há estrutura, cada elemento precisa de atenção e dedicação.

Foto 3.2: Início da construção do nosso barracão. Valmir Alves Serra descansando na sombra das poucas palhas até então pregadas.
[25 abr. 2020]

Primeiro abrigo coletivo bioconstruído, majoritariamente, com materiais encontrados na mata: madeiras roladas para a estrutura, dois tipos de palha para o telhado (ouricuri e palha redonda). Empenho coletivo na coleta e no preparo dos materiais e na organização dos mesmos para transformarem-se em uma casa comum a todos.

Foto 3.3: Ana Gregória Alves Serra, minha cunhada, cozinhando.
[27 mar. 2020]

Primeira cozinha, improvisada na beira do caminho, no campo do vizinho.

lua três: água, alimento, abrigo

Ensaio 3

Foto 3.4.: Vista da obra, dos materiais, da floresta. No telhado em construção, Valmir e Valério Alves Serra dando forma ao nosso barração [25 abr. 2020}

Sabedorias herdadas: reconhecer e saber manejar os materiais que a natureza disponibiliza. Para esta construção, apenas os pregos utilizados foram trazidos de fora.

Foto 3.5: Jirau construído para lavarmos louça, com uma "lavagem permacultural em andamento."
[11 jul. 2020]

Louça, todo dia tem; com nove pessoas se alimentando. Os dois primeiros espaços de lavagem que organizamos eram perto dos reservatórios de água mas longe da cozinha. Bacias com louça "pra lá e pra cá". Função diária ocupada neste primeiro ciclo por mulheres e jovens, enquanto os homens ocupavam-se com as construções, busca de água, coleta de lenha, transporte de coisas pesadas. Num cotidiano em estruturação, muitas funções acabam balizando-se pelas habilidades e características físicas. Provavelmente isto gerou a segmentação por gêneros das tarefas cotidianas em uma moradia.

Com os desafios com o manejo de água, aprimoramos técnicas de baixo consumo para dar conta da alta demanda de lavagens diárias. Utilizamos muito a lavagem permacultural, com três bacias - uma primeira bacia para a lavagem, uma segunda para 1o enxague e uma terceira para o 2o enxague ou finalização. Muito eficiente e econômica.

Foto 3.6: Valmir e Valério Alves Serra pregando as palhas na estrutura do telhado do barracão construído com 8m x 5m.
[25 abr. 2020]

Conforme a área de sombra se amplia, podemos perceber a capacidade de isolamento térmico das palhas.

lua três: água, alimento, abrigo

Ensaio 3

Foto 3.7.: Cozinha provisória coletiva da Aldeia Nova
[28 abr. 2020}

Estrutura construída no improviso, com madeira rolada, palha e lona, em poucas horas. Apesar de provisória, diante da intensidade das demandas cotidianas, ela ficou em uso por quase quatro meses. Com o tempo, chovia mais dentro do que fora; mas ela só foi aposentada quando a cozinha do ateliê-casa ficou pronta em setembro de 2020.

Foto 3.8: Valmir Alves Serra trabalhando na colocação do capote que dá acabamento ao telhado do barracão, utilizando palhas trançadas.
[01 mai. 2020]

Arremates, finalizações e, depois de 2 meses e 1 semana na floresta, uma cobertura para colocarmos as barracas. Um abrigo para nos protegermos do sol e da chuva; e a consciência do valor de elementos básicos em nossa vida a partir da oportunidade de experimentar a ausência deles. O valor de um teto, de um abrigo. O valor dos estudos promovidos por jejuns; intencionais ou não.

Foto 3.9: Ana Gregória Alves Serra, minha cunhada, cozinhando o jantar à luz de velas. [25 abr. 2020]

Sem energia elétrica, o fogo tornou-se presença constante, com sua luz amarelada e quente, com seu movimento que faz dançar as sombras, com seu calor que transforma e aquece.

lua quatro: jejum, sensibilidade, consciência

lua quatro: jejum, sensibilidade, consciência

Ensaio 4

Foto 4.1.: Primeiro abrigo e segunda cozinha coletiva no acampamento do tabocal; uma parada primeira na direção de nosso destino, onde habitamos de março a maio de 2020, quando conseguimos nos transferir para a área que nomeamos de Aldeia Nova. Pertences, mantimentos, ferramentais. Recursos para sustentar um tempo de transição. Somente o essencial. Um fino estudo. [08 abr. 2020]

A rotina, o cotidiano repetitivo, os automatismos das zonas de conforto nos nublam a percepção. Quando andamos pelos mesmos caminhos, detalhem desaparecem frente aos nossos olhos. Olhamos e não percebemos que estavam lá. Acreditamos que sensações desencadeadas por agentes externos fazem parte de quem somos. Nem sequer cogitamos a existência sem determinado objeto, tecnologia ou recurso que "sempre esteve lá".

Foto 4.2: Nossa cozinha (2) acesa em meio ao tabocal; onde poucas luzes iluminam a noite além das estrelas. [02 abr. 2020]

Os silêncios nos abrem portais na consciência. Neste caso, os silêncios presentes nos jejuns de tudo o que não levamos conosco, ou por escolha, ou por possibilidade. O silêncio de toda uma realidade anterior. Como estudo, os jejuns restabelecem uma condição de proximidade com o que nos é essencial. Desautomatizam nossos olhos, nossa percepção, nossos entendimentos sobre a realidade. Nos permitem sensibilizarmos nossa capacidade de conexão com determinado tema, aspecto de nós mesmos, ou da existência. Os jejuns como prática, favorecem nossa condição de crescente autonomia e possibilidade de emancipação de tudo o que para nós não é vital, essencial.

Foto 4.3: Acampamento no tabocal (cozinha 2) com luzes de pôr-do-sol. [29 mar. 2020]

Luzes, nuances, brilhos, sutilezas.
Maravilhosa clareza na consciência que estuda quando jejua.

lua cinco: contextos, bordas, contrastes

Legendas • Ensaio 5 [4.2.5]

lua cinco: contextos, bordas, contrastes

Ensaio 5

Foto 5.1.: Fronteira sul das terras da Aldeia Nova (à esquerda da imagem); que faz divisa com a Amazônia boliviana (à direita). [17 mai. 2020]

O Rio Xipamano desenha e demarca a fronteira entre o Brasil e a Bolívia no sul do Acre. Do lado esquerdo da foto, as terras da Aldeia Nova em solo brasileiro, do lado direito, as florestas bolivianas, ainda significativamente mais preservadas que as matas do nosso país.

Foto 5.2.: Vista do campo vizinho, de dentro da mata da Aldeia Nova. [13 mai. 2020]

De dentro da floresta vemos o gado se aproximar. A força das atividades agropecuárias extensivas que faz avançar de forma avassaladora o desmatamento, as queimadas, o assassinato dos milhares de seres que compõe e habitam o bioma amazônico. Acompanhar de perto este processo nos dá uma dimensão diferenciada da realidade, a dimensão sensível que o contato com estatísticas não alcança com propriedade.

Foto 5.3.: Bois que habitam as terras vizinhas da Aldeia Nova, com os quais convivemos nos ciclos de aproximadamente 15 dias, que passam neste pasto da divisa do terreno 1 terço do ano. [30 nov. 2020]

Olhos no olhos com um ser senciente. São muitos que, como ele, habitam os pastos onde outrora a floresta resplandecia. Ao redor do mundo já são em torno de 1 bilhão de animais (USDA) que, como este, tem sua existência sequestrada. Vivem sem dignidade, alimentando-se de pasto cultivado com agrotóxicos, sendo intensamente medicados para que, ao serem mortos, sua carne esteja “suculenta e macia”. Estes medicamentos deixam os bois “nervosos" e eles brigam entre si no pasto, se machucam. “Detalhes” que acessamos apenas no convívio, que as estatísticas não contemplam, que quem consome e alimenta essa cadeia degenerativa muitas vezes não vê.

Foto 5.4.: Cerca da divisa da Aldeia Nova (à esquerda). [30 nov. 2020]

À esquerda, a Aldeia Nova. A floresta, o roçado, um projeto norteado por uma proposta de viver em harmonia com a natureza, de contribuir com a regeneração dos sistemas vivos do planeta. À direita, mais um dos inúmeros pastos existentes nos Assentamento São Gabriel (INCRA) onde, há 20 anos, a floresta ainda estava em pé. Só no assentamento, já são milhares de hectares de um dos biomas mais biodiversos do mundo transformados em pasto. Milhares de hectares.

lua seis: incêndios

Legendas • Ensaio 6 [4.2.6]

lua seis: incêndios

Ensaio 6

Foto 6.1; 6.3; 6.5; 6.7; 6.9; 6.11; 6.13: Incêndio no sul do Acre, visto da BR-317; no trecho Rio Branco-Capixaba. [27 Set. 2020]

Conforme a intensidade das chuvas vai reduzindo com a chegada do verão amazônico, os incêndios aumentam. Tradicionalmente, o fogo controlado nos roçados tinha como intensão preparar a terra para o plantio. Feito “no tempo certo, com cuidado, utilizando aceiros para controlar seu alcance.” Hoje são muitos os focos e outras as intenções. O fogo vem sendo usado como ferramenta para o desmatamento.

Foto 6.2: Terras no Assentamento São Gabriel dedicadas à pecuária. [02 mar. 2021]

Gado magro, sofrido. O tempo de chuvas está seco. O alto nível de desmatamento está contribuindo para a desertificação dos solos e para a escassez de água, não apenas na região, mas também em outras localidades que dependem do regime de chuvas amazônico para que exista água no local. Esta umidade desloca-se por extensas áreas através dos chamados rios aéreos, que a transportam para outros territórios; muitos dos quais já reportam diferenças no regime de chuvas e na disponibilidade hídrica, como a região sudeste do Brasil, por exemplo.

Foto 6.4.: Terras no Assentamento São Gabriel dedicadas à pecuária. Pastos são como desertos em meio à floresta. [04 nov. 2020]

Um cemitério na floresta. Vestígios da vida que um dia lá habitou. Os tocos das árvores são como lápides. Toda vez que por lá passo, faço meu rezo pela vida que ali já esteve manifesta. A floresta viva transformada a um ambiente estéril, utilizado cerca de um terço do ano apenas, para respeitar o “sistema de rodízio do gado”, que viabiliza que o pasto se recomponha para seguir alimentando os bois cuja carne será destinada à exportação. Aniquila-se a floresta e toda a sua biodiversidade para, por dois terços do tempo, em geral, estas áreas ficarem vazias, literalmente desertas.

Foto 6.6: Fazenda com monocultura extensiva de soja transgênica na beira do ramal Brasil-Bolívia, no município de Capixaba - AC. [25 out. 2020]

Mais recentemente as florestas nativas locais também tem dado lugar à plantios extensos, de monoculturas de cultivares transgênicos, como a soja, e que necessitam do uso de agrotóxicos para vingar. Esses venenos, pulverizados em extensas áreas de terra, invadem as matas e as colônias dos moradores da região, contaminando as águas, o solo e os alimentos por eles plantados. Tivemos uma experiência de termos nosso plantio orgânico de milho criolo, café, mamão, taioba, coqueiros e outras plantas afetado por agrotóxicos borrifados manualmente na terra vizinha para “controlar o mato do pasto durante as chuvas no verão". Nossas plantas amarelaram. Adoeceram. Imaginem o impacto em áreas próximas a estas plantações colossais, que manejam uma quantidade de veneno em larga escala, pulverizados por grandes maquinários ou aviões.

lua seis: incêndios

Ensaio 6

legendas

percepções reflexões

Foto 6.8: Flores da Samaúma. [30 mai. 2020]

A árvore Samaúma, que dá flores de duas cores simultaneamente, destaca-se na floresta amazônica pelo seu grande porte e beleza. Participei de uma situação na qual vinte e oito pessoas adultas, de mãos dadas com os braços bem abertos, foram necessárias para abraçar uma árvore desta espécie em uma colônia a cerca de 3km da Aldeia Nova. “É uma majestade!” Como disse uma vez o finado Sr. Luiz Mendes do Nascimento, uma liderança comunitária e espiritual local. É uma das muitas espécies que deixa de existir diante do avanço dos incêndios e do desmatamento da floresta. Um exemplo, para representar cada vida ameaçada e destruída por estas ações.

Foto 6.10: Campos de plantio extensivo de soja na beira da BR-307. [02 mar. 2021]

Protegidas por lei, as Castanheiras, árvores de grande porte conhecidas pelo rico alimento que produzem (as castanhas), habitam o meio dos campos. Sua presença marca a ausência de toda a vida que um dia esteve em seu entorno.

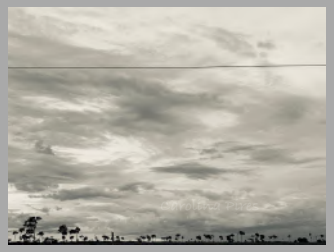


Foto 6.12.: Milhares de hectares de plantio extensivo de soja na beira da BR-307. [06 abr. 2021]

Os vazios entre as castanheiras ainda em pé nos mantem acesa a lembrança do que já não mais está lá.

Foto 6.14: Céus carregados e um ‘bichinho de luz’. [01 dez. 2020]

Durante o verão acreano de 2020, verbalizei algumas vezes a sensação de encontrar-me num deserto em meio à floresta. Uma sensação doída, tantas vezes regada a lagrimas. O ar seco e quente que chegava com rajadas de vento passadas pelo fogo. A secura na terra, que sentimos dentro da gente; no corpo, no campo.

lua sete: fogueiras, rodas, rituais

Legendas • Ensaio 7 [4.2.7]

lua sete: fogueiras, rodas, rituais

Ensaio 7

Foto 7.1: Valmir Alves Serra acendendo uma fogueira ao cair da tarde para afastar insetos, iluminar a noite escura , firmar um ponto de força. [20 mai. 2020]

Acender o fogo com intensão, alimentar a chama da consciência, intensificar a proteção física e sutil são formas saudáveis de relacionar-se com o fogo.

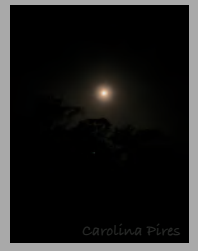
Foto 7.2: Fogueiras na Aldeia Nova, diariamente alimentando a chama de nossa conexão. [27 abr. 2020]

Ao redor do fogo nos reunimos, partilhamos histórias, experiências, reflexões. Compartilhamos nossa visão de mundo e ideias, construimos possibilidades. Novos mundos que nascem na beira do fogo, forjados pelo anseio de vida nova, saúde, harmonia, alegria, amor. Anseios de bem viver em conjunto.

Foto 7.3: Chama em brasas incandescentes. Fogueira no equinócio de primavera do hemisfério sul na Aldeia Nova [21 set. 2020]

Esse tecer de ideias à beira do fogo expande os horizontes de nossa consciência. Bem como o silencio também o faz. Bem como o silencio tão bem o faz.

Foto 7.4: Lua Cheia nascendo na mata da Aldeia Nova [01 out 2020]



Concentrados em oração dialogamos com o Todo, nos conectamos em rede, alimentamos a teia cósmica com bons pensamentos, semeamos boas ações. Em reverência à Força da Lua, Nossa Mãe Universal, trabalhamos em corrente, trabalhando em nosso interior. Emanamos luz e amor. Desconstruímo-nos e reconstruímo-nos. Transmutando para transformar.

lua oito: rezos, transmutações, transformações

Legendas • Ensaio 8 [4.2.8]

lua oito: rezos, transmutações, transformações

Ensaio 8

Foto 8.1: Fim de tarde na Aldeia Nova no verão de 2020 (ago-nov). O sol baixa vermelho as quatro horas da tarde. A foto foi feita com celular, sem filtro, efeitos, "ajustes especiais". Uma cena que se repetiu diversas vezes diante de meus olhos. [22 ago. 2020]

Uma beleza que dói. Uma bela cor, efeito do filtro de fumaça produzido pelos incontáveis incêndios que resultam na intensificação do desmatamento da floresta.

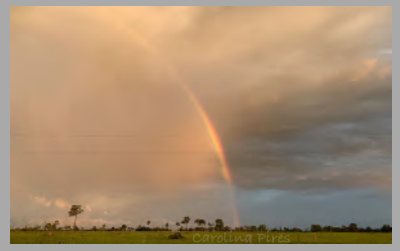
Foto 8.2: Rabanho de gado bovino ao horizonte banhado pelo pôr-do-sol; em uma fazenda às margens do Ramal Eletrônico, no Assentamento São Gabriel, Capixaba - AC. [26 fev. 2021]

Que as Forças que regem o Todo movimentem essa realidade, dando condições e dignidade para todos e cada um de nós bem viver. Que os desequilibrios, equilibrados sejam. Que os males sejam curados em suas raizes.

Foto 8.3.: Arco-íris de ponta a ponta irradia cores nos céus do Assentamento São Gabriel. [26 fev. 2021]

Que os aprendizados possam ser assimilados e colocados em prática, para que a vida siga. Para que outros ciclos emerjam.

Foto 8.4.:
Luzes coloridas tocam o solo do planeta e nossos olhos podem ver
A Consciência ilumina onde a mente alcança
Expandem-se os horizontes internos do meu ser
Chama clareia dentro e, irradiando do centro
Vejo mais alem
Em torno e no Todo. Dentro, fora, em tudo que vejo e percebo
Está o mistério divino que também habita em mim [26 fev. 2021]



Que cada um possa estar a vontade consigo mesmo. Possa se conhecer, amar e respeitar; para que assim também seja, por correspondência, com cada elemento que compõe a teia da vida.

lua oito: rezos, transmutações, transformações

Ensaio 8

Foto 8.5:

Nas múltiplas cores de Oxumaré
Arco-íris da transformação
Traz a mensagem da Mãe das águas doces
Pura luz nas cachoeiras
Diz Ela que tudo sempre se renova
E como sempre
O Todo está a se renovar

[26 mar. 2021]

Que essa Força regeneradora possa atuar de dentro para fora. Possa nos permitir transmutar a essência de nossos desvios, para que nosso caminho se alinhe por inteiro, em respeito às Leis que regem os planos universais.

Foto 8.6: Luzes no portal da regeneração. Ramal de acesso interno na Aldeia Nova. À esquerda, a terra vizinha, desmatada e engajada em atividades agropecuárias vinculadas à exportação de carne bovina. À direita, na boca da mata, nosso primeiro roçado de milho, com plantio também de mamão, abacaxi, côco, taioba, batata doce. Nossa sementeira. Projeto regenerativo em ação. Plantar comida não só para nós. Plantar alimentos em abundância também para os animais orfãos das matas queimadas, que aglomeram-se sobrecarregando a teia viva onde ainda (r)Existem florestas. [05 jan. 2021]

Que essa Força se manifeste em cada uma de nossas ações. Que essa força se expanda, se multiplique.

Que estes rezos sinceros, como partículas que caem suavemente no oceano, possam reverberar no Todo.

Foto 8.7: Floresta amazônica preservada na fronteira da Aldeia Nova, Brasil, com o território boliviano; bordas delimitadas pelo fluir das águas do Rio Xipamano. Viva a Vida! Viva! [17 mai. 2020]

Que todos e cada um de nós, neste tempo intenso e potente, consigamos alquimizar - com energia vital, consciência, sabedoria, saúde, confiança e "força de vontade em ação" - as transmutações e transformações necessárias para que possamos, com plenitude, (r)Existir.

lua nove: feitio de mundos possíveis

Legendas • Ensaio 9 [4.2.9]

lua nove: feitio de mundos possíveis

Ensaio 9

Foto 9.1: Aranha de pequeno porte andando pelo encosto de uma cadeira na Aldeia Nova [07 jun. 2020]

Olhos nos olhos com a tecelã.
A maestria com que dançam as aranhas a tecer
Inspira-nos a dançar no tecer de realidades.
Feitio de mundos, unindo matéria e espirito na consciência sã.

Foto 9.2: Riscos formados na parte interna de um pedaço de um tronco de árvore. [31 jul. 2020]

Deixar manifesto através de nossos desenhos vivos,
as sementes que semeamos.

lua nove: feitio de mundos possíveis

Ensaio 9

Foto 9.3: Valmir Alves Serra levantando uma parede com fatias de tronco de Faveira.
[28 fev. 2021]

Experiências de aproveitamento com madeiras de manejo para edificação de abrigos bioconstruídos. Estudos práticos atendendo demandas de vida e, simultaneamente, expandindo possibilidades e referências sobre alternativas ecológicas para suprir nossas necessidades essenciais.

Foto 9.4: Estrutura com fatias de tronco formando uma parede de 6m de extensão por 2,8m de altura
[28 fev. 2021]

Cada círculo é como o movimento de uma gota que cai no oceano.

Foto 9.5: Cozinha da Aldeia Nova em construção.
[14 out. 2020]

Fogueira acesa clareando a mata, queimando palha molhada numa noite úmida com carapanãs a mil. A luz do fogo revela Inusitadas belezas. Desenhos formados na mata evidenciam-se através nas janelas recortadas nas paredes da área de cozinhar. Dia a dia com poesia.

lua dez: práxis co.labor.ativa regenerativa

Legendas • Ensaio 10 [4.2.10]

lua dez: práxis co·labor·ativa regenerativa

Ensaio 10

Foto 10.1: Valmir Alves Serra ligando a moto-bomba (d'água) instalada sobre uma estrutura construída com madeira no Igarapé Preguiça. Uso da água foi autorizado pelo vizinho, dono das terras onde esse ponto do igarapé passa. [29 ago.2020]

A água nossa de cada dia dependeu por meses desta mobilização, deste tempo, deste empenho em caminhar 400m até o motor, muitas vezes em terreno encharcado, carregando combustível para ligá-lo; praticamente dia sim dia não.

Esforços atentos nos colocam de frente com nossa relação com o consumo de bens essenciais e com os hábitos que herdamos e/ou que alimentamos. Quando carregamos cada balde, quando convivemos com nossa fonte provedora de água - adequada ou não - dialogamos e interagimos com o sistema do qual ela faz parte.

Foto 10.2: Barragem construída artesanalmente por Valmir Alves Serra em um igarapézinho de chuva que formou-se neste inverno, do início de 2021, dentro das terras da Aldeia Nova. [28 fev. 2021]

Manejo do fluxo de águas pelo terreno. Retenção de água e hidratação do solo. Estudos iniciais de plantio de água. Captação e aproveitamento de água consideravelmente limpa. Lá instalamos o moto-bomba. Descobrimos que as águas do Igarapé Preguiça estavam impróprias para consumo devido aos resíduos e agrotóxicos que as fazendas nelas despejam, intencionalmente ou não.

Foto 10.3.: Valmir Alves Serra colhendo pimenta por nós plantada no jardim. [07 jan. 2021]

Plantar, colher, partilhar a abundância da natureza. Quanta comida foi temperada por estas pimentas. As pimenteiras multiplicaram-se na Aldeia Nova e a partilha foi farta em alimento e amor. Amor pela terra, amor pelos nossos parentes. Amor pela vida.

Foto 10.4: Carolina Teixeira Pires colhendo milho. Foto tirada por Valmir Alves Serra. [06 fev. 2021]

Plantar alimento para subsistência e partilha. Abundância de saúde semeada e colhida. Milho crioulo regional plantado no final do verão de 2020. Saberes ancestrais vivos na ação presente. Terra adubada com matéria orgânica local. Semeado na lua, regado, nutrido. Colhido e compartilhado, virou milho verde, curau e cuscus. Gerou sementes para novos plantios.

lua dez: práxis co·labor·ativa regenerativa

Ensaio 10

Foto 10.5: Valmir Alves Serra cortando lascas de madeira para fazer fogo para cozinhar. Ipê, cumaru-ferro, bálsamo. Madeiras densas de queima lenta, que sustentam a chama com pressão por períodos mais extensos - e intensos - de tempo. [21 set. 2020]

Mini fogareiro à lenha também como alternativa para aproveitamento de madeira; quando compreendemos a potência de transformar resíduos em recursos.

Foto 10.6: Carolina Teixeira Pires cozinhando na lenha em um dia de chuva. O gás acabou e nós estávamos impedidos de sair. Valmir Alves Serra trabalhando na construção das estruturas do telhado de uma área coberta de 3,5m x 8m. Foto tirada com o 'timer' da câmera. [22 set. 2020].

Depois desta ocasião, a Aldeia Nova não ficou praticamente nenhum dia sem um fogo, uma fogueira. A presença do fogo transforma, encaminha, purifica, aquece. A presença do fogo acende em nossa consciência a presença da Presença.

Foto 10.7.: Valmir Alves Serra dando forma aos detalhes de nossa cozinha. [16 mar. 2021]

Vão-prateleira telada. Paredes feitas com rodelas de madeira pregada, impermeabilizada com lona transparente. Do lado de dentro, a pia recém instalada; ainda sem encanamento, torneira e etc.

Foto 10.8: Comida pronta, feita no fogareiro de tijolo. No balde à esquerda, as lascas de madeira organizadas. [21 set. 2020]

Pão de milho (cuscus), arroz, feijão com legumes (beterraba, cenoura, batata), farofa de ovo, verduras, salada. Cardápio base. Colhemos, cozinhamos e partilhamos milho, tomate, taioba, pimenta, manjericão, cebola de palha (cebolinha), gengibre, capim cidreira.

lua dez: práxis co·labor·ativa regenerativa

Ensaio 10

Foto 10.9: Melancias cultivadas na Aldeia Nova: primeira colheita de frutas [12 set. 2020]

Melancias cujas sementes foram coletadas de uma fruta consumida e secadas por minha sobrinha Tarumin, 5 anos, com orientação de sua mãe Gregória, e de seu tio Valmir; ele que também buscou o composto (paú de tronco de palheira), cavou as covas, preparou a terra, semeou, irrigou, cuidou, colheu - e também comeu - as melancias plantadas. Neste processo, deu forma e compartilhou, com quem participou do processo, saberes herdados de sua avó Cecília Gomes, Dona Preta, desenvolvidos e aprofundados a partir de suas experiências de vida. O valor de plantarmos nosso alimento, a importância de preservarmos as sementes nativas, formas de manejá-las para que germinem com saúde, o conhecimento de cada cultivar, os ciclos solares e lunares e suas influências em cada planta, o cuidado que se manifesta nas regas cotidianas, no manejo do solo, em “não apontar o dedo para as flores da melancia, de onde brotam os frutos, para elas não caírem" e a melancia conseguir brotar e crescer.

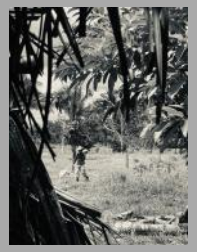


Foto 10.10: Valmir Alves Serra e Bolo, o cachorro da família, trazendo uma melancia colhida. Cumplicidade e parceria. Alegria de colher fruta madura no jardim. [29 nov. 2020]

Saberes passados no convívio, no fazer junto, nas iniciações mobilizadas pelas necessidades cotidianas. Iniciações que são "atualizadas" nas ações presentes fundamentadas por estes saberes. Fortalecidas pelas lembranças de vínculos e afetos que compunham as experiências que viabilizaram a partilha dos mesmos e o acesso a eles.

Foto 10.11.: Celebração da colheita [12 set. 2020]

“Fazer a sementeira e ver o tempo passando
Só vamos colher aquilo que plantamos"
(Trecho do último hino recebido por Valmir Alves Serra, em fevereiro de 2020)
Amorosidade, conexão, cumplicidade, disposição e parceria dia a dia; matérias primas essenciais para o feitio de mundos possíveis. “Amor de quem quer bem” em ação. De quem quer bem a si mesmo, ao outro, ao Todo.
(Com referência ao 88o hino recebido por Raimundo Irineu Serra)

Foto 10.12: Festa da partilha é melancia partida. [13 set. 2020]

Alegria no verão acreano é melancia gelada. Na Aldeia Nova não tem luz, mas colher cedinho dá um efeito parecido. E melancia é fruta que, nestas terras, só dá no verão. A chuva mingua a flor e, sem ela, o fruto não se desenvolve. Da seca brota em abundância essa fruta suculenta. Que festa é o compartilhar.

lua dez: práxis co·labor·ativa regenerativa

Ensaio 10

Foto 10.13: Área de estar e comer em nossa casa na Aldeia Nova [22 nov. 2020]

Construção híbrida com aproveitamento de materiais. Paus e palhas da floresta, telhas da reforma que seria feita em nossa casa em Rio Branco quando a pandemia nos mobilizou para o mato. Criatividade e poesia com as formas da natureza manifestas nos materiais. Habilidade.

Foto 10.14: Área de acesso ao mezanino da casa na Aldeia Nova, construído sobre o ateliê, onde dormimos. [07 set. 2020]

Criativa morada criada no compasso do tempo, na rotina diária em constante evolução. Espaços construídos mesclando os recursos que em cada momento tínhamos nas mãos. Aproveitamento, reciclagem, parceria com a natureza. Mais que saber, saber fazer e fazer de fato acontecer. Experiências são também metáforas vivas que dialogam com camadas diversas da existência de nosso ser. Mezanino-quarto, protegido no alto. Área de estar, cozinhar e comer ao fundo. Materiais coletados no quintal, esculpindo experiências de proteção e conforto. Saber construir.

Foto 10.15.: Nosso lugar de dormir. [07 fev. 2021]

Barraca colocada sobre um mezanino. Abrigo das forças da chuva e do sol, da umidade, de animais de portes diversos - inclusive carapanãs ("variação" de pernilongo), meruins (“variação" de mosquito pólvora), cabas (vespas), carrapatos e mucuins (mini carrapato).

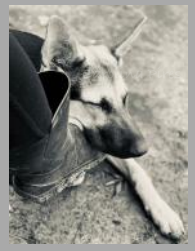


Foto 10.16: Brisa, a cachorra da família, tirando um cochilo apoiada na galocha no pé de Carolina Teixeira Pires. [21 set. 2020]

Nas chuvas de inverno, o chão alaga. Tiveram muitos dias que foi difícil os cachorros encontrarem um canto seco para descansar. Nesta ocasião, quando senti, ela já estava apoiada em meu pé. E assim permaneceu enquanto ali fiquei. Cumplicidade e amorosidade nas pequenas coisas.

lua onze: essenciais

Legendas • Ensaio 11 [4.2.11]

lua onze: essenciais

Ensaio 11

legendas

Foto 11.1: Feitio do Santo Daime, realizado no Irineu Serra, em Rio Branco - AC, um mês antes do reconhecido início da pandemia da Covid-19. Valmir Alves Serra nas panelas. [09 fev. 2020]

percepções reflexões

Essencial é reconhecer-nos filhos da Terra e também do Mistério
Reconhecer e honrar a Força que nos guia e nos protege
Reconhecer e honrar nosso Caminho, nosso Propósito
Conhecer-mo-nos intimamente; sem "pudorzinhos"
E termos condições para transmutar a raiz de nossos desvios e desequilíbrios
Favorecendo a saúde interior
Por consequência, manifesta no exterior - naturalmente
Transmutando, transformamos
De dentro para fora
Do centro para o Todo, irradiamos.

Foto 11.2: Copa das árvores em área de floresta nativa preservada na Aldeia Nova. Mata que cobre o terreiro, protegendo-nos da intensidade do calor do sol. Abrigou as primeiras barracas armadas, a cozinha provisória, o lugar de banho, o jirau de lavar louça. Nossa cobertura viva. [28 abr. 2020]

Estabelecendo a ligação entre o céu e a terra, estão as árvores
Professoras do equilíbrio e da comunicação sutil
Dos diálogos entre as forças, entre os planos
Vozes que o campo-corpo-coração escuta
E, às vezes, os ouvidos, não

Foto 11.3: Igarapé Preguiça, que nos abasteceu com água por cerca de 8 meses (para banho, limpeza e para lavar louça, apenas); com baixo volume de água devido à estação seca.
[29 ago. 2020]

Ao chegarmos na floresta, a água foi o primeiro elemento que buscamos. Primeira necessidade a ser suprida. Um acampamento foi estruturado perto de um córrego d'água na beirada do caminho. Mesmo perto, a água não estava na "torneira". Este igarapé ficava a 200m de nossa cozinha improvisada. Rapidamente meu cunhado construiu um jirau com madeiras encontradas no local para lavarmos louças, roupas e para a gente se banhar. Deste igarapé vinha a água da comida, a água do café. Baldes, corotes e bacias morro acima e morro abaixo, diversas vezes ao dia. Louças, roupas, corpos descendo e subindo, equilibrando-se para atravessar, com cargas volumosas e pesadas, um metro e meio de ponte feita com um tronco rolado; único acesso para este espaço. Oportunidades de estudos sobre nossa relação com este fundamental elemento e sobre seu manejo para atender as demandas cotidianas.

lua onze: essenciais

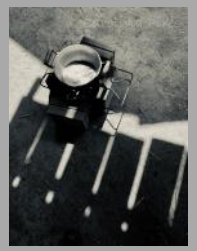
Ensaio 11

legendas

Foto 11.4: Caminho para o “mijador coletivo” no acampamento do tabocal. O “cagador”, durante mais de ano, foi "nos 360o de floresta” ao nosso redor. Com cuidado, claro. Idealmente buracos fundos cavados com boca de lobo, bem cobertos com terra após o uso (sem enterrar papéis); distribuídos pela área para não sobrecarregar um local específico.[29 mar. 2020]

Foto 11.5: Minha sobrinha Érica cozinhando na lenha em meio a mata, em um fogareiro improvisado. [29 abr. 2020]

Foto 11.6: Panela dourando cebolinhas frescas colhidas na horta para temperar a comida que estava sendo preparada na lenha .[22 set. 2020]



percepções reflexões

Manejo de resíduos. Muito do que consumimos gera resíduos, orgânicos ou inorgânicos. Isso mobiliza um caminho de reflexão que percorre todo o ciclo que envolve a produção, consumo e encaminhamento dos mesmos. Uma das lições primeiras, pôde ser traduzida na consciência de que a qualidade dos resíduos que nosso organismo produz resulta integralmente de tudo o que ingerimos e reflete nossas escolhas e/ou possibilidades de consumo.
Nossas escolhas dependem da compreensão e acesso à informações que temos sobre o tema. Nossas possibilidades dependem do território onde nos encontramos e do que temos disponível para investirmos.
Pesquisamos e seguimos pesquisando tecnologias limpas de tratamento local de resíduos. Uma alternativa são as chamadas "bacias de evapotranspiração”, que utilizam materiais de baixo custo e plantas como a taioba e a bananeira para completar o ciclo de tratamento dentro do próprio sistema.

Alquimia profunda. O que ingerimos, como matéria ou energia, influi na frequência vibratória de nosso campo sutil. O que ingerimos nos forma, nos transforma. Impacta nossa saúde e nossa experiência de vida. Impacta também nossa capacidade de contribuição ativa com a existência. Preservar, zelar, cuidar da saúde muitas vezes implica em jejuar de sabores, sensações e sentimentos desencadeados por alimentos (e/ou experiências) que organicamente prejudicam o funcionamento harmônico do nosso corpo-campo. Consumir com ética e consciência também contribui para a preservação da saúde dos sistemas vivos.

O que a gente alimenta quando a gente se alimenta?

Cozinhar. Transformar, temperar, aquecer alimentos. Cuidado coletivo com uma necessidade vital. Cafés, pão de milho, pães. Arroz, feijão, farofa. Ovos, sopas, mugunzá, bolos. Alimento e afeto, nutrição e carinho. Forma de reunir, fortalecer. Demanda intensa numa rotina coletiva: não apenas com o preparo, mas também de organização e limpeza.

lua onze: essenciais

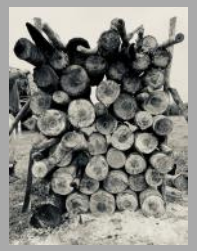
Ensaio 11

Foto 11.7: Roda realizada no campo vizinho, onde acampamos nos primeiros dias em que chegamos na floresta, enquanto estruturávamos o "terreiro do tabocal". Primeira base nesta imersão durante o primeiro ano da pandemia da Covid-19.
[26 mar. 2020]

Aqui na região norte, a cultura oral ainda se faz muito presente. Os mais velhos contam em roda, repetidas vezes, histórias de suas vidas e da vida de seus parentes e conhecidos, como fontes de exemplo, referência e sabedoria. A roda reconhecida como um espaço-tempo de intercâmbio e ecologia de saberes (SANTOS, 2018), de partilhas de experiência e pontos de vista.

Quando partimos para a floresta, reuniram-se 9 pessoas, de 5 a 49 anos, convivendo e co-laborando com a realidade comum. Trocando, aprendendo, ensinando, convivendo, espelhando um ao outro. Intenso estudo fino. Um universo diverso, etária e culturalmente.

Foto 11.8: Fogueira preparada para nossos festejos da noite de São Pedro [28 jun. 2020]



No Santo Daime, os trabalhos espirituais são realizados na força do silêncio (concentração), do rezo ou da música. Os cantos "recebidos" (LABATE, 2009) são chaves de freqüência, balizas de conduta, mensagem que atravessam os portais entre dimensões e manifestam-se através de poesias musicadas. Nos reunimos para trabalhar, cantar e para nos alegrar. Cantamos para louvar, para nos fortalecer, para invocar a Força. Cantamos para nos harmonizar, para criar campos de frequência, para viabilizar processos de cura, conscientizações. Nesta tradição, os cantos e os rezos realizados coletivamente geram condições para mergulhos profundos, para transmutações essenciais, para transformações na consciência e na dimensão material. Cantamos para vibrar saúde e alegria e para irradiar essa Força para a Corrente Universal. Cantando trabalhamos para elevar a freqüência do plano onde estamos, para co-laborar com o Todo, para co-laborarmos conosco.

Foto 11.9: Orvalho fresco da manhã sobre vestígios de uma teia de aranha estruturada na grama.
[30 jun. 2020]

Belezas sutis para olhos sensíveis. Sensibilizar o olhar para ver além. Ajustar a frequência do corpo-campo conscientemente pois, por ressonância, acessamos campos que harmonizam-se com a frequência que vibramos e emanamos. Estudos internos, observação atenta dos pensamentos, ingestão consciente de alimentos. Ajustes e refinamentos para melhor viver. Alquimia.

lua onze: essenciais

Ensaio 11

Foto 11.10: 35. Valmir Alves Serra e nossa sobrinha, Érica, coletando palha redonda na mata para a cobertura do telhado do ateliê. Aprendizado vivo. [24 mai. 2020]

Aprendizados, interações, iniciações no convívio, no fazer junto, engajados em atividades que correspondem às demandas, necessidades e interesses dos envolvidos. Educação possível em tempos de pandemia, em contextos onde não há luz elétrica ou sinal de internet; mas há conexão.

Foto 11.11: Ateliê da Aldeia Nova, já coberto, nos abrigando em um dia de muita chuva. Os veios na terra são valas desenhadas para a água não acumular nos espaços. [27 fev. 2021]

A ausência de um telhado nos dá a dimensão do valor de um abrigo. Não apenas o teto, que nos proteje dos raios do sol e das gotas de chuva. Também a parede que nos proteje dos ventos e das chuvas que eles trazem. Das poeiras que voam soltas, especialmente nos tempos de seca. Dos animais de todo tamanho. Do bicho homem.

Foto 11.12: Ramal interno de acesso para a Aldeia Nova. Com quase 2km de extensão, beirando a cerca da divisa com o vizinho, conecta a porteira de entrada, situada no Ramal Eletrônico, à área onde estabelecemos nossa base. [06 jul. 2020]

Caminho-Portal para um diferenciado campo de frequência. Desde os tempos iniciais deste mergulho, quando o único acesso ao nosso refúgio era caminhando pelo campo vizinho, em determinado ponto, perto de uma Samaúma frondosa que solta flores com dois distintos padrões de cores, todos sentiam e relatavam a percepção de uma sensação de transformação na frequência local. Transformação que impactava e ainda impacta quem neste caminho caminha. Uma sensação suave, porém nítida, que costuma pacificar as águas internas, silenciar a mente ruidosa, preparar o campo para nos aproximarmos conscientemente da Força da floresta; da natureza em nós e no Todo.

lua doze: sementeira

Legendas • Ensaio 12 [4.2.12]

lua doze: sementeira

Ensaio 12

Foto 12.1: Espaço encontrado nas terras da Aldeia Nova para nos estabelecermos. Extensão de campo plana e ensolarada. [08 abr. 2020]

Onde não há nenhuma estrutura, tudo está por construir.
Capoeiro, o boi, e a carroça que ficou conosco por cerca de um mês. Fundamental para buscar água no Igarapé Preguiça, a 400m do local; o que nas semanas iniciais foi feito artesanalmente, galão a galão. Dia sim, dia não, este movimento consumia pelo menos meio período de tempo de três ou quarto voluntários que se uniam para dar conta de tal empreitada. Os galões de 20L eram carregados nas costas, por uns 200m, do igarapé até onde a carroça conseguia chegar; em uma área alagada onde a lama muitas vezes engolia as botas. No campo, a folha em branco.

Foto 12.2.: Estruturas de madeira do ateliê-casa construído na Aldeia Nova. [19 mai. 2020]

Com a proposta de ser um ambiente para arte, educação e pesquisa em meio à floresta, sua construção por si só já foi uma escola aberta que envolveu a todos os que ainda estavam presentes; em especial meus sobrinhos adolescentes de 14 e 16 anos, Miguel e Érica, que engajaram-se integralmente com o processo da cobertura do telhado. Uma oportunidade para intercâmbios que extrapolam as atividades práticas realizadas e a transmissão de saberes específicos. Configura-se em uma experiência viva, complexa, entrelaçada com a vida e alimentada com afeto.

Foto 12.3: Valmir Alves Serra e nossa sobrinha Érica, na época com quase 17 anos, coletando e preparando palha redonda na mata para a cobertura do telhado do ateliê. [24 mai. 2020]

Valmir Alves Serra ensinando Érica, nossa sobrinha, e eu (Carolina Teixeira Pires), a “torcer a palha”, para prepará-la para ser inserida na cobertura do telhado. Com esta manobra, a palha fica pronta para ser encaixada nas estruturas de palha comprida já fixadas (utilizamos a palha ouricuri), não necessitando de amarras com cipó (envira) nem de pregos para serem firmadas.

lua doze: sementeira

Ensaio 12

Foto 12.4: Valmir ensinando nosso sobrinho Miguel, com quase 15 anos, a fixar as estruturas horizontais de palha comprida (ouricuri) do telhado. [24 mai. 2020]

Nossa sobrinha Érica observa o irmão Miguel e o tio Valmir, segurando uma folha de palha redonda já pronta para ser encaixada nas estruturas que eles estão preparando.

Foto 12.5: Idem foto 12.4; captando a parte interna do telhado [24 mai. 2020]

Os aprendizados neste fazer junto envolvem e engajam o corpo, os sentidos, as emoções, os afetos, os anseios. Permitem a observação atenta que capta nuances de saberes construídos pela prática e que manifestam-se na prática; sendo estes, muitas vezes intraduzíveis. Muitas vezes impossíveis de serem transmitidos de outra forma que não por meio do convívio, do entrelaçamento de campos que possibilita que intercâmbios sutis também aconteçam.

Foto 12.6.: Valmir Alves Serra e nosso sobrinho Miguel trabalhando para concluir a parte superior do lado oeste do telhado
[24 mai. 2020]

No alto, tio e sobrinho interagem. A experiência inclui equilibrar-se, manejar medos, fortalecer confiança, inspirar-se. Aprender pelo contato a conhecer e ter mais domínio sobre o corpo, sobre os movimentos, emoções e ações.

Foto 12.7: Nosso sobrinho Miguel recebe de sua irmã Érica a palha redonda que vai ser colocada, repassando-a para seu tio encaixá-la nas hastes horizontais de palha ouricuri que estruturam a cobertura do telhado.
[24 mai. 2020]

Em co-laboração, o trabalho é realizado com mais dinamismo e rapidez. Cada um incorpora sua tarefa, desenvolvendo-a com autonomia, buscando aprimorá-la. Buscando um diálogo entre a experiência em curso e os saberes já conquistados.

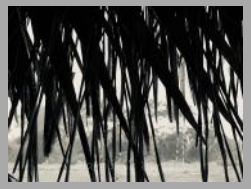
lua doze: sementeira

Ensaio 12

Foto 12.8: Cobertura do lado leste do telhado, quase na metade. Valmir Alves Serra e Miguel trabalhando em co-laboração [24 mai. 2020]

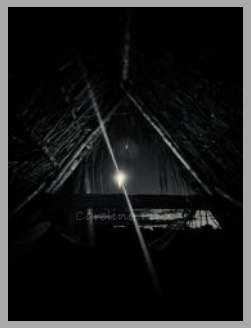
Neste territórios, tanto pelas necessidades, como compondo as práticas culturais locais, há mais envolvimento e engajamento das crianças e jovens nas tarefas que estruturam as bases sobre as quais nossa sobrevivência fundamenta-se. Atividades de manejo da terra, de organização e limpeza das casas, no preparo dos alimentos, nas demandas relacionadas à construção ou realização de reparos nas residências. Os mais novos auxiliam com tarefas mais simples, até que as dominem e possam realizar atividades mais complexas. Com isso, os mais velhos também liberam-se da necessidade de realizar tais atividades e podem empenhar-se em assuntos que os mais novos ainda não tem conhecimento, domínio ou maturidade para desenvolver. Assim tantos saberes são transmitidos, nos ritos iniciáticos do cotidiano.

Foto 12.9: Telhado construído em nosso ateliê-casa nos abriga em meio a uma chuvarada. [30 nov. 2020]



Em meio à força das chuvas que abrem a estação do inverno, a satisfação de estar amparada por uma cobertura na qual, entrelaçadas em suas palhas, estão as frequências manifestadas pelas tantas trocas, interações, aprendizados e experiências elaboradas enquanto este telhado tomava forma.

Foto 12.10: Chama da vela ilumina dentro quando a noite chega. [13 jun. 2020]



“Oh! Não deixeis apagar a chama!
Mantida de século em século nesta escura caverna, neste templo sagrado!
Sustentada por puros ministros do amor!
Não deixeis apagar esta divina chama!”

Poeta: Edward Carpenter
(ATKINSON, 2017, p.13-14)

lua treze: chama

Legendas • Ensaio 13 [4.2.13]

lua treze: chama

Ensaio 13

Foto 13.1: Vela acesa em conexão com a presença viva de Raimundo Irineu Serra, ancestral nosso, avô de meu companheiro. Fundador da doutrina do Santo Daime. [10 jul. 2020]

Meu respeito e reverência, e minha mais profunda gratidão a este Ser, a essa força e a essa linhagem que cedo me acolheu, dando-me a segurança e a condição de ser quem sou. E de me desenvolver para alcançar meu potencial de luz através da real transmutação de meus desvios e imperfeições e do equilíbrio de minhas dividas kármicas por meio de curas realizadas no campo da consciência.
Agradeço pela oportunidade de tantos estudos finos, por poder trabalhar ativamente pela Corrente Universal.
Obrigada pelo conexão, pelo cuidado, pela amorosidade com que, através de seu vivo exemplo, a nós transmitido pela Força que irradia de teu ser, podemos alcançar melhores formas para ser e estar neste mundo e além dele.

Foto 13.2: Chama do fogo da fogueira diariamente acesa na Aldeia Nova. Luz, calor, proteção, energia e consciência. [21 set. 2020]

Chama de consciência

Foto 13.3: Imagens de meu cunhado Valério Alves Serra, acendendo uma fogueira na Aldeia Nova. [16 abr. 2020]

Essência de Luz que navega com o movimento.
Que existe independente das manifestações
estruturadas para acessá-la, para compreende-la.
Luz que acende as diversas tradições
que dão forma
a formas de com o mistério interagir.
Que possam ser alimentadas, nutridas,
para que mantenham-se acessas,
iluminando o presente através dos tempos.

A eternidade está em cada passo.

visíveisinvisíveis

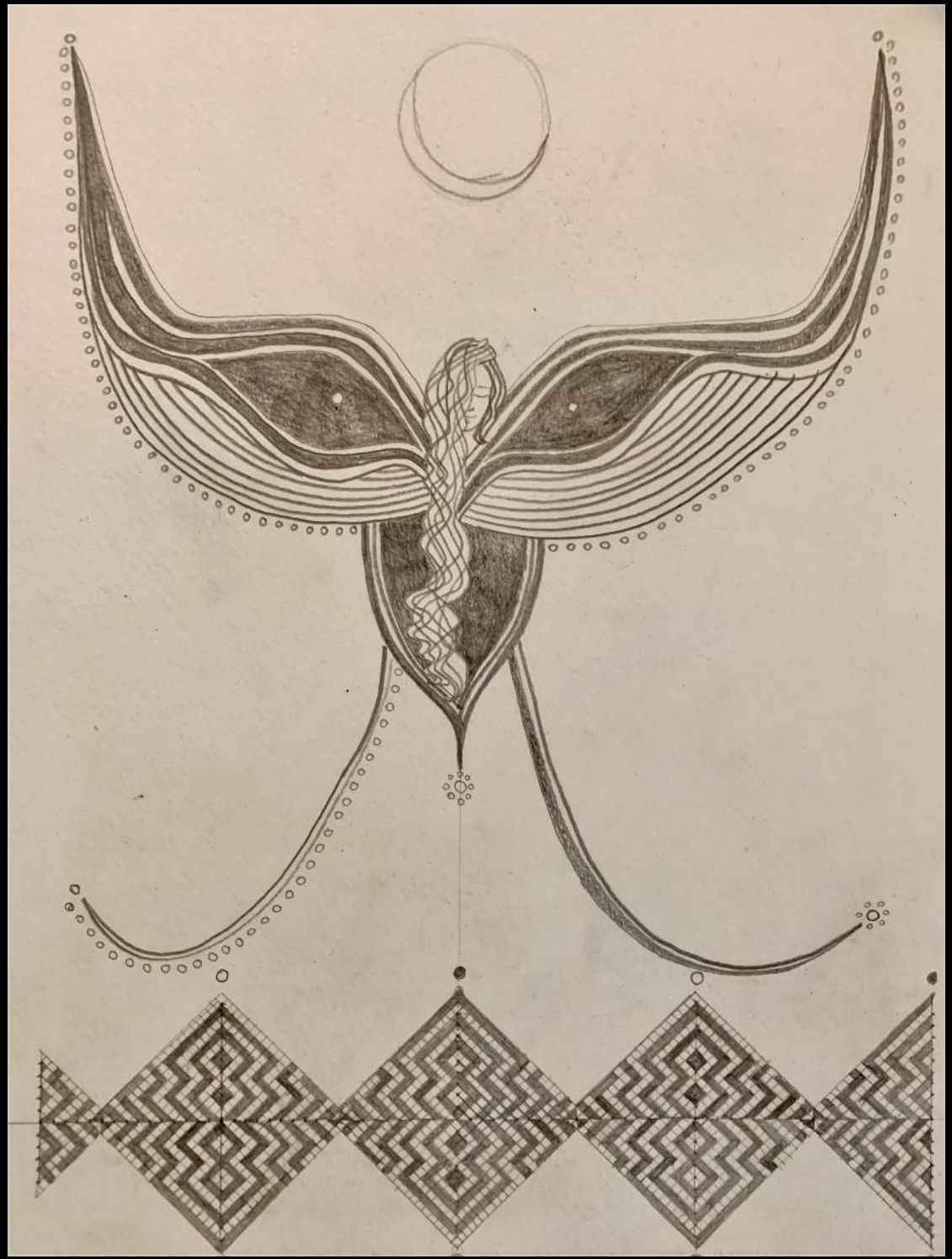
invisíveisvisíveis

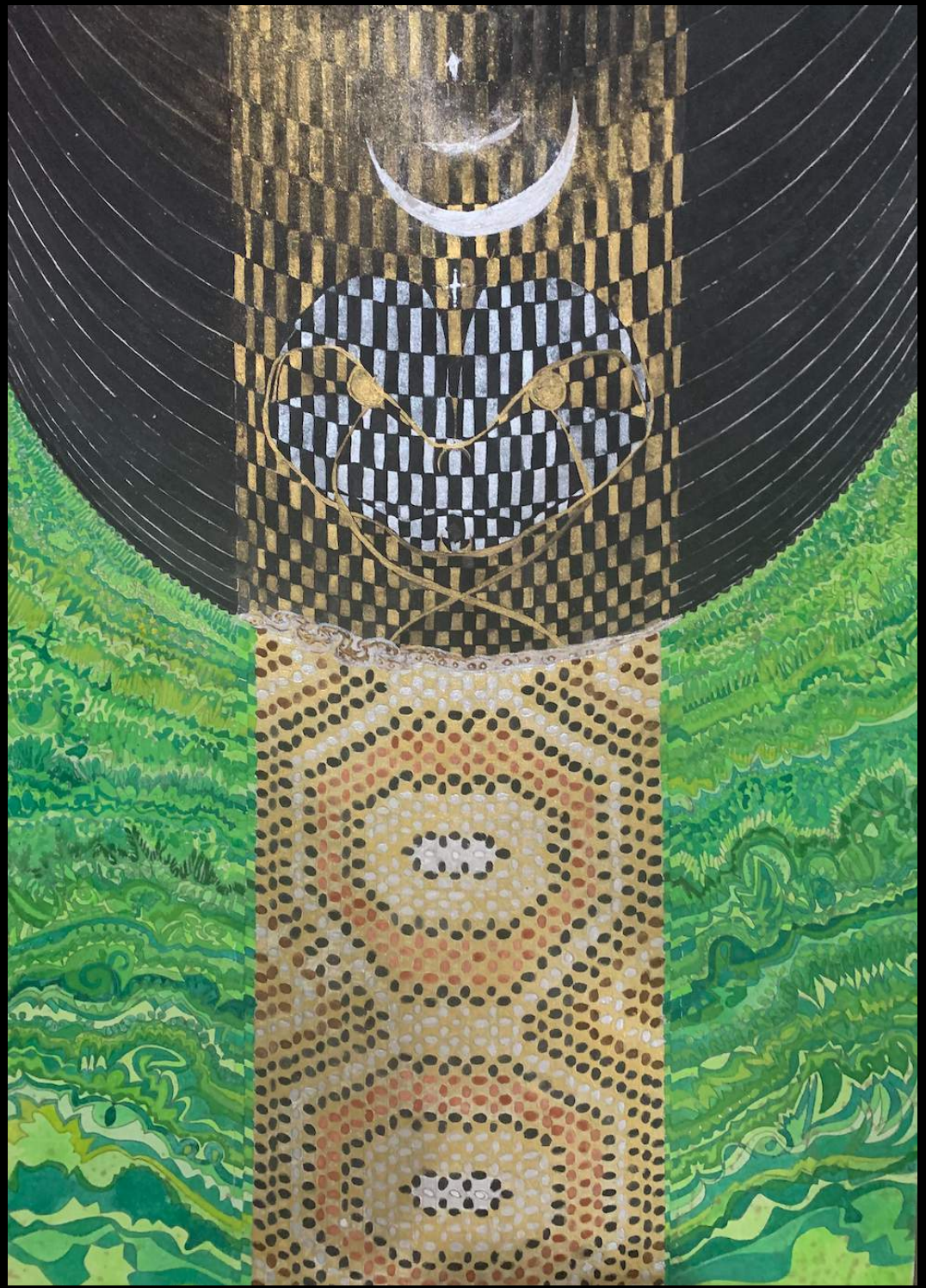
a alquimia da transmutação,
da transfiguração simbólica
só pode ser efetuada,
em última instância,
no cadinho
de uma liberdade.

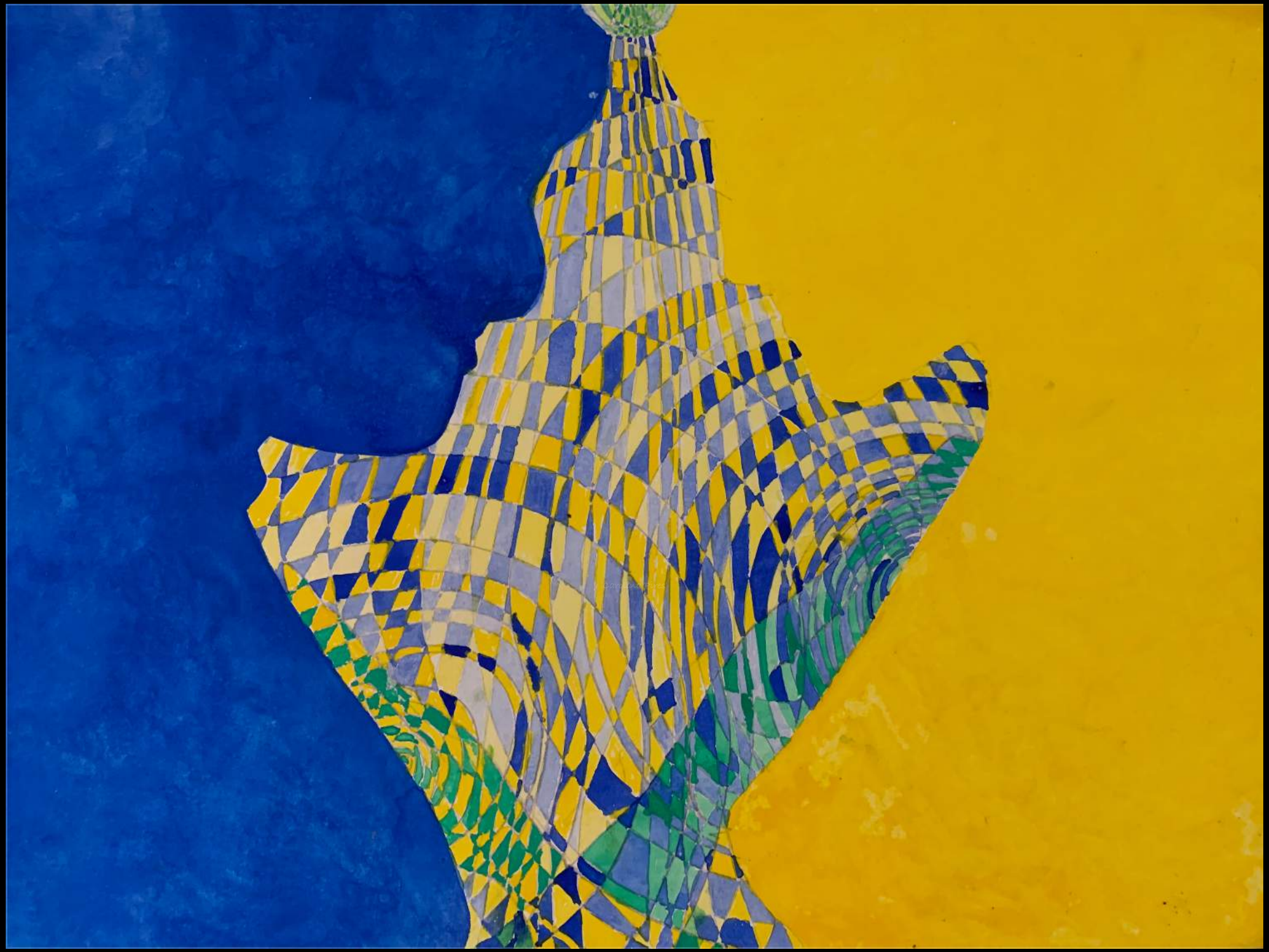
(FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 57)

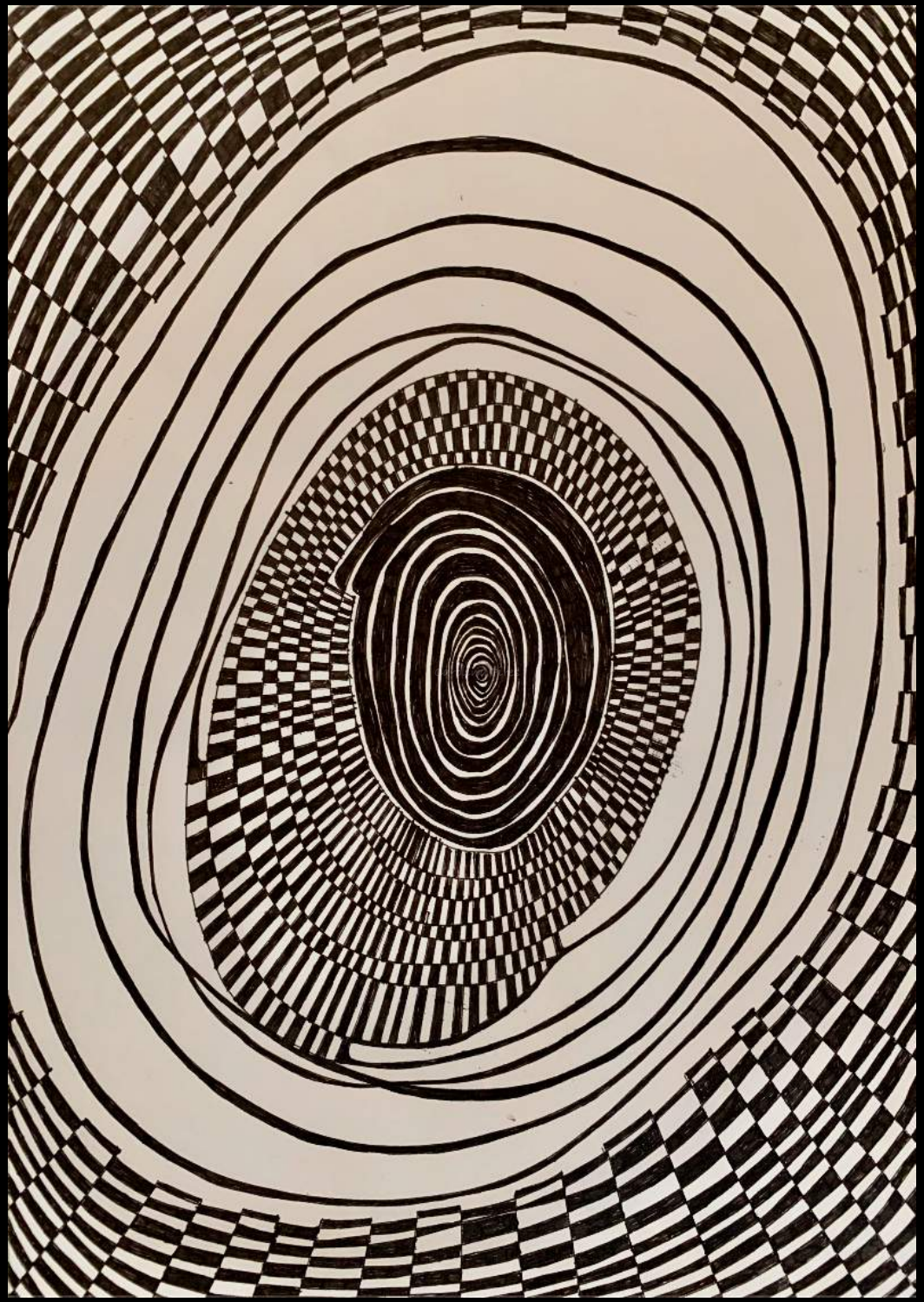
a alquimia da transmutação,
da transfiguração simbólica
só pode ser efetuada,
em última instância,
no cadinho
de uma liberdade.

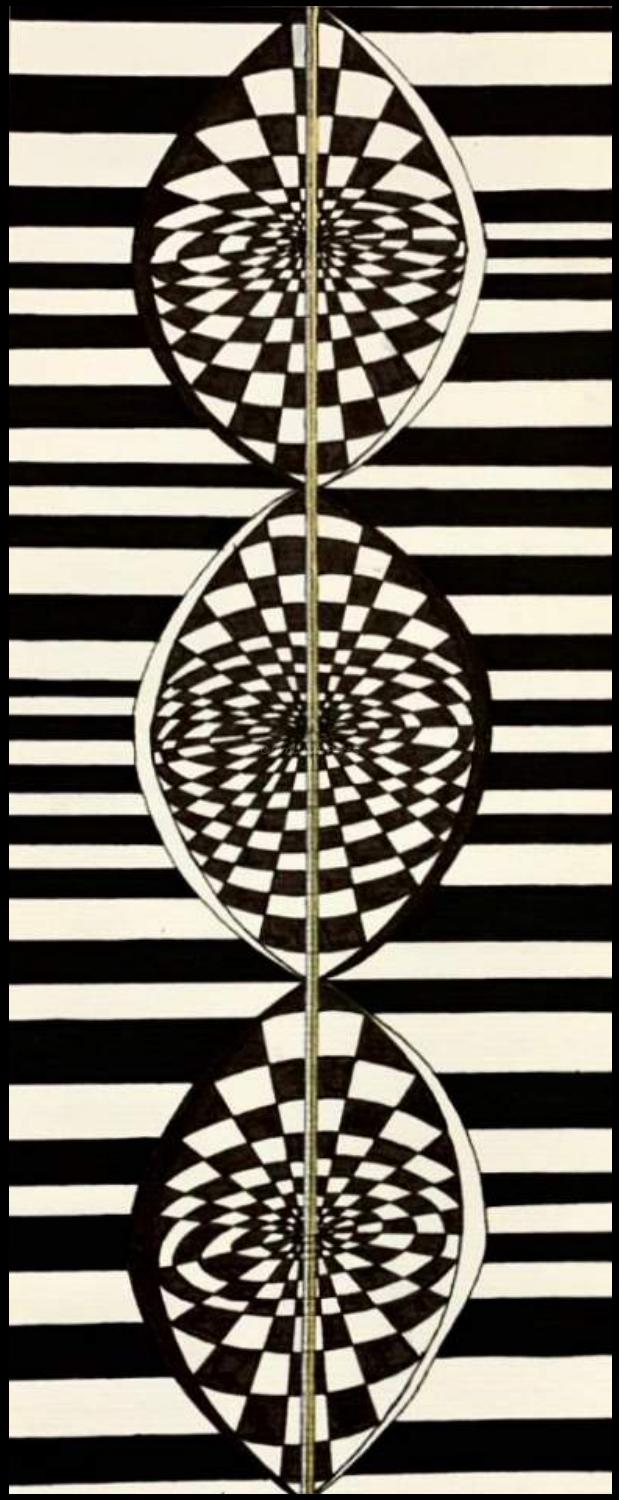
(FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 57)

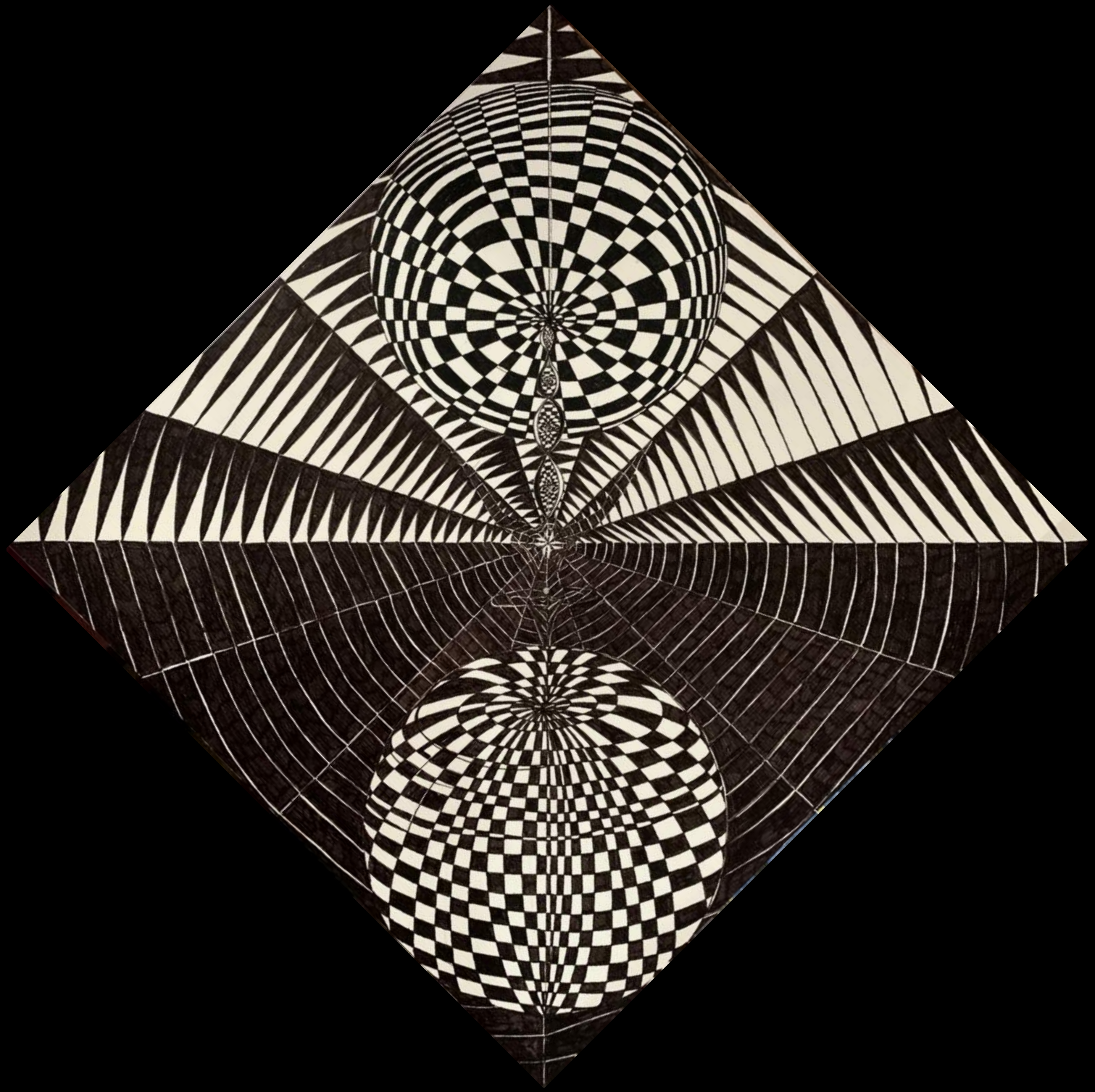


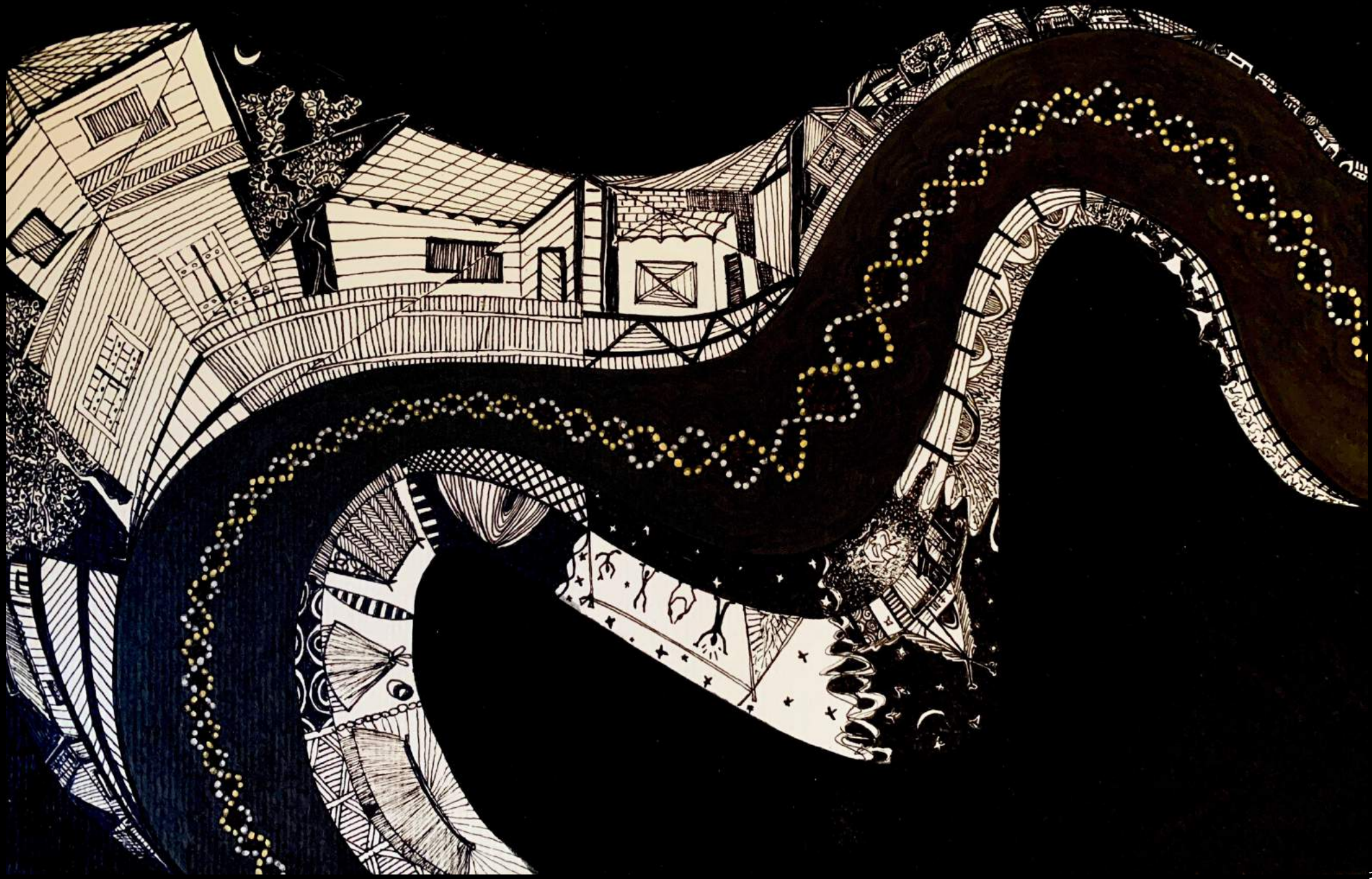


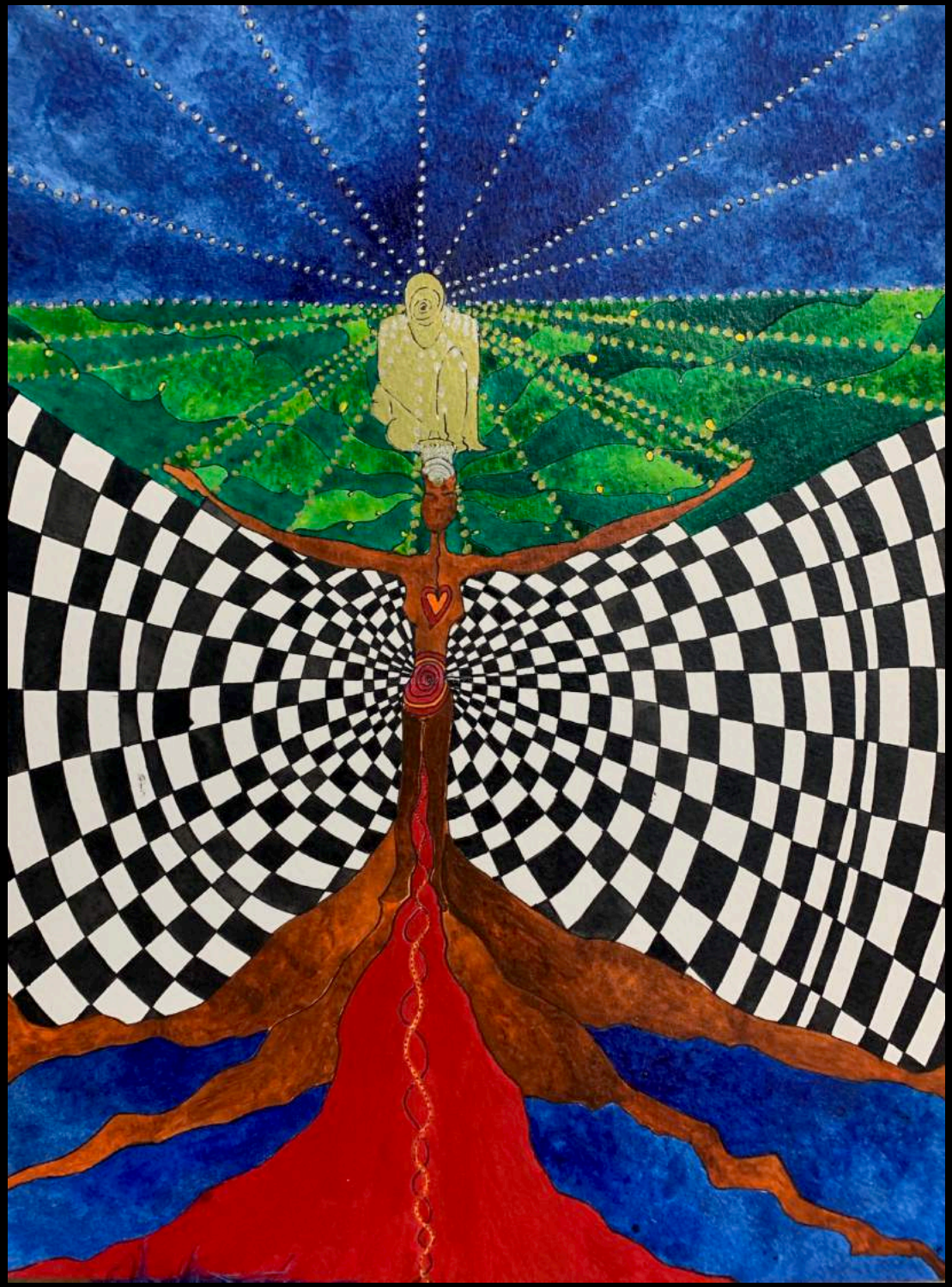


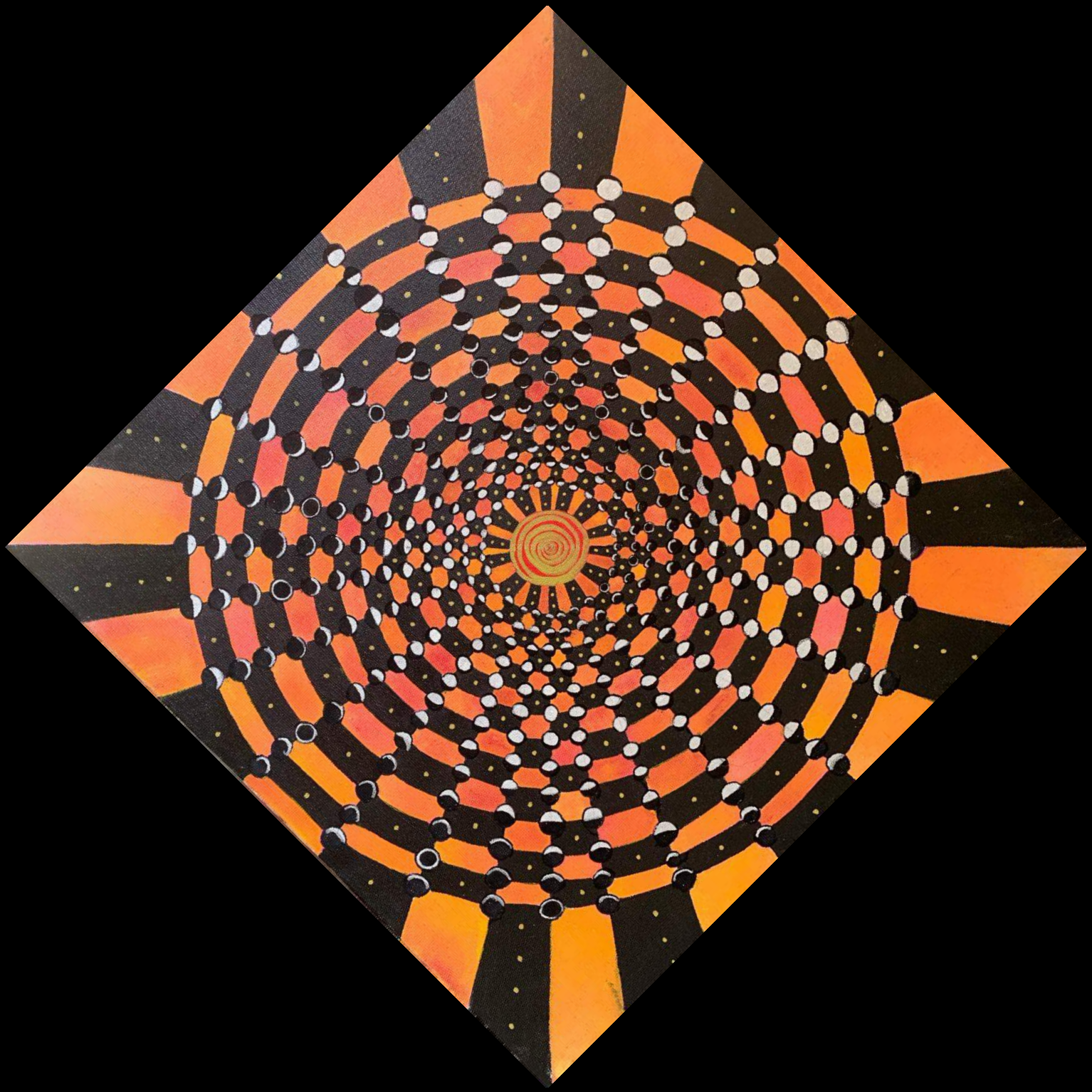


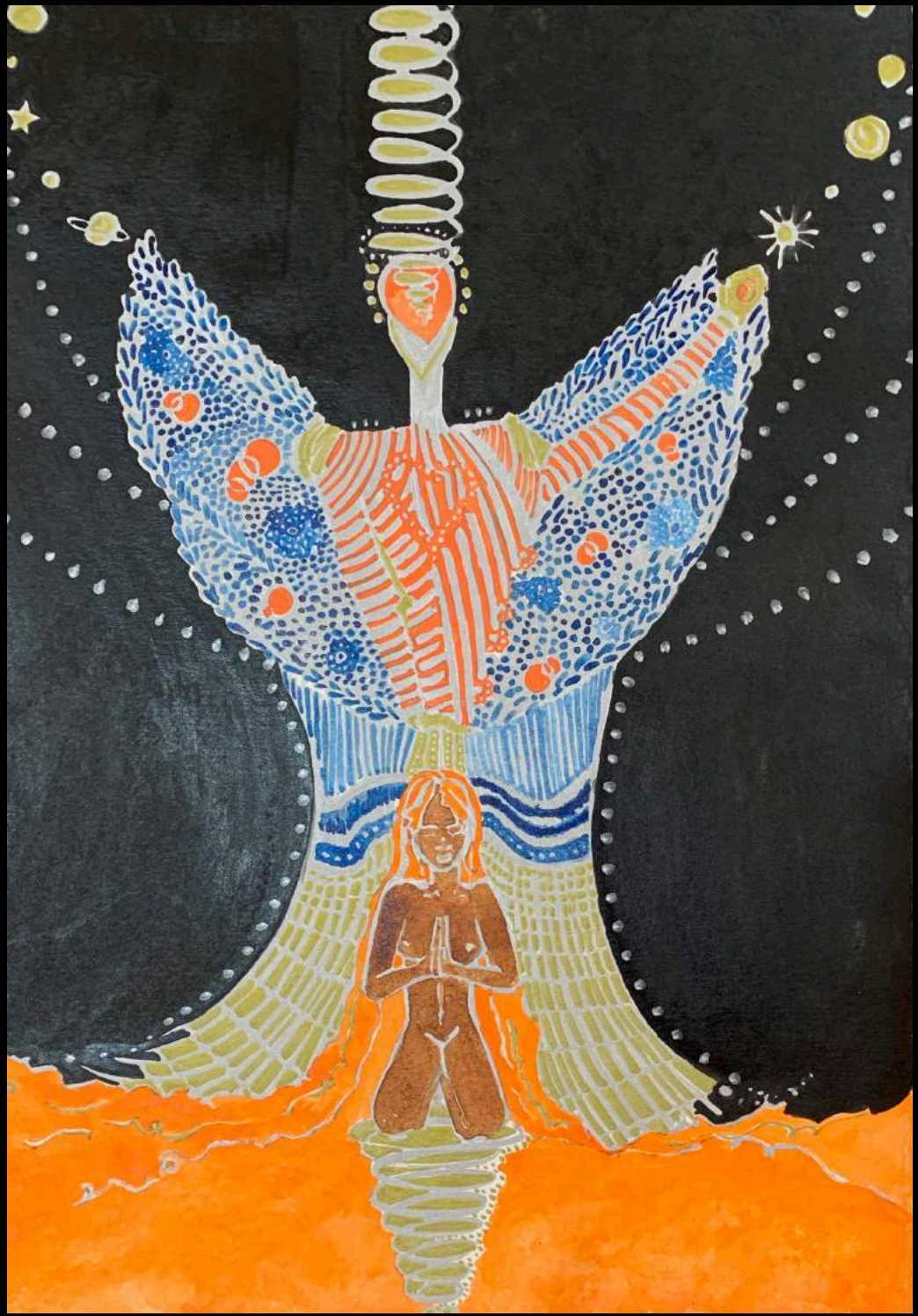












O saber de todo mundo
É um saber universal
Aqui tem
muita ciência
Que é preciso
se estudar

Mestre Irineu,
(Hinário O Cruzeiro, hino 102)

O saber de todo mundo
É um saber universal
Aqui tem
muita ciência
Que é preciso
se estudar

Mestre Irineu,
(Hinário O Cruzeiro, hino 102)

Referências

REFERÊNCIAS[1]

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver***:* uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ABORDAGEM Triangular do Ensino da Arte. Produção: Maria Christina de Souza Lima Rizzi e Janaína Cesar de Oliveira. São Paulo: CAP/ECA/USP, 2007. (2:16min) animação, cor. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1e0BXtmduPDkiZXCMRzTg_6JSqaUd7zCl/view?usp=sharing . Acesso em 30 Jul. 2021.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. Epistemologia da Ayauaska e a dissolução das fronteiras natureza/cultura da ciência moderna. In **Fragmentos de Cultura**, Goiania, v. 24, n. 2, p. 179-193, abr./jun. 2014

_____. Pedagogia da Ayahuasca: Por uma decolonização epistêmica do saber. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas***, 26*(85), 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326558992_Pedagogia_da_Ayahuasca_Por_uma_decolonizacao_epistemica_do_saber Acesso em 13 ago. 2021.

ARMSTRONG, Jeannette C. *En'wokin:* a tomada de decisões que leva em conta a sustentabilidade. In STONE, Michael; BARLOW, Zenobia (orgs). **Alfabetização ecológica***:* a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006 (p. 39-45).

ATKINSON, William Walker. O Caibalion: Estudo da Filosofia Hermética do Antigo Egito e Grécia. Rio de Janeiro: Ricardo Uchôa, 2017.

BÂ, Amadou Hampaté. A Tradição Viva. In: ISKANDER, Z. (Org.) **História Geral da África**. Vol. 1. São Paulo : Ática, Unesco, 1980. p. 181-218. Disponível em https://docero.com.br/doc/1e885c . Acesso em 10 ago.2021.

BARBIERI, Stela. **Interações**: onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte-educação:** leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Arte/Educação Contemporânea**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Ensino da arte**: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **A imagem no ensino da arte**: anos 80 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2009a.

_____; COUTINHO, Rejane G. (orgs). **Arte/educação como mediação cultural e social.** São Paulo: Editora UNESP, 2009b.

_____; CUNHA, Fernanda Pereira (orgs). **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Redesenhando o Desenho:** educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013.

[1] De acordo com a ABNT NBR 6023 2018.

BARROS, Maria Isabel A. (org) **Desemparedamento da Infância**. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BATESON, Gregory; MEAD, Margareth. **Balinese Characters:** a photographic analysis. New York: The New York Academy of Science. 1942.

BATHING Babies in Three Cultures. Direção / Produção: Gregory Bateson e Margareth Mead. Distribuição: Audio-visual Services / The Pennsylvania State University. EUA: 1954. 12min, P&B. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rmvqdDBSY0k. Acesso em: 29 Jul. 2021

BECKER, Howard: **Balinese Character**: uma análise fotográfica. Cadernos de Antropologia e Imagem, n. 2. Ps. 137-143.

BITTENCOURT, Luciana. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In FELDMAN-BIANCO; MOREIRA LEITE. **Desafios da imagem**. Campinas: Papirus, 1998. (ps. 197-212)

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. Brasília, DF, 2017.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **De volta ao quintal mágico***:* a educação infantil na Te-Arte. São Paulo: Ágora, 2006.

BURGIN, Christine. **Hilma af Klint**: notes and methods. Chicado: The University of Chicago Press, 2018.

CAIBALION, O. A Filosofia Hermética - Introdução (Capítulo 1). Produção: Lúcia Helena Galvão. 59min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017a. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=KIUSFoeRw4w&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m . Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. Os sete princípios herméticos (Capítulo 2). Produção: Lúcia Helena Galvão. 60min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017b. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5mxO9nqT5Js&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=3. Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. A transmutação mental (Capítulo 3). Produção: Lúcia Helena Galvão. 61min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017c. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=-VcxbC7RyRE&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=4. Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. O Todo (Capítulo 4). Produção: Lúcia Helena Galvão. 64min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017d. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qqdivdjb9Yw&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=4 . Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. O Universo Mental (Capítulo 5). Produção: Lúcia Helena Galvão. 57min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017e. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Ovk43FIDAnI&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=5 . Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. O Paradoxo Divino (Capítulo 6). Produção: Lúcia Helena Galvão. 59min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017f. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ZDuBGV_FTxU&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=6 . Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. O TODO em tudo (Capítulo 7). Produção: Lúcia Helena Galvão. 57min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017g. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=E6wjtcoJo0Q&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=8 . Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. Os planos de Correspondência (Capítulo 8). Produção: Lúcia Helena Galvão. 60min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017h. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=fLY382S7JEo&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=8 . Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. A Vibração (Capítulo 9). Produção: Lúcia Helena Galvão. 46min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017i. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=me9D5bIQ9U4&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=10 . Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. A Polaridade (Capítulo 10). Produção: Lúcia Helena Galvão. 59min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017j. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=8AYXEZWsQTk&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=10 . Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. O Ritmo (Capítulo 11). Produção: Lúcia Helena Galvão. 56min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017k. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=bNZFz2R-xyI&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=11 . Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. A Causalidade (Capítulo 12). Produção: Lúcia Helena Galvão. 62min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017l. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=HhbFD2rAqSs&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=12. Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. O Gênero (Capítulo 13). Produção: Lúcia Helena Galvão. 45min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017m. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=UVflJfqGQQQ&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=14 . Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. O Gênero Mental (Capítulo 14). Produção: Lúcia Helena Galvão. 57min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017n. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yLoymZugPdA&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=14. Acesso em 06 ago. 2021.

CAIBALION, O. Axiomas Herméticos (Capítulo 15). Produção: Lúcia Helena Galvão. 50min, cor. Brasília: Nova Acrópole, 2017n. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=TFRiQxUBeGs&list=PLhS5OrpTv6-ZWw781K8Tij-NWL-9Iln9m&index=15 Acesso em 06 ago. 2021.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. Corpo, Imagem e Memória: Reflexões a partir de duas fotos do funeral Bororo in MAMMI, LORENZO e SCHWARCZ, Lilia (Orgs.): **8 X Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **A construção de imagens na pesquisa de campo em Antropologia**. Iluminuras, Porto Alegre, v.13, n.31, p.11-29, jul./dez. 2012.

_____ (org). **Entre Arte e Ciência***:* A Fotografia na Antropologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CAMARGO, Eliane; VILLAR, Diego; CAPITAIN, Texerino; TORIBIO, Alberto; KUINBU, Huni. **Huni kuin hiwepaunibuki. A história dos Caxinawá por eles mesmos. La historia de los cashinahuas por ellos mismos.** São Paulo: Edições Sesc, 2013.

CAPRA, Fritjof. Prefácio. In STONE, Michael; BARLOW, Zenobia (orgs). **Alfabetização ecológica***:* a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006a (p. 13-15).

_____. Falando a linguagem da natureza: Princípios da Sustentabilidade**.** In STONE, Michael; BARLOW, Zenobia (orgs). **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006b (p. 46-57).

_____. **Ecological Literacy**: Part 1. Produzido por Center for Ecoliteracy. EUA: 2010a. (8:35min), cor. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=vohcled-kto Acesso em 27 Jul. 2021a. [Youtube - Canal Center for Ecoliteracy]
_____. **Ecological Literacy**: Part 2. Produzido por Center for Ecoliteracy. EUA: 2010b. (10:50min), cor. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7RZ-_C3sIt4&t=53s Acesso em 27 Jul. 2021b. [Youtube - Canal Center for Ecoliteracy]

_____. **Ecological Literacy**: Part 3. Produzido por Center for Ecoliteracy. EUA: 2010c. (8:59min), cor. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=vohcled-kto Acesso em 27 Jul. 2021c. [Youtube - Canal Center for Ecoliteracy]

CARVALHO, Renata Meirelles Dias de. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil.** São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

_____ (org). **Território do brincar:** diálogo com escolas. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

CARTIER-BRESSON, Henri. O instante decisivo. Tradução livre e informal do inglês por Paulo Thiago de Mello de trecho do livro **The Decisive Moment**, New York, 1952. Copyright 1952 Cartier-Bresson, Verve and Simon and Schuster. Disponível em http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downs-uteis-o-instante-decisivo.pdf. Acesso em 08 ago. 2021.

CASA Redonda. Direção: Maria Amélia Pereira, Gianni Puzzo. Produção: Casa Redonda Centro de Estudos, Anthares Multimeios. Brasil: 2013. 2 DVD. In PEREIRA, Maria Amélia Pinho. **Casa Redonda**: uma experiência em educação. São Palo: Livre, 2013.

CATTIAUX, Louis. **Física e metafísica de la pintura**. Terragona, Arola Editors, 1998.

CLÁUDIA Schapira. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa433922/claudia-schapira. Acesso em: 06 de agosto de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

CLAUDIA Andujar. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18847/claudia-andujar. Acesso em: 10 de agosto de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

CHILDHOOD Rivalry in Bali and New Guinea. Direção / Produção: Gregory Bateson e Margareth Mead. 17 min, P&B. Distribuido por New York University Film Library. EUA: 1952. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4NqQ6KL-aUY. Acesso em: 21 Jul. 2021

COLLIER Jr, John. **Antropologia Visual**: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária/Ed. USP, 1973. (especialmente ps. 25-66).

CORSARO, William A. Children's peer cultures and interpretative reproduction. In CORSARO, William A. **The Sociology of Childhood.** Thousand Oaks, Califórnia: Pine Forge Press, 1997, pp. 109-132.

_____. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria A. (orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças***:* diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. (ps. 83 - 103).

CRUZ, Maria Cristina M. T. **Para uma educação da sensibilidade**: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2005. (dissertação de mestrado)

D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro Hip-Hop**: a Performance Poética do Ator-MC. São Paulo: Perspectiva, 2014.

D'AMBROSIO, Ubiratan*.* **Transdiciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997.

DERDIK, Edith. **Formas de pensar o desenho***:* o desenvolvimento do grafismo infantil. Porto Alegre: Zouk, 2010.

DEWEY, John. **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Marina Célia Moraes. **Arte e construção do pensamento: uma função sobre o jogo na aquisição de conhecimento** (ou cenas do cotidiano do professor as voltas com a realidade opressiva da escola X educação política e estética). Trabalho de conclusão do curso: O jogo teatral: seu papel chave no estabelecimento de correspondências entre estética teatral e pedagogia do teatro. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1988.

DIAS, M. C. M. **Saberes essenciais ao educador da primeira infância**: uma reflexão na perspectiva dos seus protagonistas. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1997.

DIAS, Marina Célia Moraes. O direito da criança e do educador à alegria cultural. In DIAS, Marina Célia Moraes; NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (orgs). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. São Paulo: Papirus, 2003.

DREGGER, Leila. **Tamera:** a model for the future. Portugal: Verlag Meiga, 2010.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensivel. 2000. 233 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: < http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253464 >. Acesso em: 06 ago. 2021.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Medicas, 1999.

EDUCAÇÃO proibida, A. Direção: Juan Vautista. Produção: Daiana Gomez. 145 min, cor. Título original: La Educación Prohibida. Argentina: 2012. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=-1Y9OqSJKCc (original) e em https://www.youtube.com/watch?v=OTerSwwxR9Y (dublado em português). Acesso em 29 Jul. 2021.

EISNER, Elliot E. **O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?** Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008.

ENLAZADOR, Thomás (org.). **Almanaque de práticas sustentáveis**. Recide: autores, 2010. (Publicação independente) PDF disponível em https://www.sesamcarmopolis.com.br/downloads/BIBLIOTECA_VIRTUAL/ALMANAQUE_DE%20_PRATICAS%20_SUSTENTAVEIS.pdf. Acesso em 29 Jul. 2021.

ENTREMUNDOS. Ailton Krenak apresenta Marcos Ferreira-Santos. Produção: Projeto Ocareté. 37min, cor. São Paulo: 2010. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=MUAPp2ZDDsU . Acesso em 06 ago. 2021.

ESCOLARIZANDO o mundo. Direção: Carol Black. Produção: Jim Hurst. 65 minutos, cor. EUA: 2010. Título original: Schooling the world: The White Man's Last Burden. Disponível em http://schoolingtheworld.org ou https://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs (com legendas em português). Acesso em 29 Jul. 2021.

FERREIRA NETO, Djalma Nery. **Uma alternativa para a sociedade:** caminhos e perspectivas da permacultura no Brasil. São Carlos: [s.n.], 2018.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. **Crepusculário**: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Eskadi. São Paulo: Zouk, 2005.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. A grande mãe ameríndia - conversa musical. 78min, cor. São Paulo: "união akasha - centro de desenvolvimento humano", 2010. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=DncQLoBoX0E&t=3139s. Acesso em 06 ago. 2021.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. autoformação & testemunho existencial – 1a. parte da conversa-musical. 145min, cor. São Paulo: 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=43nKdp7mD1w&t=9s. Acesso em 06 ago. 2021.

_____; ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao Imaginário:** bússola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012.

_____. Território da iniciação. In CARVALHO, Renata Meirelles Dias de (org). **Território do brincar:** diálogo com escolas. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. Considerações em torno do ato de estudar. In FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1982. pp. 09-12.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 2a Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 /1997.

_____. **Educação e mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

_____; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização:** leitura de mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** São Paulo, Peirópolis, 2000.

_____. **Educar para a sustentabilidade:** uma contribuição à Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

_____. **Carta da Terra na Educação.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2010.

GAVAZZI, Renato Antônio (org). **Plano de gestão territorial e ambiental da terra indígena Poyanawa.** Brasília: Comissão Pró-Índio do Acre, 2015.

GIANNOTTI, Sirlene. **Dar forma é formar-se**: processos criativos da arte para a infância. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008. (dissertação de mestrado)

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. In NÓVOA, António (org). **Vidas de professores.** Porto: Porto, 2007.

HOLM, Anna Marie. **Fazer e pensar arte.** São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.

HOLMGREN, David. **Permaculture***:* principles and pathways beyond sustentability. Australia: Holmgren Design Services, 2006.

IKA MURU, Agostinho Manduca Mateus; QUINET, André (org.). **Una isi kayawa**: livro da cura do povo Huni Kuin do Rio Jordão. Rio de Janeiro: CNC Flora / JBRJ; Dantas Ed., 2014.

JARDIM, Evandro C.. Arte como manifestação poética. In: **Seminário Ações Singulares II – História e Ensino da Arte**: Experiências. São Paulo: Instituto Tomie Otake, 2009.

KRENAK, Ailton Alves Lacerda. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. PDF Disponível em https://docero.com.br/doc/ns8s105. Acesso em 29 Jul. 2021.

_____. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020a. 12p. PDF Disponível em https://docero.com.br/doc/ns8s105 . Acesso em 29 Jul. 2021

_____. **Caminhos para a cultura do Bem Viver.** Rio de Janeiro: Cultura do Bem Viver, 2020b. PDF Disponível em http://www.culturadobemviver.org/pdf/Caminhos_para_a_cultura_do_Bem_Viver_Ailton_Krenak.pdf . Acesso em 29 Jul. 2021

LABATE, Beatriz Caiuby; PACHECO, Gustavo. **Música de Ayauaska**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

_____; ASSIS, Glauber Loures de. **Dos igarapés da Amazônia para o outro lado do Atlântico: a expansão e internacionalização do Santo Daime no contexto religioso global**. In Relig. Soc. 34 (2) • Jul-Dec 2014. Disponível em https://doi.org/10.1590/S1984-04382014000200002. Acesso em 29 Jul. 2021.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

LEGAN, Lucia. **A escola sustentável:** ecoalfabetizando pelo meio ambiente. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

MACHADO, Regina. **Acordais**: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MAIA NETO, Florestan (org). **Contos da Lua Branca**: histórias do Mestre Raimundo Irineu Serra e sua Obra Espiritual, contadas por seus contemporâneos. Rio Branco: Fundação Elias Mansur, 2003.

MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua**: xamanismo e uso ritual da Ayauaska no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MALAGUZZI, Lóris. Histórias, idéias e filosofia básica. In EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Medicas, 1999. p. 59-104.

MARTIN, Cecília Grangeiro y. **O uso da ayahuasca em rituais religiosos como patrimônio cultural imaterial do Brasil**. 2016. 54 f. Monografia (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2010.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In NÓVOA, António (org). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 2007. (p.111-140).

MOLLISON, Bill; SLAY, Reny Mia. **Introducción a la Permacultura**. Rimana (Equador): CIBT, 1999.

_____. **Permaculture***:* a designer's manual. Australia: Tagari Publcations, 2004.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho**: a educação do educador. São Paulo: Loyola, 2010.

MOREIRA, Paulo; MACRAE, Edward. **Eu venho de longe**: Mestre Irineu e seus companheiros. Salvador: EDUFBA, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

_____; MOTTA, Raul; CIURANA, Émilio-Roger. **Educar para a Era Planetária:** o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos. Lisboa: Stória Editores, 2003.

_____; KERN, Anne Brigitte. **Terra-pátria***.* Porto Alegre: Sulina, 2011. PDF disponível em https://docero.com.br/doc/nnn511x. Acesso em 27 de julho de 2021.

_____; DÍAZ, Carlos Jesus D.. *Reinventar a educação:* abrir caminhos para a metamorfose da humanidade. São Paulo: Palas Athena, 2016.

MÓRTIMER, Lúcio. **Bença Padrinho**: A história de um homem da floresta (parte 1) / A bandeira de São João. São Paulo: Céu de Maria, 2000.

_____. **Nosso Senhor Aparecido na floresta**. São Paulo: Céu de Maria, 2001.

MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria A. (orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças:** diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses:** conversa sobre a origem e a cultura brasileira. São Paulo: Global, 2009.

_____. **Mundurukando**. São Paulo: Ed. Do Autor, 2010.

NEGREIROS, Regina Coeli Araújo Trindade. **Ubuntu**: considerações acerca de uma filosofia africana em contraposição à tradicional filosofia ocidental. In Problemata: R. Intern. Fil. v. 10. n. 2 (2019), p. 111-127 ISSN 2236-8612. Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi9hPbNmqTyAhV2K7kGHbl5Dy0QFnoECAIQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufpb.br%2Fojs%2Findex.php%2Fproblemata%2Farticle%2Fdownload%2F47738%2F28613&usg=AOvVaw2NXszDrlThR_Q794NGm10R . Acesso em 09 ago. 2021.

NENHUM a menos. Direção: Yimou Zhang. Produção: Zhao Yu. Columbia Tristar Pictures: 1 DVD, 106 minutos, cor. China: 1999. Título original: Yi Ge Dou Bu Neng Shao.

NICOLESCU, Basarab. **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2001.

NÓVOA, António (org). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 2007.

_____. Os professores e as histórias da sua vida. In NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 2007b.

_____. Prefácio. In JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. **Santo Daime - o professor dos professores**: a transmissão do conhecimento através dos hinos. Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, 2008.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1984.

PEREIRA, Maria Amélia P. **Casa Redonda**: uma experiência em educação. São Paulo: Livre, 2013.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Hilma af Klint**: Mundos possíveis / curadoria Joshen Volz, Daniel Birnbaum; textos Johan af Klint… [et al]. São Paulo: 2018 (catálogo).

PINHEIRO, Luciana. **As cores da alma:** a vida de Hilma af Klint. São Paulo: 300 Editora, 2018.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do Chão:** a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

POLARI, Alex. **O guia da floresta.** Rio de Janeiro: Redord, 1992.

_____. **O livro das mirações:** viagem ao Santo Daime. Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____ (org). **O Evangelho segundo Sebastião Mota**. Boca do Acre: CEFLURIS EDITORIAL, 1998.

POLIDORO, Osvaldo (1910-2000). **Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas** / Osvaldo Polidoro.- São Paulo: D&Z Computação Gráfica e Editora,1998.

POVO Brasileiro, O. Documentário baseado na obra de Darcy Ribeiro. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Produção: Fundação Darcy Ribeiro, TV Cultura e GNT. Brasil: 1995. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=-zEztOsq6yA. Acesso 29 Jul. 2021.

QUANDO sinto que já sei. Direção: Antonio Sagrado; Raul Perez; Anderson Lima. Produção: Antonio Sagrado; Raul Perez. 78 minutos, cor. Brasil: 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg . Acesso em 29 Jul. 2021.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RESTANY, Pierre. **Hundertwasser:** o pintor-rei das cinco peles. Alemanha: Taschen, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Caminhos Metodológicos. In BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

ROSENTHAL, Dália. **O elemento material na obra de Josef Beuys**. Campinas: UNICAMP, 2002. (dissertação de mestrado)

ROSENTHAL, Dália. Joseph Beuys: o elemento material como agente social. ARS Ano 8 No 18 . São Paulo: Departamento de Artes Plásticas (ECA-USP), 2011. Disponível em https://www.revistas.usp.br/ars/issue/view/4386 . Acesso em 10 ago. 2021

ROUILLÉ, André: **A fotografia, entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

SANDER, August. **A fotografia como linguagem universal** (1931). Revista ZUM #3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. ps. 164 - 173.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. A ecologia de Saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo**: para uma nova cultura política (Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática, Volume IV). Porto: Edições Afrontamento, 2010.

_____. **Na oficina do sociólogo artesão:** aulas 2011 - 2016. São Paulo: Cortez, 2018.

SCHMIED, Wieland. **Hundertwasser.** Vienna: Taschen, 2005.

SER e ter. Direção: Nicholas Philibert. Roteiro: Nicolas Philibert. 104 minutos, cor. França: 2002. Título Original: Être et avoir. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LeHd1PIzAAw . Acesso em 29 Jul. 2021.

SILVA, Aracy L.; MACEDO, Ana Vera L. S.; NUNES, Angela (orgs). **Crianças indígenas:** ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

SILVA, Mauricio; RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Se uma árvore cai no meio da floresta e não há ninguém por perto para ouvir, teria realmente a árvore caído? Ou uma primeira leitura educomunicativa da obra de Hilma af Klint sob a perspectiva da Expressão Comunicativa por meio da Arte. In. SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson (org.). **Educomunicação**: caminhos entre a pesquisa e a formação, no II Congresso Internacional de Comunicação e Educação. São Paulo: ABPEducom, 2021, p.42-54. Disponível em https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/28/21/858-1. Acesso em 29 Jul. 2021.

SOARES, Maria Dolores de Oliveira. **Os processos de construção de uma escola diferenciada**: o caso da escola indígena Ixbãy Rabu Puyanawa. Belo Horizonte: UFMG, 2011

STONE, Michael; BARLOW, Zenobia (orgs). **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SOUSA, Cinara Barbosa de. **O dispositivo da curadoria:** entre seleção, conceito e plataforma. Tese (doutorado). Universidade de Brasília, 2013.

TERRITÓRIO do Brincar. Direção: David Reeks. Pesquisa: Renata Meirelles. Brasil: 2013/ 2014. Série de curtas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AEL5xmJ4Zm4&list=PL1IlaKMcWzeyDaghg7MnFhC-iiiq0kKxd. Acesso em 29 Jul. 2021.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2008.

TRANCE and dance in Bali. Produção: Gregory Bateson e Margareth Mead. 21min, P&B. EUA: 1952 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5jiulSaCP7U. Acesso em: 21 Jul. 2021

VERMELHO como o céu. Direção: Cristiano Bortone. Produção: Cristiano Bortone, Daniele Mazzocca. 95 minutos, cor. Itália: 2006. Título original: Rosso come il cielo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yvd9R30hNqk. Acesso em 29 Jul. 2021.

VYGOSTKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka*;* tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

WAHL, Daniel Christian. **Design de culturas regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2019.

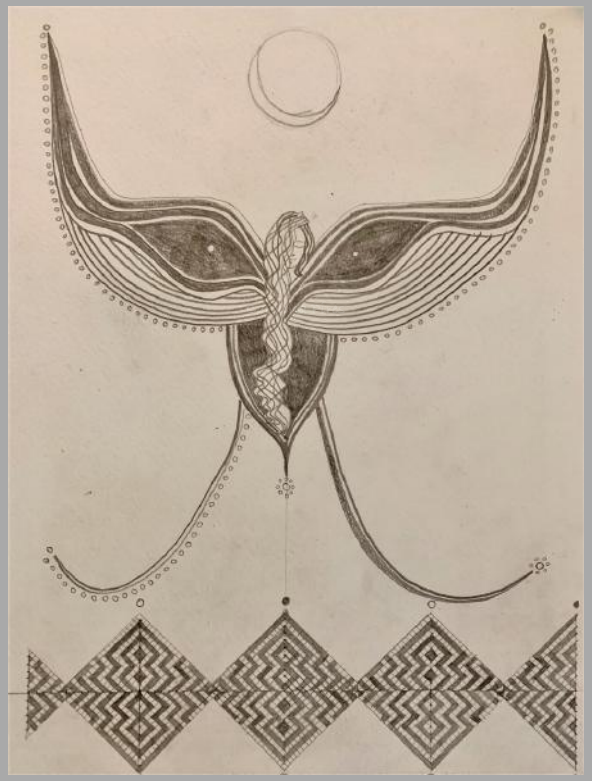
WALKER, Maristela Rosso. **A identidade puyanawa e a escola indígena***.* Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012 (tese de doutorado)

WERTHEIN, Jorge. Apresentação. In MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

Apêndice

alquimia poética

Fichas Técnicas • desenhos e pinturas 1 a 19 [apêndice A]



1

Título: Pós-pajelança
Materiais: Grafite s/ Papel Canson
Dimensões: A4
Data: Junho, 2017

Observações:
Este desenho chegou na Força de um trabalho espiritual profundo que tive oportunidade de participar, conduzido pelo Pajé Sabino (talvez um dos curandeiros mais velhos do povo Huni Kuin, ainda encarnado), realizados na noite do festejo de São João. Um presente inesperado, um contato com as forças da floresta profunda. Uma limpeza em campos profundos, que me colocou num contato-consciência muito especial com meu centro cardíaco, com meu coração.

2

3

Título: A árvore de Oroiná (Oroinárvore 1)
Materiais: Grafite e aquarela s/ Papel Canson
Dimensões: A3
Data: Janeiro, 2018

Observações:
Este desenho abriu um processo profundo de retomada da prática de desenhar. Foi desencadeado por uma conversa importante com uma amiga querida, artista, em um encontro de buscadores do universo "neo-ayauaskeiro" Lembrou-me a potência da poesia, convocando-me a voltar a me expressar, a dar forma às experiências singulares que minha natureza me permite acessar. Suas palavras foram chaves, abriram um portal.

Título: Árvore de Oroiná (Oroinárvore 2)
Materiais: Aquarela s/ Papel Canson
Dimensões: A3
Data: Janeiro, 2018

Observações:
Raízes captam o magma da terra, fogo que transforma, transmuta, purifica.

2

3

Notas sobre Oroiná:

Mãe Oroiná é a Orixá Cósmica assentada no polo negativo da Linha da Justiça Divina.
Na Umbanda, Mãe Oroiná é cultuada como o Orixá Cósmico que consome os vícios e desequilíbrios e faz a purificação dos templos religiosos, do íntimo dos seres e das suas moradas.
Ela atua para nos defender das magias negativas e das injustiças, mas sempre a partir de uma autopurificação, para então nos renovar. Isto é, primeiro ela faz uma purificação em nós mesmos, para nos renovar: purificação de conceitos e ideias antigas aos quais nos apegamos e que nos prejudicam, purificação dos nossos vícios de comportamento etc.
Mãe Oroiná nos traz uma face que faltava no estudo dos Orixás, como Divindade do Fogo Purificador e Renovador. Antes das informações trazidas por Pai Benedito de Aruanda, através da psicografia de Rubens Saraceni, não havia na Umbanda um estudo sobre um Orixá que representasse o Fogo da Purificação, o Fogo que destrói os desequilíbrios para trazer a renovação do ser. Esta renovação é justamente o aspecto característico da atuação de Mãe Oroiná e faz parte do seu culto, inclusive diferenciando-o de cultos anteriores.

Entrei dentro dessas matas
E fui seguindo um caminho
Uma sensação me dizia
Que eu não estava sozinho

A floresta se iluminava
E vi a vida em cada ser
E da imensidão que brotava
Em meu coração
Comecei a renascer

Minhas cascas começaram a cair
Minhas folhas se desprenderam
Incandescente seiva sagrada
De minhas raízes emergiu
Do ventre da Terra
Veio a Força que irrompeu
(rufos / corimba)

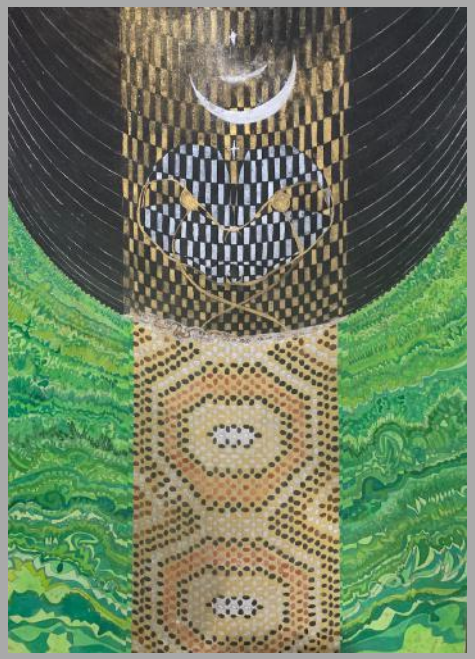
Bati cabeça pra Mamãe Oroiná
Bati cabeça pra meu Pai Oxalá
Forças regentes vibrando em meu ser
Transformação
Pra verdade resplandecer

[canto que recebi (LABATE, 2009) em 23 de fevereiro de 2017]

4

Título: Portal
Materiais: Aquarela s/ Papel Canson
Dimensões: A4
Data: 2018 - 2019

Observações:
Esta pintura manifestou-se após o contato com as obras presentes na exposição Mundos Possíveis, de Hilma af Klint, em 11 de abril de 2018. Iniciei o desenho dia 18 do mesmo mês, 7 dias depois. Ele foi concluído em Fevereiro de 2019.



5

Título: Jibóia Encantada
Materiais: Grafite e aquarela s/ Papel Canson
Dimensões: A3
Data: Maio, 2019

Observações:
Força da floresta, revelada na luz de um trabalho espiritual de feitio do Santo Daime, AC. Conexão entre planos, entre seres, entre corações.

Jibóia Encantada
Abençoa os filhos seus
São as Forças de Mamãe Jibóia
No Jardim de São Irineu

São as Forças de Mamãe Jibóia
Seus filhos presenteou
Rei Jagube, Mãe Rainha
Manifestação de amor

São as Forças de Mamãe Jibóia
E os presentes que me deu
Força do coração da floresta
Proteção do Mestre Irineu

Canto por mim recebido em 2019

6

Título: Amor
Materiais: Aquarela s/ Papel Canson
Dimensões: A4
Data: Janeiro, 2019

Observações:
Imagem de nosso (re)encontro. Primeiro retrato junto.
Valmir Alves Serra e Carolina Teixeira Pires.

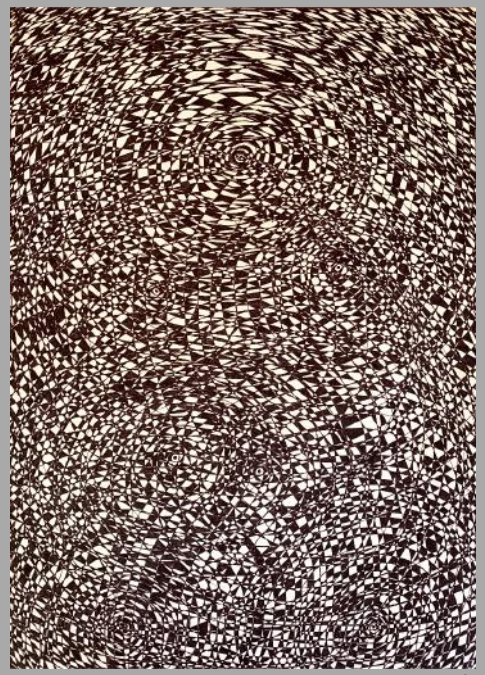
alquimia poética

desenhos e pinturas

7

Título: Portal
Materiais: Aquarela s/ Papel Canson
Dimensões: A4
Data: 2018 - 2019

Observações:
Esta pintura manifestou-se após o contato com as obras presentes na exposição Mundos Possíveis, de Hilma af Klint, em 11 de abril de 2018. Iniciei o desenho dia 18 do mesmo mês, 7 dias depois. Ele foi concluído em Fevereiro de 2019.



8

Título: Campos de consciência em interação
Materiais: Caneta Stábilo Preta s/ Papel Canson
Dimensões: A3
Data: 27 de Junho, 2020

Observações:
Observações na rotina de uma vida coletiva.

9

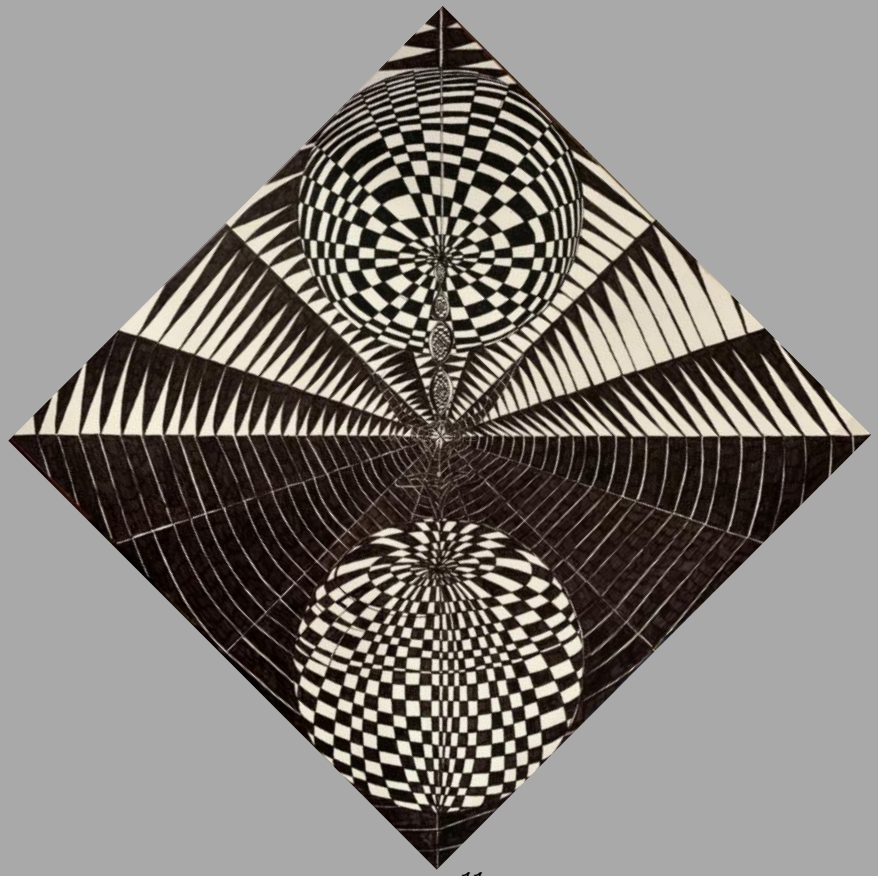
Título: Força da Lua
Materiais: Caneta Stábilo Preta, canetinha hidrográfica e caneta Posca s/ Papel Canson
Dimensões: A3
Data: 17 de Agosto, 2020

Observações:
Pôr-da-lua nova na floresta

10

Título: Entrelaçamentos / Canal Sushuma
Materiais: Caneta Stábilo Preta e caneta Posca s/ Papel Canson
Dimensões: 29,7cm x 12,3cm
Data: Agosto, 2020

Observações:
Fragmento de outras imagens, que estou desenhando e pintando e que acesso de forma ampliada e detalhada. Como quando utilizamos o recurso de aproximação (zoom) das câmeras fotográficas.



11

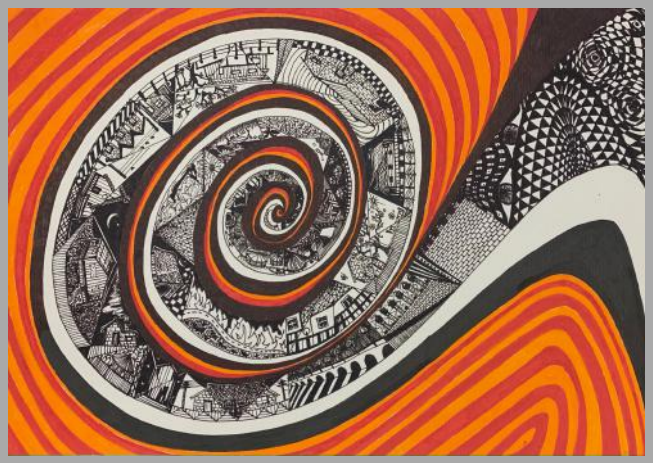
Título: Realidades
Materiais: Caneta Stábilo Preta e s/ Papel Canson
Dimensões: 30cm x 30cm
Data: Outubro, 2020

Observações:
Este trabalho conclui a série de estudos composta pelos desenhos / pinturas 7, 8, 9, 10 e 11.

alquimia poética

desenhos e pinturas

12



13

14

Título: habitações e habitats 1
Materiais: Canetas e canetinhas variadas (Stábilo, permanente, Posca) s/ Papel Canson
Dimensões: A5
Data: Agosto, 2020

Observações:
Este trabalho teve como disparador um giro pelo bairro do Tancredo, em Rio Branco, AC. Repare na curva de baixo, sob um céu estrelado: nossa casa na Aldeia Nova.

Título: habitações e habitats 2
Materiais: Canetas e canetinhas variadas (Stábilo, permanente, Posca) s/ Papel Canson
Dimensões: A5
Data: Março, 2021

Observações:
Este trabalho teve como disparador um giro pelo bairro do Tancredo, em Rio Branco, AC

Título: habitações e habitats 3
Materiais: Caneta Stábilo Preta e caneta Posca s/ Papel Canson
Dimensões: 29,7cm x 12,3cm
Data: Agosto, 2021

Observações:
Este trabalho teve como disparador um giro pelo bairro do Tancredo, em Rio Branco, AC

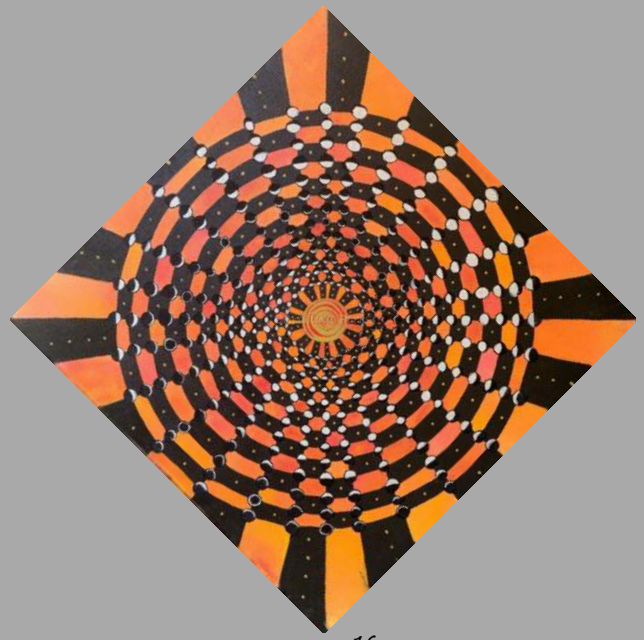
alquimia poética

desenhos e pinturas

15

Título: Tupinambá
Materiais: Canetas Permanentes metálicas + Tinta acrílica s/ Papel Canson
Dimensões: A4
Data: 31 de Maio, 2021

Observações:
Este trabalho poético ilustra a conexão com a força de Tupinambá, entidade que trabalha na linha das matas e da sabedoria.



16

Título: Tempo natural
Materiais: eGrafite, canetas permanentes e tinta acrílica s/ tela
Dimensões: 30cm x 30cm
Data: (em andamento)

Observações:
Estudo dos ciclos do tempo: um giro solar, 13 ciclos lunares.

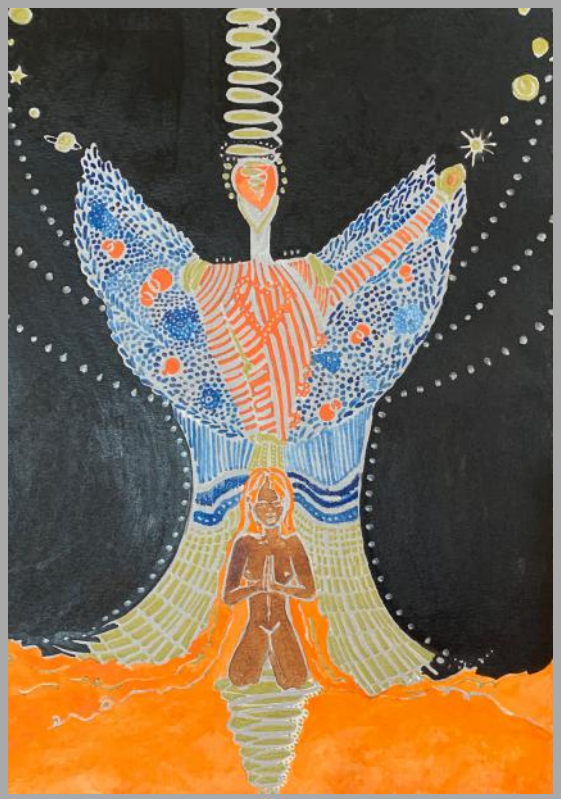
17

Título: Com-união
Materiais: Canetas Permanentes metálicas + Tinta acrílica s/ tela
Dimensões: 30cm x 30 cm
Data: 19 de Julho, 2021

Observações:
Miração acessada em um trabalho espiritual. Entendimentos sobre gênero, polaridade, complementaridade. Sobre a presença da dança das forças femininas e masculinas no Todo (ATKINSON, 2017).

alquimia poética

desenhos e pinturas



18

Título: São Miguel
Materiais: Canetas Permanentes metálicas + Tinta acrílica s/ Papel Canson
Dimensões: A4
Data: 31 de Outubro, 2020

Observações:
Esta pintura tomou forma durante um ciclo de trabalhos espirituais de cura (Trabalhos de Estrela - Santo Daime) realizados em Maio/Junho 2021

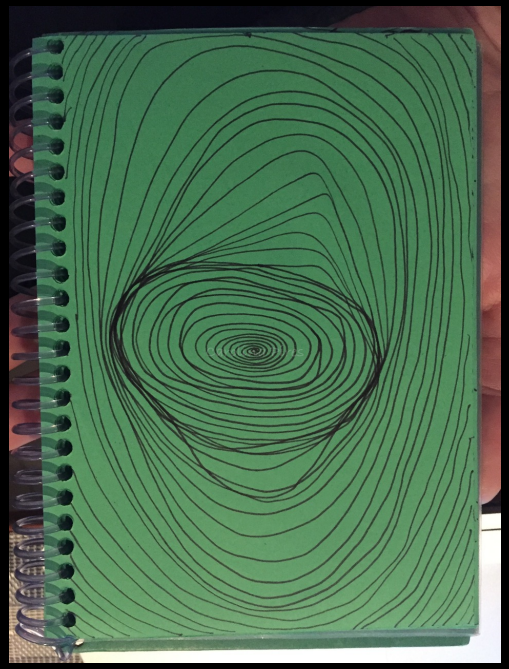
19

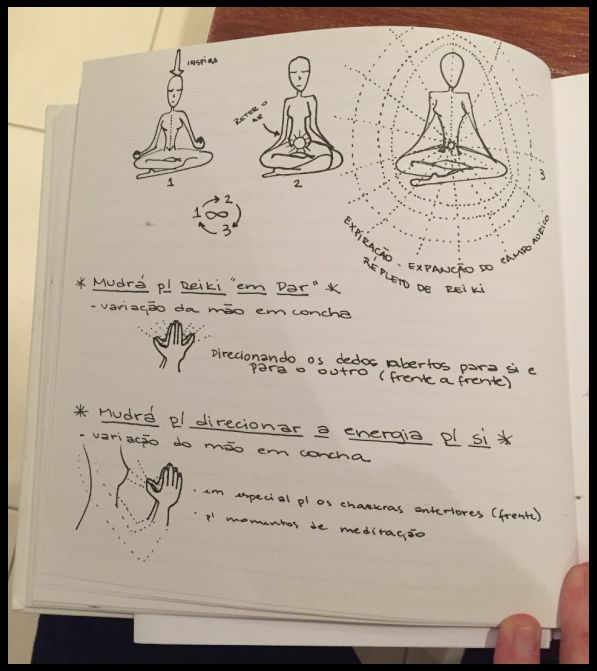
Título: Perdão à Terra Mãe
Materiais: Canetas Posca s/ Papel Canson
Dimensões: A4
Data: 28 Maio, 2021

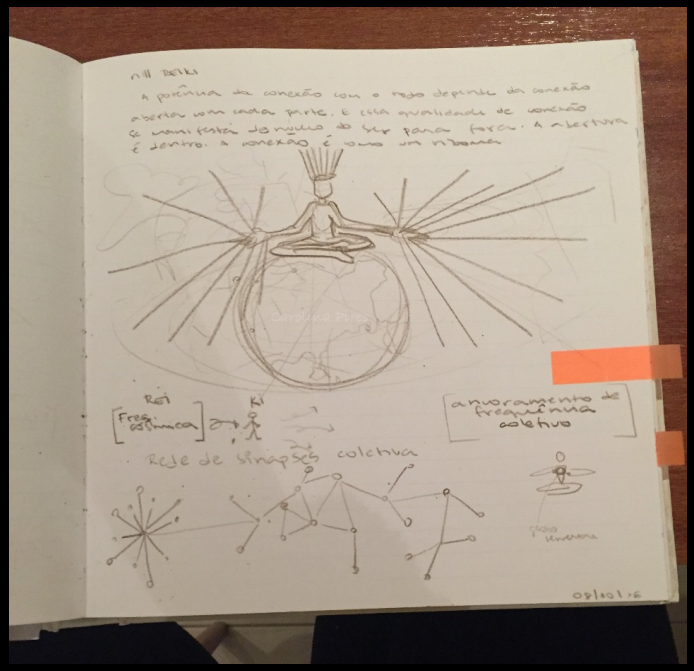
Observações:
Alquimia interior • perdão • transmutação • libertação: "Perdoar não é esquecer; é estar em paz com o que passou." (mensagem trazida durante um trabalho espiritual na linha do Santo Daime por uma entidade feminina que identifica-se como "Vó Maria", e trabalha na linha de pretos velhos regida por São Irineu)

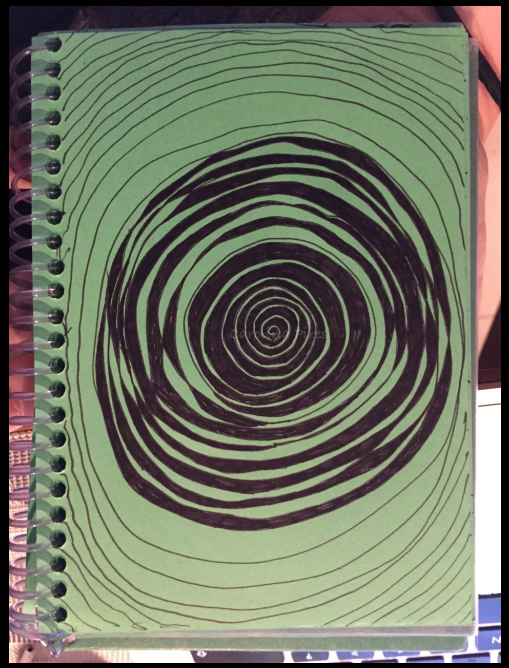
alquimia poética

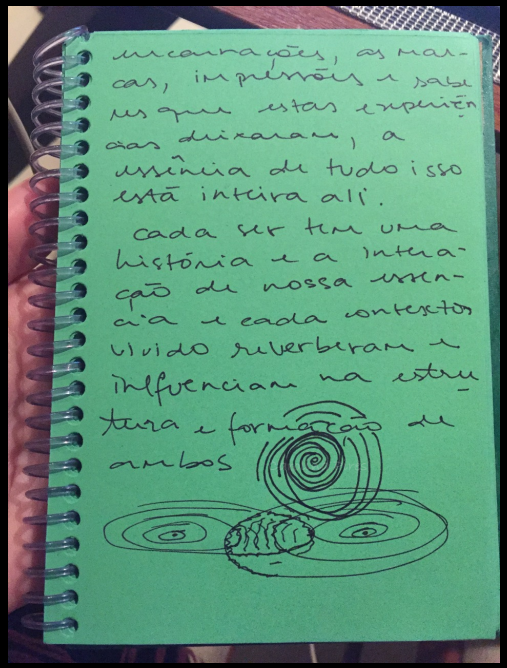
percursos • desenhos e pinturas 1 a 19 [apêndice B]

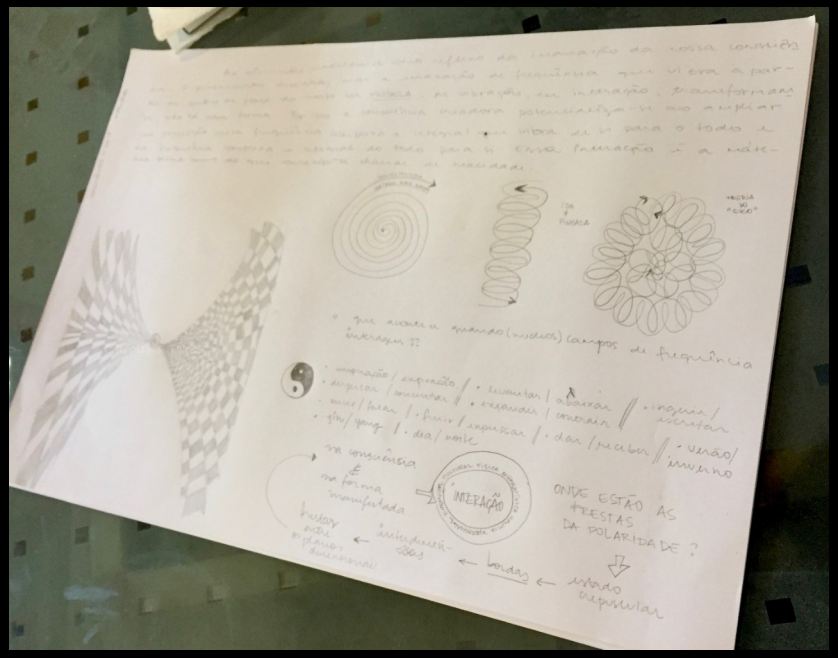




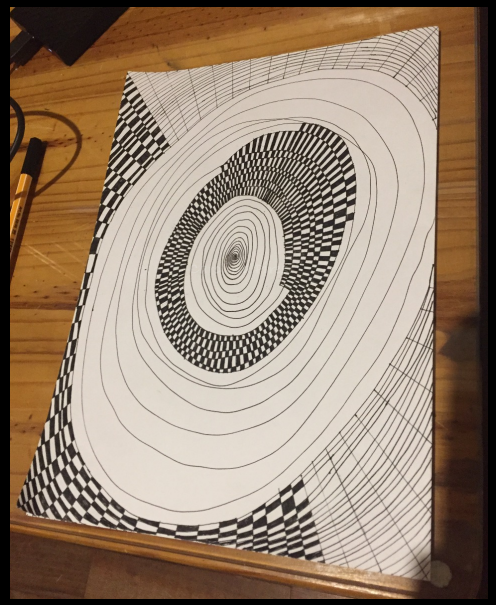


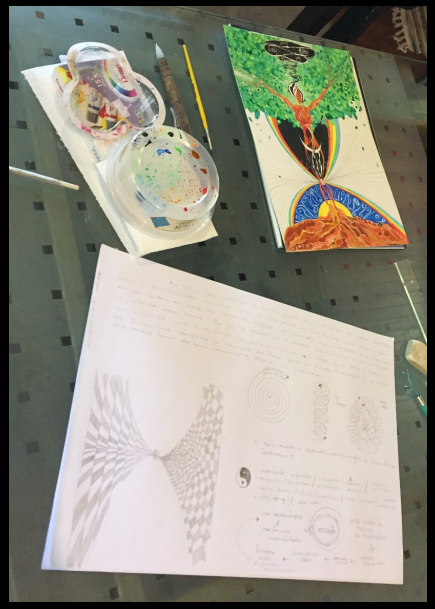


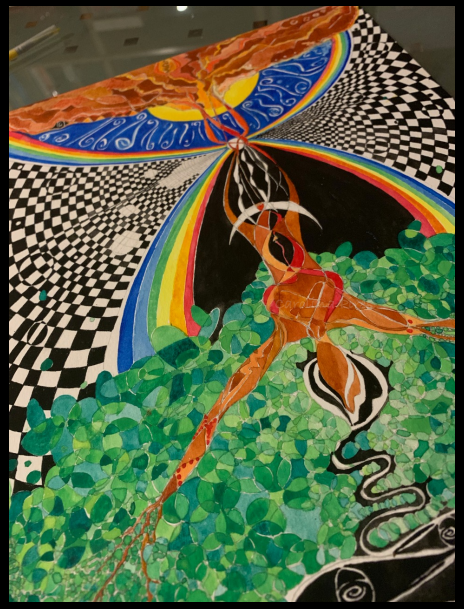




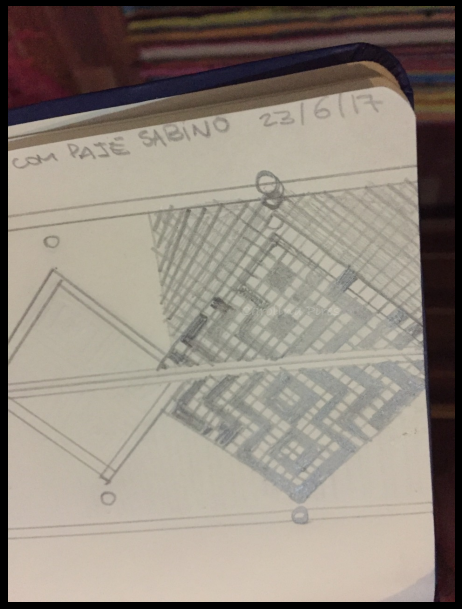
Documentações visuais dos percursos de criação dos desenhos e pinturas compartilhados nesta tese,
com imagens de estudos, trabalhos em andamento, materiais utilizados e ambientes onde foram elaborados.

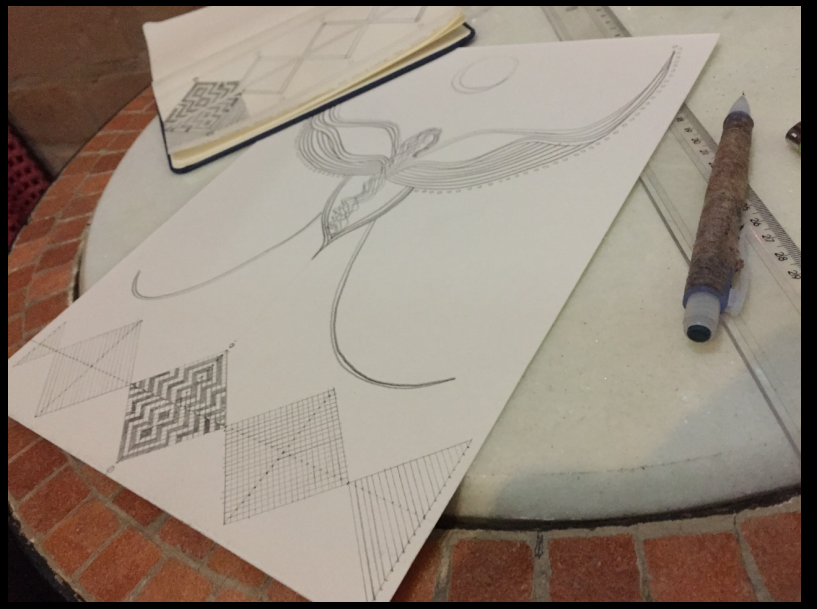


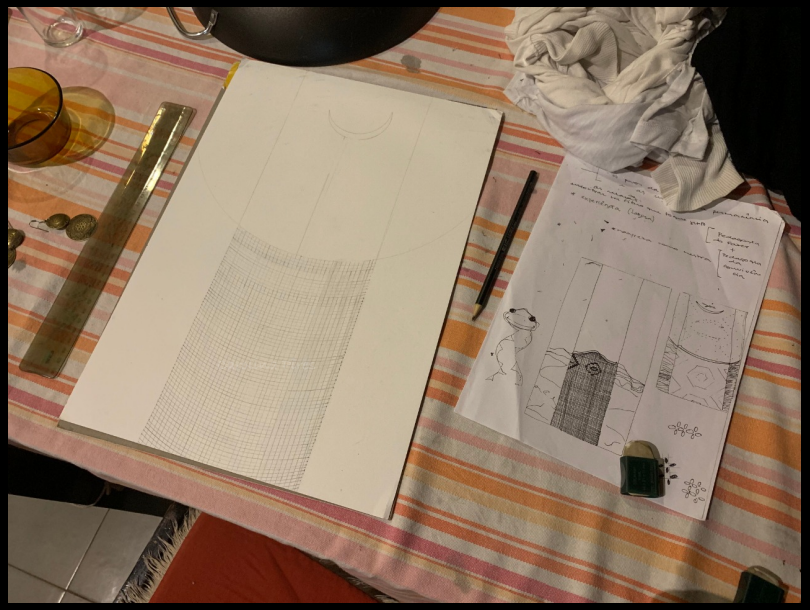


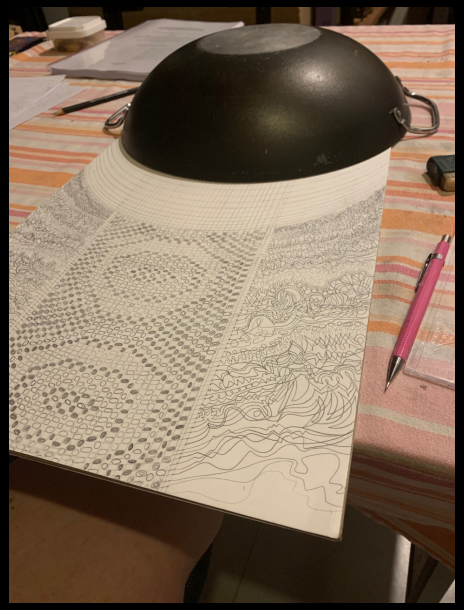


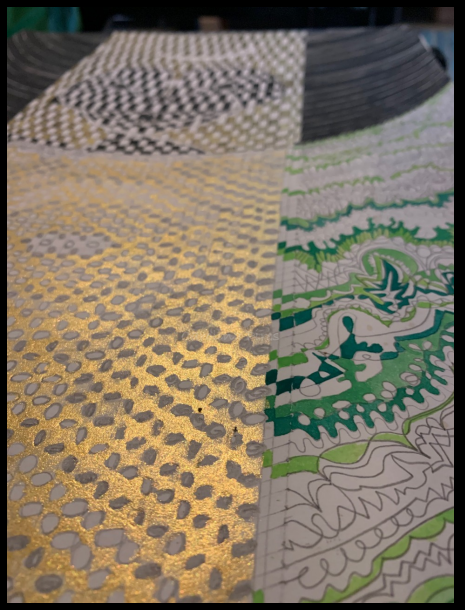
Documentações visuais dos percursos de criação dos desenhos e pinturas compartilhados nesta tese,
com imagens de estudos, trabalhos em andamento, materiais utilizados e ambientes onde foram elaborados.



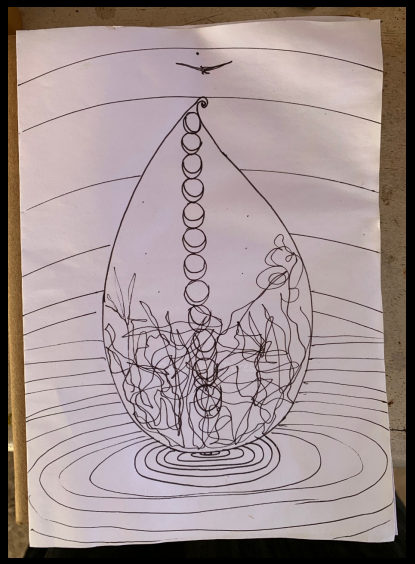


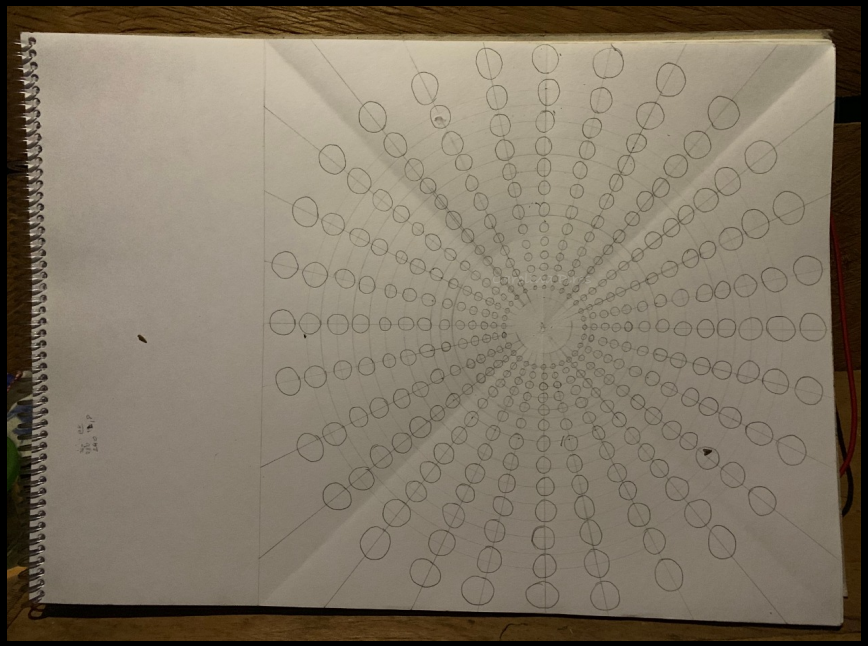


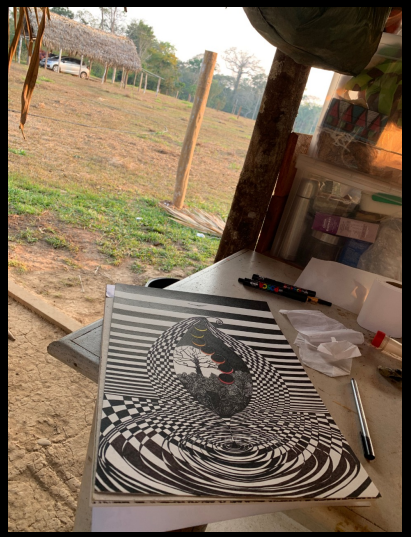


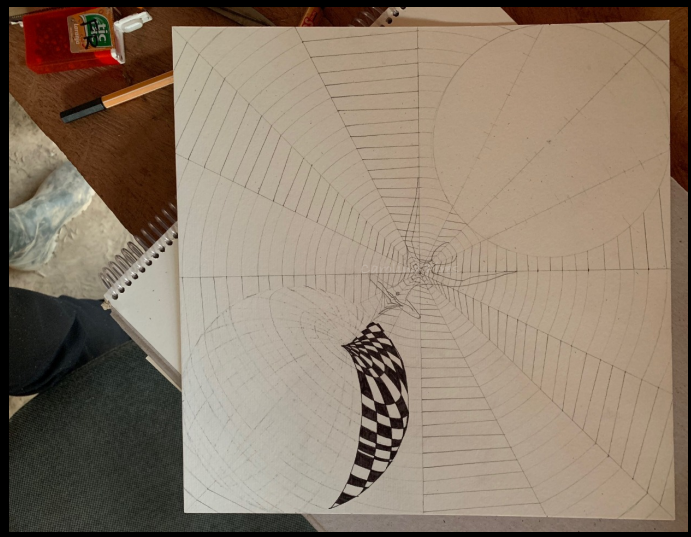


Documentações visuais dos percursos de criação dos desenhos e pinturas compartilhados nesta tese,
com imagens de estudos, trabalhos em andamento, materiais utilizados e ambientes onde foram elaborados.

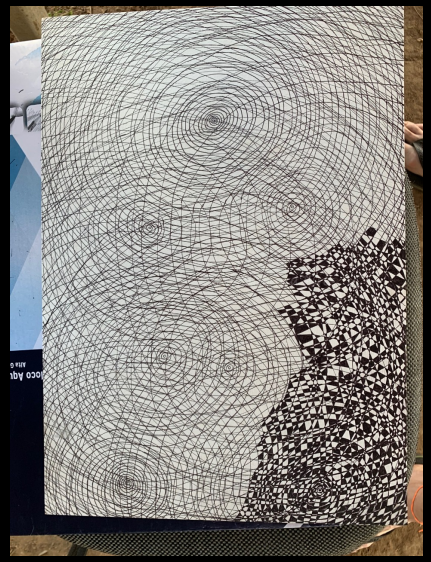


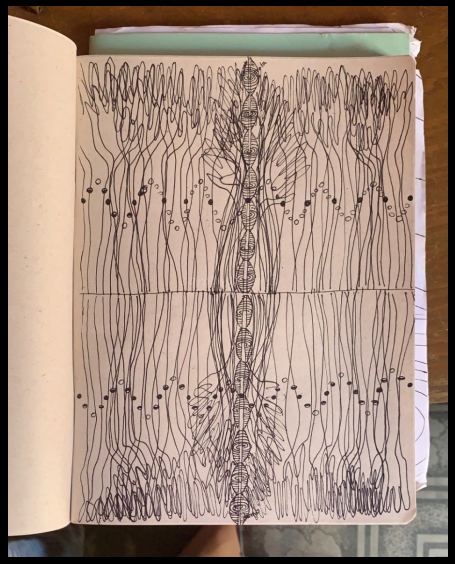


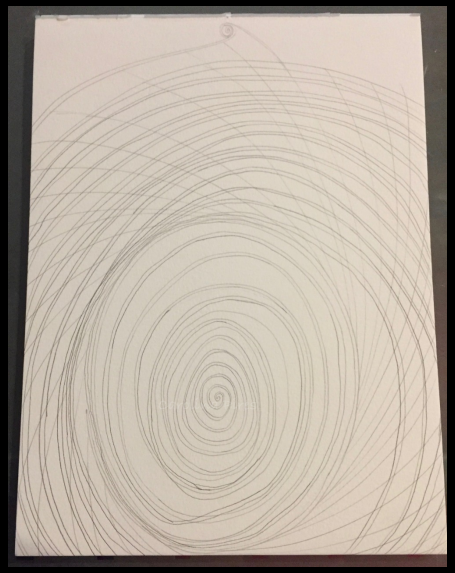




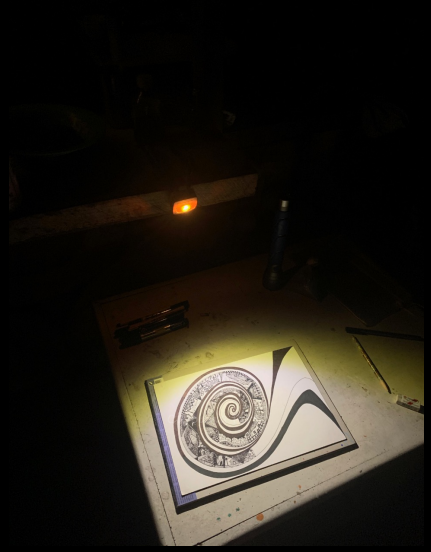
Documentações visuais dos percursos de criação dos desenhos e pinturas compartilhados nesta tese,
com imagens de estudos, trabalhos em andamento, materiais utilizados e ambientes onde foram elaborados.

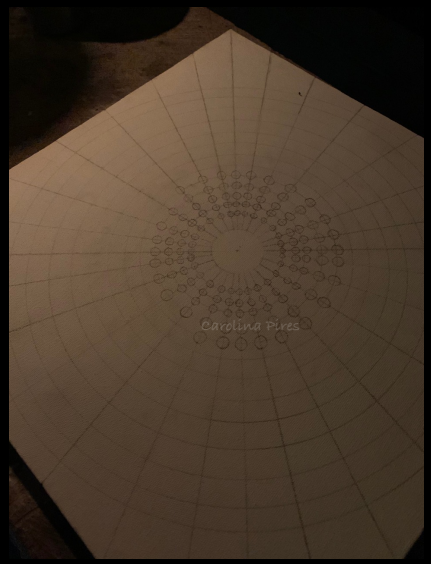




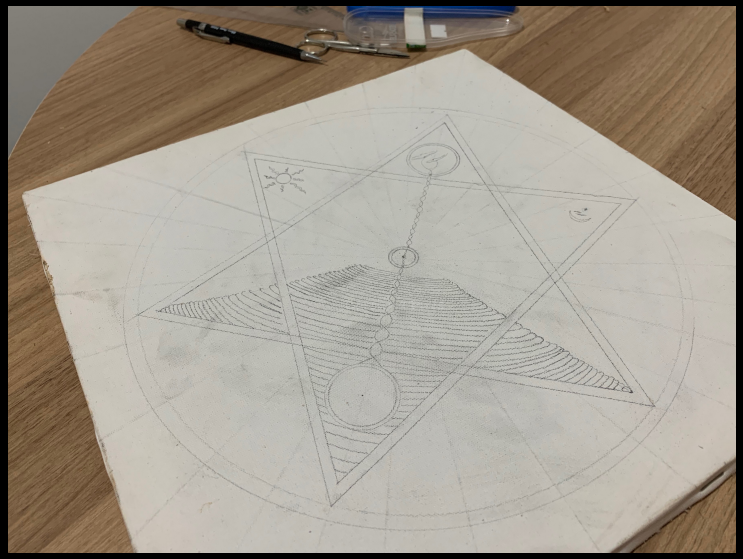


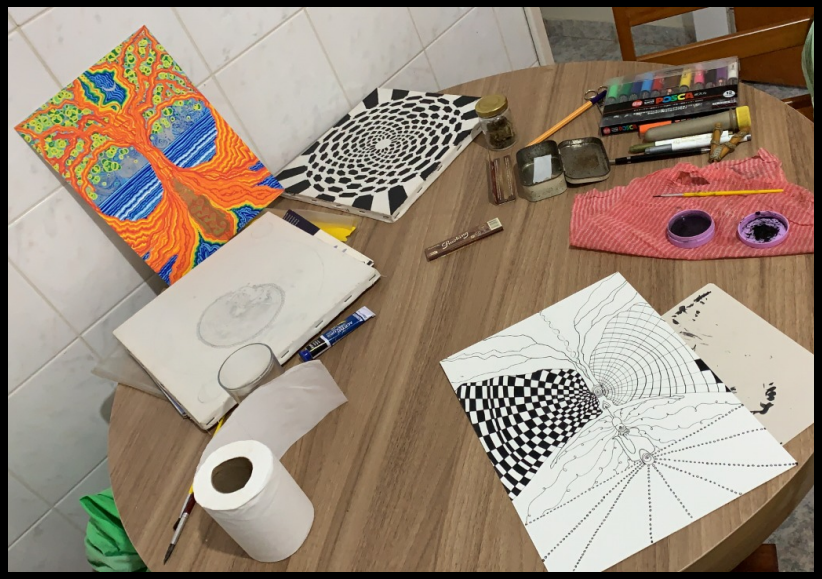
Documentações visuais dos percursos de criação dos desenhos e pinturas compartilhados nesta tese,
com imagens de estudos, trabalhos em andamento, materiais utilizados e ambientes onde foram elaborados.





Documentações visuais dos percursos de criação dos desenhos e pinturas compartilhados nesta tese,
com imagens de estudos, trabalhos em andamento, materiais utilizados e ambientes onde foram elaborados.





Documentações visuais dos percursos de criação dos desenhos e pinturas compartilhados nesta tese,
com imagens de estudos, trabalhos em andamento, materiais utilizados e ambientes onde foram elaborados.

artes anteriores

Desenhos e pinturas produzidos antes do ingresso no doutorado [apêndice C]

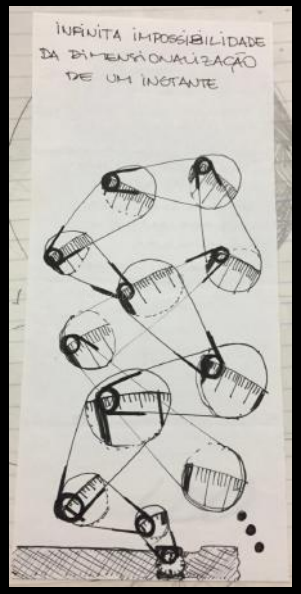
artes anteriores

Desenhos e pinturas produzidos antes do ingresso no Departamento de Artes Plásticas da ECA- USP, em 2002 [apêndice C.1]

1

2

3



4

5

ficha técnica

1. Estudos sobre a polaridade, dialogando com referências sobre o Taoismo. Grafite s/ papel Canson A3 (1999)
2. Estudos sobre amor, polaridades, tempo. Grafite e lápis de cor s/ papel sulfite A4 (1999)
3. PAZ. Lápis de cor aquerelável s/ papel poroso lilás A4 (2000)
4. Estudos sobre o tempo. Caneta preta s/ um pedaço de papel sulfite. (1999)
5. Estudos sobre as dinâmicas das relações. Grafite s/ papel sulfite A3 (1999)
6. O humano sobre a terra - portal dimensional. Tinta acrílica s/ tela 80 x 60cm (~ 2001)
7. Lua. Tinta acrílica s/ tela 30x40cm (~ 2000)
8. Conexão. Tinta acrílica s/ tela. 0,8 x 1m (2000 - 2010)
9. Ponte entre planos. Tinta acrílica s/ tela 80 x 60cm (1999-2000)
10. Energia da amizade. Tinta acrílica s/ tela 60 x 40cm. (2000)
11. Sobre o amor e o tempo. Tinta acrílica s/ tela 0,8 x 1m (1999)
12. Energia. Tinta acrílica s/ tela 0,8 x 1m (1998)
13. Vidência. Tinta acrílica s/ tela 0,8 x 1m. (2000)

artes anteriores

Desenhos e pinturas produzidos antes do ingresso no Departamento de Artes Plásticas da ECA- USP, em 2002 [apêndice C.1]

6

7

7

9

10

11

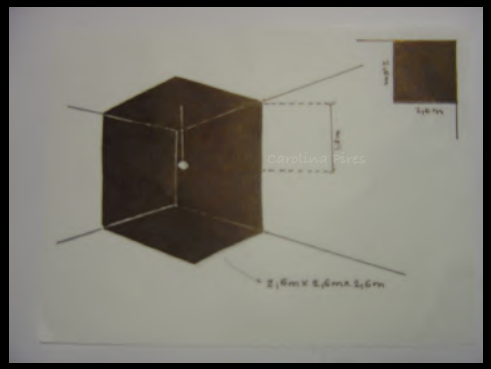
12

13

artes anteriores

Desenhos e pinturas produzidos entre o ingresso no ciclo da graduação (2002) e o ingresso do ciclo do doutorado (2017); no Departamento de Artes Plásticas da ECA- USP [apêndice C.2]

14



15

18

16

17

18

ficha técnica

14. Silencioso infinito interno. Instalação produzida como trabalho de conclusão de curso da graduação. Exposta no Paço das Artes (USP), como parte da exposição dos formandos do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP 2007; intitulada 27 formas. Placasd de acrilico 7x7cm com insulfilm, Led, interruptor, fios e pequena instalação eletrica, baterias de moeda., (2007)

15. Estudos para a instalação dos "cubinhos de infinito" (19) no espaço expositivo do Paço das Artes (USP). (2007)

16. Sobre o tempo e o movimento. Lápis de cor s/ papel Canson A3. [-]

17. Estudos sobre tridimensionalidade e bidimensionalidade. Caneta hidrocor e guache s/ tiras de papel Canson A2 (2000)

18. A dança das polaridades. Tinta acrílica s/ tela 30 x 40cm. (~2005)

19. Instalação da série "Dança das polaridades" para a expposição de trabalhos anual dos alunos do CAP. (~2005)

20. Sala de casa, com olhos de Henri Matisse. Tinta acrílica s/ tela. 50 x 50cm (2008-2016)

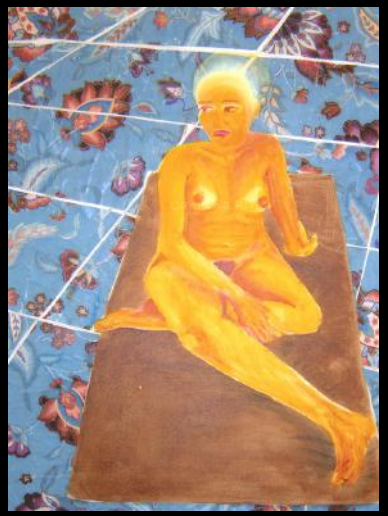
21. Estudos realizados durante a participação na disciplina "Desenho da Figura Humana", durante a graduação no CAP. Tinta óleo e colagem de papel de presente s/ tela 20 x 30cm (~2004)

22. Cachoeira da Lua. Alto Paraíso de Goiás, GO. Tinta óleo s/ tela 60 x 80cm (~2006)

artes anteriores

Desenhos e pinturas produzidos entre o ingresso no ciclo da graduação (2002) e o ingresso do ciclo do doutorado (2017); no Departamento de Artes Plásticas da ECA- USP [apêndice C.2]

20



21

22

23

24

25

ficha técnica

23. Praia do Aventureiro, RJ. Tinta óleo s/ tema 30 40cm (~2006)

24. Horizontes. Tinta óleo s/ tema 30 x 40cm. (~2007)

25. Desenho da miração que tive na ocasião da passagem da amiga Márcia Firmino. Lápis de cor aquarelável s/ tela. (2015)

26. Floresta adentro. Tinta acrílica s/ tela 0,8 x 1m (~2004-2008)

27. Estudos s/ a casa. Mediunidade. Tinta acrílica s/ tela. 0,8 x 1m. (~2008)

28. Força de Iemanjá. Tinta acrílica e tinta óleo s/ tela 30 x 30cm. (~2006)

29. Recebendo e dando passagem para a força de Iemanjá em uma gira. Incorporada e, simultaneamente, vendo o trabalho "de cima", na miração. Tinta acrílica e tinta óleo s/ tela 30 x 30cm. (~2006)

30. Mãozinhas de crianças. Tinta acrílica s/ tela 30 x 80cm. (~2008)

artes anteriores

Desenhos e pinturas produzidos entre o ingresso no ciclo da graduação (2002) e o ingresso do ciclo do doutorado (2017); no Departamento de Artes Plásticas da ECA- USP [apêndice C.2]

26

28

30

27

29